

Mistério do Áureo Florescer

KUNDALINI-YOGA, SEXO & TANTRISMO



Samael Aun Weor



Este livro digital foi disponibilizado gratuitamente pelo
Projeto Abragnose Digital, mantido pela
ABRAGNOSE - Academia Brasileira de Gnose.

O Projeto Abragnose Digital, por meio de contribuições
de estudantes gnósticos e simpatizantes,
tem por objetivo disponibilizar versões digitais gratuitas
de obras publicadas pela EDISAW - Editora Samael Aun Weor.

Para adquirir cópias impressas de obras do catálogo da EDISAW,
a preço de custo, visite a nossa loja na página www.edisaw.com.br.
Ao adquirir as versões impressas das obras da EDISAW
você contribui para a expansão do seu catálogo e
para a manutenção de sua obra de divulgação
do conhecimento gnóstico contemporâneo.

Para ajudar a manter este e outros trabalhos de cunho cultural,
assistencial e missionário você pode também contribuir diretamente
para com a ABRAGNOSE realizando doações
por meio da seguinte conta bancária:

Banco do Brasil
Agencia: 3390-1
Conta: 27.361-9
CNPJ 14.578.176/0001-30
Academia Brasileira de Gnose

Agradecemos o seu apoio!

Paz Inverencial!



EDISAW

Aviso de copyright:

Todos os direitos reservados para a EDISAW - Editora Samael Aun Weor.
A distribuição deste material é permitida desde que seja mantida a totalidade do material,
e seja expressamente mencionada a fonte (EDISAW / Projeto Abragnose Digital)
e ambos os nossos endereços na internet (www.gnose.org.br e www.edisaw.com.br).

MISTÉRIO DO
ÁUREO FLORESCER

Kundalini, sexo & tantrismo

Samael Aun Weor

MISTÉRIO DO
ÁUREO FLORESCER
Kundalini, sexo & tantrismo

1ª. Edição

Curitiba – PR

EDISAW

2016

MISTÉRIO DO ÁUREO FLORESCER

Kundalini, sexo & tantrismo
Samael Aun Weor

DO ORIGINAL:

El Misterio del Áureo Florecer

Mensaje de Navidad 1971 – 1972
Samael Aun Weor

Buddha Maitreya Kalki Avatara de la Nueva Era Acuaria
Primera Edición – Santiago de Cali, Valle del Cauca, Colombia – 1971

TRADUÇÃO E NOTAS:

Karl Bunn – Presidente da Igreja Gnóstica do Brasil
Curitiba – PR – Brasil – Janeiro de 2016

EQUIPE DE CAPA:

Ernaldo Lopacinski (coordenador)
Viviane Dománico (arte)
Ricardo Bianca de Mello (finalização)

PRODUÇÃO GRÁFICA:

Paulo Lima

DIAGRAMAÇÃO:

Pedro Luis Vieira

CTP E IMPRESSÃO:

Gráfica e Editora Pallotti

© Direitos autorais desta tradução:

IGB – EDISAW / Karl Bunn
www.edisaw.com.br
www.gnose.org.br
www.abragnose.org.br

NOTA DO EDITOR:

As Notas de Rodapé e os textos que aparecem entre colchetes [] são do tradutor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Weor, Samael Aun, 1917-1977.

Mistério do áureo florescer : kundalini, sexo & tantrismo /
Samael Aun Weor ; [tradução Karl Bunn]. -- 1. ed. -- Curitiba, PR :
Edisaw, 2016.

Título original: El misterio del áureo florecer

ISBN: 978-85-62455-31-5

1. Gnosticismo 2. Gnosticismo - Aspectos psicológicos
3. Sexualidade - Aspectos religiosos I. Título.

15-10859

CDD-299.932

Índices para catálogo sistemático:

1. Sexualidade : Gnosticismo : Religião
299.932

SOBRE O AUTOR



Samael Aun Weor é o nome esotérico de Víctor Manuel Gómez Rodríguez, nascido em 6 de março de 1917 em Bogotá – Colômbia – filho de Manuel Gómez e Francisca Rodríguez, tendo sido batizado com esse nome em 25 de abril de 1918 na Paróquia Nossa Senhora do Egito, conforme certidão de batismo em poder da Igreja Gnóstica do Brasil. O nome esotérico Samael Aun Weor foi definitivamente assumido no dia 27 de outubro de 1954, num evento transcendental testemunhado por dezenas de discípulos em um templo subterrâneo construído nas montanhas de Serra Nevada de Santa Marta (Colômbia); a partir desse acontecimento, todos os seus livros passaram a ser assinados como Samael Aun Weor.

APRESENTAÇÃO



Este livro é a Mensagem de Natal de 1971. Aqui é ensinado que para o Cristo nascer na Belém de nosso coração primeiro é necessário formar ou criar o Homem Terrestre.

Quem é esse Homem Terrestre? Como se forma dentro de nós?

O homem terrestre começa a ser formado dentro de nós a partir do momento que passamos a elaborar o Embrião Áureo.

O Embrião Áureo é a primeira e sutil cristalização de nossas energias criadoras (sexuais) mediante a prática das transformações do Mercúrio Filosófico dentro de nosso próprio laboratório orgânico (ver o livro **Tratado de Alquimia Sexual**, do mesmo autor).

Depois de haver criado o Embrião Áureo, vêm as Iniciações de Fogo, com as quais cristificamos nossos corpos energéticos internos. Em suma, o Homem Terrestre é o embrião áureo (nossa Essência) revestido com os corpos internos totalmente regenerados mediante o trabalho alquímico na Forja Viva de Vulcano.

O trabalho alquímico é realizado simultaneamente em duas esferas: a sexual e a psicológica. Este livro ensina e ressalta a prática do trabalho sexual. Mas também ensina o valor e a importância de saber aproveitar os poderes de Eros que são manejados sabiamente pela Divina Mãe Kundalini para eliminar os defeitos psicológicos que todas as pessoas carregam consigo em sua mente.

Em resumo, todo aquele que praticar com seriedade e perseverança os ensinamentos que são dados aqui alcançará o grau de *Adepto*, que é o primeiro grande passo para, mais tarde, se assim o quiser, encarnar o Cristo Íntimo. Mas essa já é uma outra disciplina; aos interessados recomendamos estudar o livro **As 3 Montanhas**, do mesmo autor (já traduzido e publicado pela Editora Samael Aun Weor).

Se o estudante que busca o *Adeptado* quer e precisa fazer ouro dentro de si (forjar o Embrião Áureo), assim também a divindade, o *Logos*, necessita de uma Era de Ouro. É o que o mundo vive nestes precisos momentos. Mas, antes que a Era de Ouro se manifeste em nosso mundo, este precisa passar por uma gigantesca crise ou purgação, que se precipitará em forma de uma grande catástrofe, a qual é esperada por todos desde há muitos séculos.

Vivemos, portanto, momentos decisivos, tanto na esfera pessoal e individual quanto na esfera global ou coletiva. Externamente estamos em pleno tempo apocalíptico; internamente tudo nos favorece para romper os selos iniciáticos para, ao fim, entrarmos gloriosamente na Jerusalém Celestial.

Em todo o mundo vivem milhares de *Bodddhisattwas* caídos. Esta é a hora mais favorável para retornarem à Casa do Pai Celeste. Normalmente os *Bodddhisattwas* caídos estão carregados de karmas a pagar. A melhor e mais efetiva forma de pagar essas dívidas é trabalhando sobre si, eliminando seus defeitos e restaurando o Fogo Sagrado em cada um de seus corpos Existenciais Superiores.

A Conduta Reta e a prática constante e permanente da caridade, ajudando o semelhante em suas dificuldades existenciais e espirituais em paralelo ao trabalho sobre si mesmo constituem a didática mais efetiva para se levantarem do lodo da Terra e retornarem à Morada Celeste.

Este livro, além de ressaltar os aspectos sexuais e psicológicos para se alcançar o Adeptado, também relata, a partir da experiência do autor, de que forma age e se manifesta o karma em nossas vidas. Se aprendermos as lições que a vida nos dá e nos decidirmos por uma Conduta Reta e uma constante prática de orações e boas obras, certamente teremos avanços e progressos notáveis em pouco tempo.

Gnose é toda uma filosofia de vida, é todo um sistema de vida prática e concreta. Quando aprendermos que a Iniciação é a própria vida retamente vivida deixaremos as teorias de lado e nos concentraremos em realizar rapidamente tudo o que este livro nos ensina.

Mãos à obra!

PAZ INVERENCIAL

Karl Bunn

Presidente da Igreja Gnóstica do Brasil

Curitiba, janeiro de 2016.

PRÓLOGO DO ORIGINAL



Nesta Mensagem de Natal – **Mistério do Áureo Florescer** – Samael Aun Weor apresenta novos ensinamentos do sobrenatural aos devotos da Senda. Esse conhecimento é totalmente sexual. Fala a respeito das maravilhosas forças *ódicas*¹, descrevendo-as de forma clara para que as conheçamos e aprendamos a manejá-las de acordo com nossas próprias conveniências. Nesta obra o autor dá mostras tangíveis do intercâmbio magnético pela união amorosa, e, por seu intermédio, alcançar a desintegração de nossos defeitos, mesmo os mais enraizados.

Quando os devotos da Senda chegam à Gnose estão tão debilitados que a maioria é incapaz de acabar com seus maus hábitos e costumes. Mais tarde, por meio da sabedoria gnóstica e da cristificação, não somente acabam com esses hábitos e costumes como também eliminam seus defeitos. Se já as pessoas sentem dificuldades para eliminar um hábito, um mau costume, bem mais difícil é eliminar um defeito.

Esta doutrina nos coloca em posição privilegiada, mediante a qual disporemos de forças que nos permitirão destruir as entidades tenebrosas formadas por nossos defeitos e nossas paixões animais. Com a revelação do poder do mantra *Krim*, já que não somos capazes de impulsionar o poder do amor para nos liberarmos das forças satânicas provenientes do erro, ao menos aprenderemos a gerar filhos superiores aprendendo a modificar nossa semente para a procriação.

Três fatores determinam a qualidade física, moral e mental de nossa semente: o pensamento, a respiração e a alimentação. O sementeiro vale pela semente que produz; a qualidade dos grãos depende da semente que o agricultor usa. Para melhorar a qualidade da nossa obra devemos melhorar nossa própria semente.

1 Força Ódica é a denominação dada por Reichenbach ao fluído imponderável e penetrante de todos os corpos.

Na vida prática vemos o agricultor ou cafeicultor usar só um tipo de semente. Igualmente, os fazendeiros se valem da inseminação artificial para evitar perder milhões de sementes. Mais razão ainda temos nós para, mediante a transmutação alquímica, aprendermos a ‘fecundação divina’, que consiste na utilização de um único espermatozóide para a fecundação quando a mulher está apta a ser fecundada. Esse período fértil, em situação normal, inicia no décimo quarto dia contado do início da menstruação, perdurando por mais dois dias. No caso de ciclos irregulares, primeiro é preciso regular os ciclos e, depois, pedir à Divina Mãe, juntamente com o esposo, que lhes seja concedido um filho, homem ou mulher. Quem se interessar por esse assunto, estude este livro e aqui achará a fórmula indicada.

O Senhor Jeová, Hierarca da Reprodução, permite que um espermatozóide forte e vigoroso escape [das vesículas seminais do homem] para fecundar [o óvulo feminino] sem haver necessidade de desperdiçar milhões deles como faz o fornicário que, dessa forma, vivifica seu próprio Satã com os espermatozóides restantes.

A educação desses filhos da luz é muito sagrada. O homem, em permanente estado de enamoramento de sua mulher, a cobre de mimos e atenções. Mais tarde, ao anunciar que está grávida, ele se aparta corporalmente dela. Ou seja: não mais tem relação sexual com ela [durante a gravidez] porque sua matriz está gestando uma criatura; e com isso não pode ao mesmo tempo gestar duas classes de seres: uma criatura humana e um embrião divino, que é o homem que abraça a Senda da Castidade Científica seguindo a via angélica ou *dévica*.

Durante a gestação o gnóstico tratará de tornar agradável a vida de sua esposa; o fato de não terem relação sexual nesse período os torna novamente ‘noivos’, mantendo-os em permanente transe amoroso e fortalecendo-os na vontade; deve o homem usar nesse período a magia amorosa de solteiro. Ao nascer o filho, o parto é sem dor, por ser filho da luz, um bem-aventurado. A magia de solteiro deve prosseguir até pelo menos 40 dias após o parto.

O leite materno pode ser melhorado tanto em qualidade como em força espiritual. O mesmo não pode ser feito com leite estranho: o de caixinha, por exemplo. Ao dar o seio ao bebê a mãe deve imaginar seu filho sadio, livre de enfermidades, projetar amor a todo seu Ser e pedir aos Mestres da Loja Branca que o protejam de todo mal.

A mãe deve evitar leituras [e cenas] de violências, brigas e tudo que gere tensões e preocupações porque tudo isso vai para o ventre de seu filho [por meio do leite materno]. Mais tarde, ao retomar a vida sexual com seu esposo, deve evitar as paixões e o marido deve dispensar a atenção que se dá a uma mãe em aleitamento. Pois, assim como a nenhum pai tem cabimento alterar as mameiras do seu pequeno filho, da mesma forma não tem cabimento alterar aquilo que é dado diretamente pela mãe.

Ao cumprir todos esses preceitos a Natureza ajuda a mãe dando-lhe condições para ter leite em abundância. Se a mãe quiser aumentar a produção do leite deve tomar bastante água com rapadura². Isso previne a diminuição do leite, a obstrução dos seios e os danos mamários decorrentes.

A mãe deve dar o peito sempre que a criança pedir, sem esperar as quatro horas que preconizam os textos que falam de maternidade. Nos primeiros 40 dias a mãe deve dormir com a criança, dando o peito livremente. Isso fará com que a criança seja alimentada também com a força da aura materna, força divina que a envolve especialmente nesse período em que ela é toda amorosa para com a criatura que acaba de nascer.

Como se pode perceber, a educação do filho começa desde o namoro, segue por toda a gestação e prossegue após o nascimento; a mãe deve se cuidar para para não ser afetada pelas notícias, fofocas, conjecturas, nem conselhos alheios que só trazem sofrimentos.

Se um único espermatozóide pode gerar tudo isso, o que então pode acontecer com os milhões que reservamos para nos dar luz e sabedoria? Isso é válido para homens e mulheres. A mulher mantém sua força criadora da mesma forma que o homem.

Aproveitem, então, os estudantes gnósticos os ensinamentos do **Mistério do Áureo Florescer**. As sagradas hierarquias vos guiarão para que todos compreendam esses mistérios. Os externos, os de fora, apenas irão querer ver as ilustrações do sexo-yoga descritas pelo Mestre nos diversos capítulos deste livro.

Se é conveniente aprender a gerar vida também é de grande interesse aprender a morrer. O Mestre fala claramente sobre a Lei do Retorno. O que morre no ente humano? O que perdura? O que segue?

2 Essa é a 'água de panela' que nada mais é que rapadura dissolvida em água.

Na morte perecem o corpo físico, o corpo vital (que dá vida ao corpo físico) e a personalidade – os três que tanto as criaturas humanas cuidam, por desconhecer como funciona a vida.

Muitos invocam os mortos, desconhecendo que a essas invocações acorrem, quase sempre, os cascões astrais, os múltiplos agregados ou ‘eus’ que formam o Satã interior.

O péssimo costume de invocar os mortos se generalizou em nossos dias; as pessoas acreditam que são as almas dos falecidos as que concorrem ao chamado; porém, são os egos satânicos da pessoa falecida. O contato com essas entidades sepulcrais permite que algumas delas se apoderem dos invocadores, gerando enfermidades que nem psiquiatras, nem médicos conhecem, e assim acabam indo para o manicômio; ou então, os familiares buscam pessoas conhecedoras dessa classe de entidade para que as expulsem do corpo.

Os estudantes gnósticos devem evitar por todos os meios comparecer a esse tipo de sessão de cura de possessos porque, muitas vezes, se tratam de entidades muito perversas que ocasionam sérios danos aos que tentam expulsá-las de seus corpos.

Também tornou-se comum o uso de tabelas de adivinhação; tristemente, vemos que as mocinhas nas escolas vêem isso como uma brincadeira inocente; mal sabem os pais dos prejuízos que isso ocasiona em seus filhos.

Os desencarnados são fantasmas frios porque, infelizmente, a população desconhece totalmente o aproveitamento das energias criadoras para transformar os corpos lunares com que nascemos. A sabedoria gnóstica ensina a criar corpos solares para que não só se aprenda a morrer como também a nascer.

Neste livro o estudante encontrará fórmulas concretas para determinar o sexo da futura criança que quer trazer ao mundo bem como também aprenderá a gerar filhos belos, inteligentes e dotados de outros fatores de grande importância para nossa existência.

O Mestre Samael, por meio destas **Mensagens de Natal**, está entregando ao mundo o **Quinto Evangelho**, abordando temas que jamais foram escritos anteriormente. Muitos são os ocultistas que acusam o Mestre de ter sido um *bodhisattwa* caído; ele próprio jamais negou tal realidade. Porém, também é verdade que se levantou sem a ajuda desses tontos, e hoje se encontra de pé.

Grandes foram os sacrifícios dele exigidos para se levantar e isso nos serviu de exemplo para nos levantarmos também. Ele foi o ‘grande sinal’ para todos que seguimos e aproveitamos seus conhecimentos. Seus detratores não tiveram o valor que teve nosso Mestre ao relatar não somente suas vitórias e triunfos, como também suas derrotas e humilhações; ele nos mostra o mal por conhecimento próprio, jamais por fantasias. Por todos os meios trata o Mestre de ensinar a doutrina, torná-la compreensível, pô-la ao alcance de todos. Esse tipo de valor somente o possuem os Super-homens, pois inúmeros detratores tomaram a confissão de seus erros para atacá-lo.

Isso me faz recordar do começo da gnose em 1950, quando publicou o primeiro livro: **O Matrimônio Perfeito**. Então nos dizia que em Cáli [cidade colombiana] muitos esoteristas o atacavam por haver bebido, por haver estado em diversas escolas e ordens, por haver percorrido a pé muitos caminhos e estradas como um vagabundo, por ser um desconhecido e por muitas outras afirmações parecidas.

Então o Mestre comentou com seu amigo de Cáli que havia elogiado o seu livro: “Esses esoteristas que me atacam são mortos-vivos, moradores de antigos sepulcros de minhas lembranças; eles murmuram a folharada do meu passado, aumentando mais ainda os defeitos que tinha na antiga personalidade que eu mesmo eliminei para forjar a atual e escrever esse livro que acabas de conhecer. Se Luzbel³ tivesse conhecido a sabedoria do pecado jamais teria caído. As donzelas podem cair, porém as Marias Madalenas jamais caem porque possuem a sabedoria do pecado e a vertigem do Absoluto. Vivekananda, antes de despertar, foi mulherengo e vagabundo. Gandhi, o libertador da Índia, foi boêmio e bêbado, de forma que ‘se não tivéssemos nos perdido, estaríamos perdidos’⁴. A Obra é tudo o que interessa”..

Julio Medina Vizcaíno
Summum Supremum Sanctuarium

3 Não há consenso sobre Luzbel. Uns afirmam ser o próprio Lúcifer, outros que se trata simplesmente de um ‘anjo caído’. No seu livro **A Conversão de Belzebu**, o autor diz que “Luzbel é um grande hierarca da Loja Negra; usa capa vermelha e túnica da mesma cor. Sua cauda ou rabo é sumamente longa e na ponta leva um papiro enrolado, onde está escrita a Ciência do Mal”.

4 Essa frase o autor atribui a Sócrates numa de suas conferências.

CAPÍTULO 1 MAGIA SEXUAL



A magia, segundo Novalis⁵, é a arte de influir conscientemente no mundo interior. Está escrito com brasas vivas no extraordinário livro da vida que o amor ardente entre homem e mulher opera magicamente. Hermes Trismegisto, o três vezes grande Deus Íbis de Thot, disse em sua Tábua de Esmeralda: “Dou-te amor no qual está contido todo o *summum* da Sabedoria”.

Todos temos algo de forças elétricas e magnéticas e exercemos como um ímã uma força de atração e repulsão... Entre os amantes é especialmente poderosa essa força magnética e sua ação chega muito longe.

A Magia Sexual (*Sahaja Maithuna*) entre marido e mulher fundamenta-se nas propriedades polares que têm seu elemento potencial no sexo. Não são hormônios ou vitaminas patenteadas que se necessita para a vida, senão de autênticos sentimentos do tu e eu, e por isso o intercâmbio das mais seletas faculdades afetivas e eróticas entre o homem e a mulher.

O ascetismo medieval da fenecida Idade de Peixes rechaçava o sexo, qualificando-o como tabu ou pecado. A nova ascética revolucionária de Aquário se fundamenta no sexo; é claro que nos mistérios do *Lingam-Yoni* se acha a chave de todo o poder. Da mescla inteligente do anelo sexual com o entusiasmo espiritual, surge, como por encanto, a Consciência Mágica.

Um sábio autor disse:

“A Magia Sexual conduz à unidade da alma e à sensualidade, ou seja, à sexualidade vivificada: o sexual perde o caráter malicioso e menos-prezado que só é aceito secretamente e com certa vergonha e então, ao

5 Pseudônimo de Georg Philipp Friedrich von Hardenberg – Poeta, escritor e filósofo alemão (Alemanha – 02.05.1772 – 25.03.1801).

contrário, é posto a serviço de um maravilhoso gozo de vida, penetrado por ele e alçado a componente da afirmação da existência que assegura felizmente o equilíbrio da personalidade livre”.

“Necessitamos com urgência evadir-nos da sombria corrente cotidiana da união vulgar, comum e corrente e entrar na luminosa esfera do equilíbrio magnético do “redescobrimento no outro”, de “achar em ti a Senda do Fio da Navalha”, “o caminho secreto que conduz à liberação final”.

“Só quando conhecermos e empregarmos as leis do magnetismo entre os corpos e as almas, todas as palavras sobre amor, sexo e sexualidade já não serão mais imagens fugazes e sem sentido, névoas que se desvanecem na luz”.

É clara a enorme dificuldade que apresenta o estudo da Magia Sexual. Não é nada fácil querer mostrar como ‘aprendível’ e ‘visível’ o Sexo-Yoga, o *Maitihuna*, com o governo das mais delicadas correntes nervosas e as múltiplas influências subconscientes, infraconscientes e inconscientes sobre o ânimo.

Falemos claramente e sem rodeios: o tema de Sexo-Yoga é questão de experimentação íntima direta, algo bem pessoal. Renunciar à concupiscência animal em prol da espiritualidade é fundamental na Magia Sexual, caso verdadeiramente queiramos encontrar o Fio de Ariadne da ascensão, o cordão áureo que há de nos levar das trevas à luz, da morte à imortalidade.

Um grande filósofo, cujo nome não menciono, diz:

“Se as autênticas forças procriadoras, anímicas e espirituais se acham situadas no fundo da nossa Consciência, encontramos precisamente no *sympathicus*, com sua rede irradiadora de sensíveis malhas de gânglios, o mediador e condutor à realidade interior que não só influi sobre os órgãos da alma, senão que também governa, dirige e controla os centros mais importantes no interior do corpo; guia, de maneira igualmente misteriosa, a maravilhosa concepção até o nascimento do novo ser, bem como os fenômenos do coração, rins, glândulas supra-renais, glândulas geradoras”, etc.

“Em troca, a toda sensibilidade e espiritualidade, a vida ritmada, [o *sympathicus*] intenta como autêntico *spiritus creator* do corpo e mediante a direção da corrente molecular e a cristalização de raios cósmicos

micos, balancear no ritmo do universo todos os elementos psíquicos e físicos que lhe estão subordinados”.

“Esse *nervus sympathicus* é em realidade também um *nervus ideoplasticus*; deve ser compreendido como mediador entre nossa vida instintiva-inconsciente e a moderação da viva imagem impressa em nosso espírito desde eternidades; é o grande equilibrador médio que pode apaziguar e reconciliar a perpétua polaridade, as auroras e crepúsculos do sol da alma, as manifestações de negro e branco, amor e ódio, Deus e Diabo, exaltação e rebaixamento”.

O andrógino divino da primeira raça humana, o *Adam-Kadmon*, reproduzia-se unicamente pelo poder da vontade e da imaginação mágica [*Kriya-Shakti*], unidas em vibrante harmonia.

Os antigos sábios da Kabala afirmaram que tal potência volitiva e imaginativa se perdeu pela queda no pecado, pelo qual o ser humano foi arrojado do Éden.

Esta magnífica concepção sintética da Kabala hebraica tem por base uma tremenda verdade; sendo assim, é precisamente função da Magia Sexual restabelecer, dentro de nós mesmos, essa unidade original divina do andrógino paradísíaco.

Certo sábio disse enfaticamente o seguinte: “Pratica a Magia Sexual transfigurando corporalmente e procura uma acentuação ideal ao sexual na alma. Por isso são capazes de praticar Magia Sexual só os seres que tratam de superar o dilema dualista entre o mundo anímico e o dos sentidos, os quais dotados de íntima chama, se achem absolutamente livres de qualquer espécie de hipocrisia, dissimulação, negação e desvalorização da vida”.

CAPÍTULO 2
RASPUTIN



Quero enfatizar a idéia básica que podemos formular da seguinte forma: “Os grandes fascinadores da lascívia e da libertinagem pertencem mais ao tipo Casanova⁶ que ao famoso Don Juan Tenório⁷”.

Se o astuto tipo *Don Juan* reflete todas as suas aventuras amorosas no maligno espelho egocêntrico de sua fantasia, com a abominável intenção de rebaixar a mulher, de profaná-la vilmente, de violá-la e difamá-la perversamente mediante a cópula passional única e sem repetição no “impulso do pecado”, torna-se incontestável a especial modalidade de ódio masculino contra a mulher.

Pela lei dos contrastes, no tipo *Casanova* predomina o desejo libidinoso da fascinação sexual exclusivamente nos impulsos instintivos naturais e sentimentais. Desafortunadamente, essa classe de pessoa é insaciável, sofre e faz sofrer. O tipo *Casanova* é uma espécie de ‘mestre sedutor’ da mulher; parece ter o dom da ubiqüidade, pois o vemos por todas as partes, aqui, ali, lá e acolá; é como o marinheiro que em cada porto tem uma namorada; muitas vezes se compromete e jura amor eterno...

Em contraposição ao sadismo sexual refinado do tipo *Don Juan*, descobrimos no tipo *Casanova* o homúnculo racional que quer afogar nos leitos de prazer o tédio insuportável de sua própria existência.

Outra variedade, felizmente pouco comum de fascinador de mulheres, convém que a denominemos de ‘tipo diabo’. Um dos mais genuínos representantes des-

6 Giacomo Girolamo Casanova (Veneza, 2 de abril de 1725 — Duchcov, Reino da Boêmia, 4 de junho de 1798) foi um escritor e aventureiro italiano.

7 Don Juan Tenorio é um drama religioso-fantástico-romântico publicado em 1844 pelo espanhol José Zorrilla (1817 – 1893).

se sinistro tipo foi, sem dúvida alguma, o monge Gregor Rasputin⁸ – estranho asceta apaixonado pelo mais além, espécie de hipnotizador rústico em hábito religioso...

Sob todas as luzes destaca-se com total clareza que a despótica força mágica do “Diabo Sagrado” Rasputin era devido exclusivamente à sua tremenda potência sexual. O czar e a czarina se ajoelhavam diante dele; acreditavam ver, nesse monge fatal, um santo vivo.

É óbvio que Rasputin encontrou o ânimo dos czares muito favorável graças ao mago francês Papus (Dr. Encause), médico de cabeceira dos soberanos. Diz Charles Waldemar⁹:

“Das mais instrutivas são as memórias diplomáticas do antigo embaixador francês em São Petersburgo, Maurice Paléologue, publicadas pela **Revue des Deux Mondes**. O embaixador descreve uma invocação de espíritos efetuada pelo conspícuo ocultista francês Papus (Dr. Encause) certamente a pedido expresso dos czares. A causa de tal sessão foram os distúrbios revolucionários de 1905. Papus havia de conjurar a revolta mediante um grande exorcismo na presença do czar, da czarina e do capitão-ajudante Mandryka”.

“Paléologue¹⁰, como garante Papus, com quem tinha relações amistosas, informa: Mediante uma intensa concentração de sua vontade e um extraordinário acréscimo de seu dinamismo fluidico, o mago conseguiu evocar a sombra do muito piedoso Czar Alexandre III: sinais indubitáveis provaram a presença do espírito invisível”...

“Apesar da angústia que lhe oprimia o coração, Nicolau II perguntou a seu pai se devia reagir ou não contra a corrente liberal que ameaçava destruir a Rússia. O fantasma respondeu: Deves extirpar, custe o que custar, a incipiente revolução. Mas, um dia voltará a brotar de novo e será tanto mais violenta quanto mais dura for a atual repressão. Não importa! Ânimo, filho meu! Não deixe de lutar!”

8 Grigoriy Yefimovich Rasputin, 22 de janeiro de 1869 – Petrogrado, atual São Petersburgo – 30 de dezembro de 1916).

9 Charles Waldemar, alemão, autor do livro *Magia Sexual (Magie der Geschlechter)*, publicado na Alemanha em 1958 e amplamente citado e utilizado pelo autor ao longo deste livro em sua versão ao espanhol de 1963. Desconhecemos existência de edição no Brasil.

10 Maurice Paléologue (1859 – 1944), Paris.

Waldemar, o sábio, diz:

“O czar, como notório crente nos espíritos, devia, pois, prestar grande atenção a um homem como Rasputin, que vinha precedido de grande fama como curandeiro milagroso. O monge-camponês também era parte de uma categoria muito extensa na Rússia da época, a dos chamados ‘magos de aldeia’, possuindo um magnetismo vital tão extraordinário, devido à insólita potência sexual, que devia produzir o efeito de uma força primitiva, irrompendo nos círculos da nobreza petersburguense, em parte já degenerada”.

“Uma de suas primeiras proezas na corte foi tratar magneticamente o herdeiro do trono, que sofria de hemofilia, tendo conseguido conter as hemorragias, coisa que os médicos não haviam conseguido”.

Continua o sábio Waldemar:

“Desde esse instante tremeram diante dele grandes duques, ministros e toda a camarilha da nobreza, pois a circunstância de que tivera em suas mãos a vida do *zarevitz* granjeou-lhe a ilimitada confiança do czar e da czarina. E esta confiança a soube utilizar em seu proveito cabalmente; governou a seu capricho os czares e, por conseguinte, a Rússia. Ao aumentar constantemente seu poder, um grupo de adversários de elevada ascendência e posição, em cuja cabeça se achava o Príncipe Yussupov e o grande duque Pavlovitsch, decidiu suprimir o importuno monge milagreiro”.

“E, assim, numa ceia no palácio do citado príncipe, foram servidos ao monge convidado, manjares e bebidas envenenadas com cianureto de potássio, em doses tão fortes que poderiam matar uma vintena de homens ou mais em alguns segundos. Porém, Rasputin comeu e bebeu com crescente apetite e o veneno não parecia surtir efeito algum sobre ele”.

“Os conjurados se inquietaram; porém, seguiram animando o odiado a que comesse e bebesse mais. Nem por isso o veneno tinha poder sobre o monge milagreiro; pelo contrário, o maldito parecia sentir-se cada vez mais à vontade. Em consequência, os conjurados concordaram que Yussupov o mataria com uma pistola. Disparou, pois, o Príncipe e Rasputin caiu ao solo; os conjurados o deram por morto”.

“Yussupov que havia atingido o monge no peito, se dispôs a virar a face do caído; porém, ante seu espanto, Rasputin lhe deu um empurrão, se pôs em pé e, com pesados passos, intentou escapar da habitação. Então o conjurado Purischkjewitsch fez quatro disparos contra o monge que voltou a cair novamente; alçou-se outra vez, sendo agora golpeado a bastonões e chutes pelo furioso Purischkjewitsch, até que pareceu definitivamente acabado. Porém, a vitalidade de Rasputin era tal que ainda deu sinais de vida quando os conjurados meteram seu vigoroso corpo num saco, amarrando-o e arrojando-o depois de uma ponte em meio aos blocos de gelo do rio Neva”.

Este foi o final trágico de um homem que poderia ter se auto-realizado a fundo. Infelizmente, o monge Gregor Rasputin não soube utilizar sabiamente a formidável potência sexual que a natureza o dotara e desceu ao plano da mais baixa sensualidade.

Uma noite qualquer me propus a investigar de forma direta o desencarnado Rasputin. Como conheço bem todas as funções psíquicas do *eidolon*, o corpo astral do homem autêntico, não me foi difícil realizar o desdobramento mágico. Vestido, pois, com esse corpo sideral de que tanto fala Felipe Teofrasto Bombasto de Hohenheim (Paracelso), abandonei meu corpo físico para mover-me livremente na quinta dimensão da natureza, o mundo astral.

O que vi com o sentido espacial (Olho de Hórus) foi terrível. Não é exagero afirmar enfaticamente que tive que penetrar numa taberna espantosa onde somente se viam barris cheios de vinho, entre os quais deslizavam aqui e ali multidões de horripilantes criaturas à semelhança de homens.

Eu buscava Rasputin, o ‘Diabo Sagrado’; queria conversar com esse estranho monge, ante o qual tremeram tantos príncipes, condes, duques e marqueses da nobreza russa. Mas eis que aqui, em vez de um eu, via muitos eus e todos eles constituíam o mesmo ego do monge Gregor Rasputin. Tinha, pois, ante minha vista espiritual, em toda a presença de meu Ser Cósmico, um amontoado de diabos, um ‘eu pluralizado’, dentro do qual só existia um elemento digno: a Essência.

Não achando, pois, um sujeito responsável, eu me dirigi a uma dessas abomináveis criaturas grotescas que passou perto de mim: “Eis aqui o lugar onde vieste parar, Rasputin! Este foi o resultado de tua vida desordenada e de tantas orgias e vícios”.

– Equivocas-te, Samael, contestou a monstruosa figura, como que defendendo-se ou justificando sua vida sensual; e logo acrescentou: “A ti te faz falta a linha da intuição”.

– A mim não podes enganar, Rasputin, foram minhas últimas palavras. Logo me retirei daquele tenebroso antro situado no Limbo, o Orco dos clássicos, o vestíbulo do reino mineral submerso.

Se Rasputin não tivesse feito em vida muitas obras de caridade, a estas horas estaria involuindo no tempo, dentro dos mundos submersos, sob a crosta da Terra, na morada de Plutão.

Passaram muitos anos e eu sigo meditando: os seres humanos ainda não têm uma individualidade autêntica; o único que continua depois da morte é um amontoado de diabos.

Que horror! Eus-diabos ... Cada um de nossos defeitos psicológicos é representado por alguma dessas abomináveis criaturas dantescas...

CAPÍTULO 3
O DIABO ILUSIONISTA



É clara a existência de um mediador plástico extraordinário nesse ‘homúnculo intelectual’, equivocadamente chamado ‘homem’. De forma enfática quero me referir ao plexo solar, o centro emocional, sabiamente colocado pela natureza na região do umbigo.

É inquestionável que esse magnífico ascendente do ‘bípede tricerebrado’ ou ‘tricentrado’ se satura integralmente com a essência sexual de nossos órgãos criadores. Foi-nos dito que o ‘olho mágico’ do ventre é estimulado frequentemente pelo Hidrogênio Sexual Si-12 que sobe dos órgãos sexuais.

É, pois, um axioma inquebrantável da Filosofia Hermética que na região do ventre existe um poderoso acumulador energético sexual. Mediante o agente sexual, qualquer representação pode tomar forma no campo magnético do plexo solar. O ideoplástico representativo constitui, em si mesmo, o conteúdo do baixo ventre.

De modo algum exageramos ao enfatizarmos a idéia básica de que no ventre são gestados os eus que surgem mais tarde à existência. Tais entidades psicológicas, ideoplásticas, de nenhuma maneira viriam à existência sem o agente sexual. Cada eu é, pois, uma viva representação psicológica que surge do ventre; o ego pessoal é uma soma de eus.

O animal intelectual certamente é uma máquina controlada por diversos eus. Alguns eus representam a ira com todas as suas facetas; outros, a cobiça; aqueles, a luxúria; etc.

Esses são os Diabos Vermelhos citados pelo **Livro dos Mortos** do antigo Egito. Em nome da verdade, é indispensável dizer que o único digno que levamos dentro é a Essência; infelizmente, esta, em si mesma, está dispersa e enfrascada em cada um dos diversos eus.

O Diabo Ilusionista toma forma na potência sexual; alguns eus muito fortes costumam produzir variados fenômenos físicos assombrosos. Charles Walde-
mar relata o seguinte caso:

“O prestigiado síndico da cidade de San Miniato al Tedesco, situada entre Florença e Pisa, tinha uma filha de 15 anos, sobre a qual veio o demônio, de maneira que causou sensação no país”.

“Não era só o fato da cama em que a moça se deitava se mover de um lado para o outro da habitação, como também a grande quantidade de vasilhas quebradas na casa; portas e gavetas se abriam e tal era a barulheira que os moradores passavam a noite tremendo cheios de espanto”.

“Na presença dos pais, a filha foi atacada de tal forma pelo maligno que, apesar das súplicas e implorações da moça, ela foi alçada pelos quadris e elevada no ar”.

“Em vão ela clamou invocando ‘Santa Virgem Maria! Ajuda a me salvar’. E isso na presença de centenas de habitantes da cidade. Foi arrastada pela janela, subindo e descendo por vários minutos diante da casa e sobre a praça do mercado”.

“Não é, pois, de estranhar que quase toda a cidade acorreu para lá; homens e mulheres pasmando-se ante o inaudito e espantando-se pela crueldade do diabo, comentando entre si sobre o valor da moça”.

“Um relato da época diz que todos se achavam aterrorizados e como-
vidos profundamente pelo aspecto da mãe e das mulheres da família que, com o cabelo solto, arranhavam o rosto com as unhas e golpeavam o peito com os punhos e enchiam o ar de lamentos e alaridos cujo eco ressoava pelas ruas”.

“A mãe, sobretudo, gritava ora à sua filha, ora ao demônio, pedindo a este que jogasse sobre ela [a mãe] toda a desgraça; logo se dirigiu de novo às pessoas, especialmente às mães, para que se ajoelhassem com ela, implorando ajuda a Deus, coisa que todas fizeram num instante”.

“Ó Deus Santo! Em seguida, a filha despencou sobre sua mãe e conso-
lou-a meio morta, com semblante alegre: Abandona o temor, minha mãe! Pára de chorar que aqui está tua filha! Não temas pelo fantasma

do diabo, rogo-te! Crês acaso que fui torturada e maltratada? Não, pelo contrário, encontro-me cumulada de uma deliciosa e indizível doçura... Pois sempre o amparo de todos os desconsolados tem estado ao meu lado, ajudando-me e falando-me para me dar ânimo e constância. Assim, me dizia, ganha-se o céu”.

“Estas palavras encheram os presentes de alegria e assombro ao mesmo tempo e então saíram de lá aliviados. Porém, apenas regressara a família à sua casa, o diabo irrompeu novamente; lançando-se com toda a violência sobre a moça, pegou-a pelos cabelos, apagou as lâmpadas e velas, revolveu caixas e caixões e toda a mobília. E quando de novo pôde o pai acender as luzes, a filha se arrojou sobre o crucifixo da casa e clamou com voz dilacerante: Faze com que eu trague a terra, Senhor, antes de me abandonar! Sustém-me e libera-me, eu te imploro encarecidamente!”

“E falando assim prorrompeu em prantos, enfurecendo ainda mais o maligno que lhe arrancou primeiro a camisa do corpo, logo o vestido de lã e, finalmente, a sobreveste de seda, como costumavam usar as moças na época, desgarrando-a e destroçando-a toda; quando se achava quase desnuda, começou a arrancar-lhe o cabelo”.

“Ela gritava: Pai, traze-me um vestido, cobre minha nudez! Virgem Santa, ajuda-me! Finalmente, e depois que o demônio a fizera objeto de mais sevícias, um sacerdote conseguiu libertar a jovem dos braços do maligno realizando uns exorcismos e uma peregrinação”.

Até aqui o interessante relato de Waldemar. É evidente que o demônio sádico que atormentou essa pobre moça, sem dúvida era o Diabo Ilusionista, um forte eu-diabo da donzela que tomou forma na potência sexual dela mesma. Isso é tudo.

O caudal de exteriorizações ideoplásticas, sexuais, que se manifesta especialmente durante os anos da puberdade, costuma ser realmente tremendo; então é quando criamos eus terríveis, capazes de produzir fenômenos sensacionais.

A raiva de não poder amar ou o fato mesmo de sentir-se enganado por alguém, sem dúvida é um verdadeiro inferno e provoca aquelas espantosas emanações sexuais fluídicas capazes de converter-se no Diabo Ilusionista.

CAPÍTULO 4
A LANÇA ESOTÉRICA



A lança esotérica crística do Santo Graal e a pagã hasta dos pactos mágicos, ostentada por Wotan [Odin], é a mesma lança bendita, considerada sagrada por todos os povos desde a mais remota antiguidade.

Seja por ter um caráter fálico e simbólico do poder sexual viril, seja por se tratar da arcaica arma de combate que no amanhecer da vida o homem pôde criar, é certo que a lança romana, como é sabido, era algo assim como a balança da justiça presidindo todas as transações jurídicas do primitivo direito quirritário ou da lança (*Kyrius*), e, muito especialmente, as núpcias entre os que gozavam do direito de cidadania, por certo, muito apreciado.

As matronas romanas que se achavam sob a tutela da bendita Deusa Juno eram chamadas muito sabiamente de *Curetis* (Cauretes ou *Kyrius*, e, daqui, *Walkyrius*), por causa de *Cures* ou Torre, cidade dos Sabinos fundada por Médio Fídio e Himella, seus Deuses inefáveis.

Por isso aos líderes e demais homens das Cúrias Romanas que se distinguiam como heróis na guerra, era costume premiar com uma pequena lança de ferro denominada *Hastapura*, nome que por certo recorda a cidade *Hastinapura*, símbolo divino da Jerusalém Celestial.

“Matronae in tutela Junonis Curetis essent quae ita vocabatur ab hasta ferenda quae sabinorum lingua curis dicebatur”. (As matronas estavam sob a tutela de Juno Cureta, assim chamada pela hasta que portava, denominada *curis* no idioma dos sabinos)

“Nec tibi quae cupidae matura videbere matri comat virgineas hasta recurva comas” (Ovidio, 2 Fast). (Que tua mãe, que está querendo te ver crescida, ainda não te adorne com grampo teus cabelos ainda virgem)

“*Hasta Pura dicitur quae sine ferro est et signum est pacis. Haec donabatur militibus qui in bello fortiter fecissent*” (Suetonio Claudio). (Diz-se ‘hasta pura’ a que não tem ferro e é um sinal de paz. Esta era entregue aos soldados que lutavam na guerra com bravura)

“*Translatae hastae dicuntur argumenta oratoria*” (Ciceron I. I. Or, c. 57). (Diz-se dos argumentos oratórios que são como hastas transformadas)

“*Deos in hastario vectigales habetis* (Tertuliano, Apologética, c. 13). (Tendes os deuses no hastiário para alugá-los)

“*Ponitur etiam pro auctione ineunda quia auctio cum esset hasta erigebatur*” (Calepinus, Hasta). (Também se punha uma hasta ao iniciar um pleito, pois quando ocorria o pleito, erguia-se a hasta)

É ostensivo e claro que os troncos ou Tábuas da Lei, onde o profeta Moisés escreveu sabiamente, por mandato de Jeová, os Dez Mandamentos, não são, em realidade, senão uma dupla lança das Runas, sobre cujo significado fálico existe muita documentação.

Não é demais ressaltar a idéia transcendental de que existem dois Mandamentos a mais no esoterismo mosaico. Quero me referir aos Mandamentos onze e doze, intimamente relacionados com os Arcanos 11 e 12 da Kabala.

O primeiro destes – ou seja, o décimo primeiro – tem sua clássica expressão no sânscrito *Dharman Chara*: “Faze teu dever!”

Recorda, irmão leitor, que tens o dever de buscar o caminho apertado, estreito e difícil que conduz à luz.

O Arcano 11 do Tarô ilumina este dever. A força maravilhosa que pode dominar e sujeitar os leões da adversidade é essencialmente espiritual. Por esta razão é representado por uma bela mulher que, sem esforço aparente, abre com suas mãos delicadas as faces do leão furioso ou do aterrorizante puma.

O décimo segundo Mandamento se relaciona e se entrelaça com o décimo primeiro Mandamento da Lei de Deus, ilustrado pelo Arcano 12: “Faze que tua luz brilhe!”

Para que a Luz, que é a Essência engarrafada dentro do eu possa realmente brilhar e resplandecer, deve se liberar, e isto só é possível mediante a Aniquilação Budista, a dissolução do ego.

Necessitamos morrer de instante em instante, de momento a momento; só com a morte do ego advém o novo.

Assim como a vida representa um processo de gradual e sempre mais completa exteriorização ou extroversão, igualmente a morte do eu é um processo de interiorização gradativa, no qual a Consciência individual, a Essência, se despoja lentamente de suas inúteis vestimentas – como Ishtar em sua simbólica descida – até ficar inteiramente desnuda em si mesma ante a grande realidade da vida livre em seu movimento.

A lança, o sexo, o falo, joga também grande papel em numerosas lendas orientais, como instrumento maravilhoso de salvação e liberação que, brandido sabiamente pela alma anelante, permite-lhe reduzir a poeira cósmica todas essas entidades cavernárias que em seu conjunto pecaminoso constituem o mim mesmo.

Na terra sagrada dos Vedas, Shiva, o Terceiro Logos (a energia sexual), foi analisado profundamente em seus aspectos criativos e destrutivos...

É claro e visível que os aspectos subjetivos, sexuais, cristalizam-se fatalmente nessas múltiplas entidades, cuja soma total constitui isso que os egípcios chamaram de Seth (o ego).

É evidente o poder generativo normal de nossas glândulas endócrinas sexuais.

É transcendental o poder objetivo criador do Senhor Shiva quando trabalha criando o Traje de Bodas da Alma, o *Soma Heliakon*, o corpo de ouro do homem solar.

A energia sexual é altamente explosiva e maravilhosa. Na verdade vos digo que aquele que sabe usar a arma de Eros (a lança, o sexo) pode reduzir a poeira cósmica o eu pluralizado.

Orar é conversar com Deus; portanto, devemos aprender a orar durante o ato sexual; nesses instantes de suprema felicidade, pedi e vos será dado; batei e se vos abrirá...

Quem põe o coração na súplica e roga à sua Mãe Divina Kundalini para que empunhe as armas de Eros, obterá melhor resultado, porque Ela então o ajudará destruindo o ego. Porém vos digo que este é um processo longo, paciente e muito delicado.

Não há dúvida que um caçador ao querer caçar dez lebres ao mesmo tempo não caçará nenhuma; assim também, quem quiser eliminar todos os defeitos psicológicos ao mesmo tempo, não eliminará nenhum.

Dentro de cada um de nós existem milhares de defeitos e todos eles têm muitas raízes e facetas que se ocultam nas distintas dobras subconscientes da mente.

Cada um desses defeitos psicológicos tem forma animalesca; dentro dessas criaturas submersas está enfrascada a Essência, a Consciência.

A condição prévia para a eliminação é a compreensão integral do defeito que se quer eliminar. Suplicai se estiverdes seguros de haver compreendido e apartai-vos do ato sexual sem ejacular o *ens seminis*.

Fazendo síntese transcendental sobre os longos e duros trabalhos, diremos: Primeiro, é preciso liberar a Essência para que a luz brilhe em nós; depois, fusioná-la com *Atman* (o Ser), para liberar-nos da mente; mais tarde, entregá-la ao Ancião dos Dias (o Pai que está oculto, a Mônada), para converter-nos em Mestres Ressurrectos Perfeitos; por último, absorvê-la, definitivamente em *Ishvara*, o *Logos*, a primeira emanção do Supremo *Parabrahaman* (o grande Oceano do Espírito Universal de Vida).

Vamos concluir este capítulo com o seguinte relato:

Há muito tempo, quando eu ainda não havia reduzido o ego a poeira cósmica, fiz uma invocação mágica formidável. Chamei certo Grande Mestre dizendo: “Vem! Vem! Vem! Profeta de RÁ-HOOR-KHU. Vem até mim! Queira cumpri-la! Queira cumpri-la! Queira cumpri-la! AUM... AUM... AUM...” (entoando esta última palavra como é devido, abrindo a boca com **A**, arredondando com **U** e fechando com **M**).

Não é exagero esclarecer que o ambiente estava saturado de infinita harmonia, carregado de Od... O resultado da invocação não se fez esperar e o Grande Profeta veio a mim. O *Kabir* assumiu uma figura simbólica formidável que pude ver, ouvir, tocar e apalpar em toda a presença de meu Ser cósmico. O Venerável parecia dividido em duas metades. Da cintura para cima resplandecia gloriosamente. Sua frente era alta como os muros invictos da Jerusalém Celestial; seus cabelos, como a lã branca caindo sobre suas costas imaculadas; seu nariz, reto como o de um Deus; seus olhos, profundos e penetrantes; sua barba, preciosa como a do Ancião dos Dias; suas mãos, como anéis de ouro engastados

de jacintos; seus lábios, como os lírios que destilam mirra fragrante... Porém, na parte inferior de seu corpo, da cintura para baixo, vi algo insólito; horripilantes formas bestiais, personificando erros, demônios vermelhos, eus-diabos, dentro dos quais está engarrafada a Consciência. “Eu te chamei para te pedir a Iluminação”. Tal foi minha súplica! É óbvio que em sua forma de apresentação estava a resposta. Então o Ancião pôs sua direita sobre minha cabeça e me disse: “Chama-me cada vez que necessites e eu te darei a Iluminação!... Logo me abençoou e se retirou.

Com infinita alegria compreendi tudo: só eliminando a lançadas essas criaturas animais que temos em nosso interior, nas quais dorme a Consciência, advém a nós a Iluminação.

CAPÍTULO 5
O EU LASCIVO



“Brognoli esclarece bem instrutivamente até que extremo pode chegar a força ideoplástica de formação de eus-diabos, ou seja, a representação sexual excitada pelo órgão sexual”.

“Havendo-me detido em 1664 em Veneza, veio me ver o Vigário Geral de um Bispo do continente, para me pedir conselho sobre o seguinte caso: Num convento de monjas havia uma muito dada a jejuns e abstinências voluntários. Aparte deles, era seu agrado e prazer a leitura de livros profanos que tratavam de transformações como as efetuadas por Circe e outras encantadoras ou pelas antigas divindades que transformavam seres humanos em animais, aves, serpentes e espíritos”.

“Certa noite apareceu à monja a figura de um jovem extraordinariamente belo; enquanto o contemplava assombrada, ele disse: Não tema, querida irmã! Não és aquela monja que gosta de jejuns? Não te entregaste a eles de todo coração? Então saiba que sou o Anjo Jejum; venho a ti para te agradecer e corresponder com igual amor ao teu. Antes, fui filho de um rei; porém, como em meus anos juvenis, nos que também tu te encontras, amei e me entreguei por completo ao jejum; meu pai se irritou muito e me renegou”.

“Mas eu não fiz caso algum de suas admoestações e segui fazendo minha vontade, até que ele, cheio de cólera, me expulsou do palácio. Porém, os deuses que eu venerava, reprovaram tal repúdio e me acozinharam e me transformaram em anjo, dando-me o nome de Jejum; e ainda me deram a faculdade de adotar a forma de um jovem, como me vês, e o dom de nunca envelhecer”.

“Além disso, sou dotado de tal mobilidade que em tempo indizivelmente curto posso me transladar de uma parte a outra do mundo, indo e vindo invisível, porém, mostrando-me àqueles que me amam”.

“E assim, havendo-me manifestado os deuses que me destinaste todo teu amor, venho a ti para expressar meu agradecimento e para ficar contigo e te sentir em tudo, segundo tua vontade”.

“Por essa razão realizei hoje a grande viagem; deixa-me, pois, dormir esta noite em teu leito, se te aprazer. Não receies minha companhia, pois sou amigo da castidade e do pudor”.

“A monja, suavemente comovida e seduzida por esse discurso, admitiu o anjo em seu leito. A primeira noite correu tudo bem; ele não se moveu. Porém, na segunda começou a abraçá-la e a beijá-la em mostra de agradecimento e amor, não se separando dela nem de dia nem de noite, admoestando-a para que nunca contasse o segredo ao seu confessor nem a ninguém mais”.

“Servia-a com o maior zelo e diligência e a seguia por toda parte. Por fim, no ano de 1664, ao chegar a data do Jubileu, a monja foi tomada pelo arrependimento e revelou tudo ao seu confessor; este aconselhou que expusesse o assunto em confissão também ao Vigário Geral do Bispado, para que este provesse o adequado a fim de liberá-la do maligno. Assim, pois, acudiu a mim em busca de conselho”.¹¹

É evidente que o espírito lascivo Jejum era um eu projetado tão vividamente pela monja que parecia certamente ser uma pessoa diferente. Tal eu, é claro, teve de ser gestado no baixo ventre da religiosa antes da inusitada projeção.

O “olho mágico do ventre” carregado de substância sexual é um intermediário plástico formidável. Ali tomam forma todas as ânsias sexuais reprimidas e todos os desejos insatisfeitos.

11 Não há registro da fonte deste excerto; provavelmente da obra de Charles Waldemar.

CAPÍTULO 6

EROS



“Diz o doutor Rouband: Tão logo o membro viril penetre o *vestibulum*, primeiro a *glans penis* roça a glândula clitórica que se encontra na entrada do canal do sexo, a qual, mediante posição e ângulo que forma, pode ceder e flexionar”.

“Após esta primeira excitação de ambos os centros sensíveis, desliza pelas bordas da vulva: o *collum* e o *corpus penis* estarão envoltos pelas partes salientes da vulva, estando então a *glans penis* mais avançada em contato com a fina e delicada superfície da mucosa vaginal, que é elástica ao tecido erétil que se acha entre as membranas individuais”.

“Esta elasticidade, que permite à vagina adaptar-se ao volume do pênis, aumenta ainda a turgência e, portanto, a sensibilidade do clitóris enquanto conduz a ele e à vulva o sangue que fora expelido dos vasos das paredes vaginais”.

“Por outra parte, a turgência e a sensibilidade da *glans penis* são aumentadas pela ação compressiva do tecido vaginal, que se torna cada vez mais turgente, juntamente com a vulva no vestíbulo”.

“Igualmente, o clitóris é pressionado para baixo pela porção anterior do músculo compressor e encontra a superfície dorsal da *glans* e do *corpus penis*, os quais se roçam entre si, de maneira que cada movimento influi na copulação de ambos os sexos; finalmente, somando-se as sensações voluptuosas (do Deus Eros), conduzem àquele elevado grau do orgasmo que, por uma parte, provocam a ejaculação e, por outra, a recepção do licor seminal na fendida abertura do colo do útero”.

“Quando se pensa na influência do temperamento, da constituição e de uma série de outras circunstâncias, tanto especiais como correntes,

sobre a faculdade sexual, convencemo-nos de que não se acha, nem de longe, solucionada a questão da diferença na sensação do prazer entre ambos os sexos, e até de que dita questão, envolta entre todas as diversas condições, é insolúvel; isto é tão certo que até apresenta dificuldade o querer traçar um quadro completo das manifestações gerais no coito; porém, enquanto numa pessoa a sensação do prazer se traduz só numa vibração apenas perceptível, em outra, alcança o ponto mais elevado da exaltação, tanto moral como física”.

“Entre ambos os extremos há inúmeras transições: aceleração da circulação do sangue, vivas palpitações das artérias; o sangue venoso que é retido nos vasos pela concentração muscular; aumento da temperatura geral do corpo e desse estancamento de sangue venoso que, de maneira ainda mais pronunciada, tem sua ação no cérebro, pela contração dos músculos do pescoço e a inclinação da cabeça para trás, o que causa uma momentânea congestão cerebral, durante a qual alguns perdem a razão e todas as faculdades intelectuais”.

“Os olhos avermelhados pela injeção da conjuntiva tornam-se fixos e de olhar incerto ou, como no caso da maioria das vezes, cerram-se convulsivamente, para fugir do contato com a luz”. (Isso é algo que está integralmente comprovado).

“A respiração, que em alguns é arquejante e entrecortada, interrompe-se em outros pela espasmódica contração da laringe, e o ar retido por algum tempo, busca, finalmente, um caminho para o exterior, mesclado com palavras desconexas e incompreensíveis”.

“Como assinalei, os centros nervosos congestionados produzem só impulsos confusos”.

“O movimento e a sensação mostram uma desordem indescritível; os membros são presa de convulsões e às vezes também de câibras; movem-se em todas as direções ou então se contraem e intumescem como barras de ferro; as mandíbulas se contraem até ranger os dentes. Certas pessoas chegam tão longe em seu delírio erótico que, esquecendo-se por completo do parceiro, mordem-no nestes espasmos de prazer no ombro até fazê-lo sangrar”.¹²

12 Não há registro da fonte deste excerto.

Este estado frenético, esta epilepsia, este delírio de Eros, dura costumeiramente só breve tempo, porém, o suficientemente longo como que para esgotar, por completo, a energia do organismo do animal intelectual que desconhece a Magia Sexual e para quem tal hiper-excitação há de concluir com uma perda mais ou menos abundante de esperma para o homem, enquanto que a mulher, por muito energicamente possa haver co-participado no ato sexual, sofre apenas uma passageira lassitude, que é muito mais reduzida que a do homem e que lhe permite recuperar-se mais rapidamente para repetir o ato sexual.

“*Triste est omne animal post coitum praeter mulierem gallumque*”¹³, disse Galeno, axioma que no essencial é exato no que diz respeito ao sexo masculino.

Certamente, no amor nada importa, nem a dor nem a alegria, senão unicamente isso que se chama amor. Enquanto o amor livre ata, a desunião o mata, porque Eros é o que realmente une.

O amor é aceso com o amor, como o fogo, com o fogo; porém, de onde saiu a primeira chama? Em ti, salta sob a vara da dor, tu o sabes. Portanto, ó Deuses! Quando o fogo escondido sai chamejando, o de dentro e o de fora são uma só coisa e todas as barreiras caem feito cinzas.

O amor começa com uma chispa de simpatia, substancializa-se com a força do carinho e se sintetiza em adoração. O matrimônio perfeito é a união de dois seres: um que ama mais e outro que ama melhor.

O amor é a melhor religião disponível. Amar! Quão belo é amar! Só as almas simples e puras sabem amar. O amor se alimenta de amor. Avivai a chama do Espírito com a força de Eros.

“Posto que a união dos sexos pode equivaler a um ato criador que está ligado à potência e ao esplendor do primeiro dia”, Lutero denomina os órgãos sexuais de *honestissima et praestantissima parte corporis nostri*.¹⁴

Foi pelo pecado que os membros mais úteis e honestos se converteram no mais vergonhoso.

13 Depois do coito todo animal fica triste exceto a mulher e o galo.

14 Apud ‘Exegetica Opera Latina’, ed. digital, p. 212. Significa: a melhor e mais honesta parte de nosso corpo.

Maomé disse: “O coito é um ato até prazenteiro à religião, sempre que se realize com a invocação de Alá e com a própria mulher para a reprodução” (ou melhor, para a Transmutação Sexual).

O Corão diz: “Vê, toma por mulher uma donzela que acaricies e que te acaricie; não passe ao ato sexual sem te haver antes excitado pelas carícias”.

O profeta enfatiza assim: “Vossas esposas são, para vós, um lavradio. Ide a ele como vos apraz; porém, realizai antes algum ato de devoção. Temei a Deus e não olvideis que um dia vos haveis de achar em sua presença”.

O autor do **El Ktab**, escrito extraordinário, apreciado pelos árabes, não se farta na glorificação do coito; este é para ele “o hino de louvor mais magnífico e sagrado, o anelo mais nobre do homem e de sua companheira após a unidade primitiva e as delícias paradisíacas”.

O autor destaca o caráter sublime e divino do ato carnal e toma uma posição decisiva contra as naturezas profanas e grosseiras que satisfazem unicamente à voluptuosidade animal. Diz: “Estes não compreenderam nem viram que o amor é o *Fiat Lux* do “Livro de Moisés”, o mandato divino, a lei para todos os continentes, mares, mundos e espaços”.

Em suas posteriores explicações, o autor do **El Ktab** revela a primitiva ciência esotérica de que no fundo a união física do homem e da mulher é um ato sobrenatural, uma reminiscência paradisíaca, o mais belo de todos os hinos de louvor dirigidos pela criatura ao Criador, o Alfa e Omega de toda a Criação.

O Sheik Nefrani põe na boca de um sábio estas palavras: “A mulher é semelhante a uma fruta cujo aroma se aspira primeiro quando se a toma pela mão. Se a erva de basilisco não for aquecida com a mão ela não exala seu aroma. O âmbar também desprende sua fragrância só quando aquecido, bem o sabeis. O mesmo sucede com a mulher. Quando quiser passar ao ato amoroso, primeiro deveis aquecer seu coração com todos os preparativos da arte de amar, com beijos, abraços e pequenos mordiscos. Se descuidardes disso, não vos será dado nenhum gozo completo e todos os encantos dos enamorados ficarão ocultos”.

Num tratado muito sábio sobre medicina chinesa li o seguinte:

“O taoísmo tem outras influências na Medicina, como o prova a leitura de uma recompilação de tratados taoístas, o **Sing-Ming-Kuei-Chen**, do ano de 1622, aproximadamente. Distinguem-se três regiões no cor-

po humano. A região superior ou cefálica é a origem dos espíritos que habitam o corpo. A almofada de jade (Yu Chen) se encontra na parte pósterio-inferior da cabeça. O chamado osso da almofada é o occipital (Chen-Ku). O palácio do Ni-Huan (termo derivado da palavra sânscrita Nirvana) se encontra no cérebro, chamado também de mar da medula óssea (Suie-Hai); é a origem das substâncias seminais. A região média é a coluna vertebral, considerada não como um eixo funcional, senão como um conduto que une as cavidades cerebrais com os centros genitais; termina num ponto chamado de coluna celeste (Tien Chu), situado atrás da nuca, no ponto onde nascem os cabelos. Não se deve confundir este ponto com o da acupuntura do mesmo nome. A região inferior compreende o campo de cinábrio (Tum Tien), do qual nos ocuparemos mais adiante; nela assenta a atividade genital, representada pelos dois rins: o fogo do tigre (Yang), à esquerda e o fogo do dragão (Yin), à direita. A união sexual está simbolizada por um casal: um homem jovem conduz o tigre branco e uma mulher jovem cavalga sobre o dragão verde. O chumbo (elemento masculino) e o mercúrio (elemento feminino) vão mesclar-se; enquanto estão unidos, os jovens arrojaram sua essência em uma caldeira de bronze, símbolo da atividade sexual. Porém, os líquidos genitais, em particular o esperma (Tsing), não são eliminados nem se perdem, senão que podem voltar ao cérebro pela coluna vertebral, graças à qual se recupera o curso da vida”.

A base destas práticas sexuais taoístas é o *coitus reservatus*, no qual o esperma que baixou do encéfalo até a região prostática (que não foi ejaculado), volta à sua origem; é o que se denomina fazer voltar a substância (Huang-Tsing).

Quaisquer que sejam as objeções que sejam formuladas frente à realidade deste retorno, não é menos certo que os taoístas conceberam um domínio cerebral dos instintos elementais que mantinha o grau de excitação genésica por debaixo do umbral da ejaculação; deram ao ato sexual um estilo novo e uma finalidade distinta da fecundação.

A esotérica *Viparita Karani* ensina cientificamente como o yogue, em vez de ejacular o sêmen, fá-lo subir, lentamente, mediante concentração, de maneira que homem e mulher, unidos sexualmente, possam eliminar o ego animal.¹⁵

15 Entenda-se bem: não é o sêmen em si o que sobe, mas sua energia, mediante exercícios de transmutação.

Os antigos gregos conheceram com muita precisão o parentesco essencial entre a morte e o ato sexual; em Eros representavam o “Gênio da Morte”, o qual segurava em sua mão uma tocha inclinada para baixo, como portador da morte.

Sendo a força sexual nos homens [na humanidade] a mais antiga de todas, é considerada pelos Tantras como o Eros Cosmogônico¹⁶, a Serpente Ígnea de Nossos Mágicos Poderes.

Muito longe de violentar a nossa íntima Essência no sentido de concupiscência brutal ou, então, de intumescer-se organicamente por um espasmo que só dura poucos segundos, o praticante toma, em contraposição, a potência de sua Divina Mãe Kundalini particular, para fundir-se com Ela formando uma unidade e eliminar tal ou qual eu; quer dizer, este ou aquele defeito psicológico previamente compreendido a fundo.

Só com a morte advém o novo. Assim é como Eros, com sua tocha inclinada para baixo, reduz a poeira cósmica todos esses agregados psíquicos que em seu conjunto constituem o eu.

O mantra ou palavra mágica que simboliza todo o trabalho de Magia Sexual é *Krim*. Neste mantra se deve empregar uma grande imaginação, a qual atua diretamente sobre Eros, agindo este por sua parte, por sua vez, sobre a imaginação, insuflando-lhe energia e transformando-a em força mágica.

Para pôr-se em contato com a móvel potência universal, o praticante percebe diversas imagens; mas, antes de tudo, sua Divina Mãe Adorável se mostra a ele com a lança sagrada em sua direita, lutando furiosamente contra aquele eu-diabo que personifica tal ou qual defeito psicológico que anelamos destruir.

O praticante, cantando o mantra *Krim*, fixa logo sua imaginação, seu trans-lúcido, no elemento fogo, de tal modo que ele mesmo se sinta como chama ardente, como flama única, como fogueira terrível que incinera o eu-diabo que caracteriza o defeito psicológico que queremos aniquilar.

A extrema sensibilidade dos órgãos sexuais anuncia sempre a proximidade do espasmo; então devemos nos retirar a tempo para evitar a ejaculação do sêmen. Continua-se, em seguida, o trabalho: o homem, deitado no solo em decúbito

¹⁶ Eros Cosmogônico, na mitologia grega, é um deus nascido diretamente do Kaos Primitivo e irmão de divindades como Gaea, Érebo, Nix e o Tártaro.

dorsal (boca para cima), e a mulher em sua cama, ambos suplicando à Divina Mãe Kundalini e, com frases simples saídas do coração sincero, pedindo que elimine com a Lança de Eros, com a força sexual, o eu que personifica o erro que realmente compreendemos e que anelamos reduzir a poeira cósmica. Por fim, abençoa a água contida num copo de cristal bem limpo e bebe do copo dando graças à Mãe Divina.

Todo esse ritual do *Pancatattwa* libera o herói de todo pecado; nenhum tenebroso pode resisti-lo; os poderes terrestres e supraterrrestres se subordinam a ele, e o praticante caminha pela terra com a Consciência desperta. Temido por todos os demônios, vive como Senhor da Salvação e completa bem-aventurança; escapa à lei do renascimento, pois, através de longos e terríveis trabalhos de Magia Sexual, utilizou o formidável poder elétrico de Eros não para satisfações brutais de tipo animal, senão para reduzir a pó o eu pluralizado.

CAPÍTULO 7
EUS LUXURIOSOS



Devido a que na fenecida Idade de Peixes a Igreja Católica limitou excessivamente a vida moral das pessoas mediante múltiplas proibições, não é surpresa que precisamente Satanás, como encarnação viva dos apetites mais bestiais, ocupa de maneira especial a fantasia daquelas pessoas contidas no livre trato com a espécie humana, pois acreditavam ser obrigadas a uma assinalada vida virtuosa.

Assim, segundo a analogia dos contrários, foi requerido muito mais intensivamente da subconsciência o conteúdo da mente cotidiana, quanto mais ou menos ação exigiam as energias instintivas ou do impulso, eventualmente reprimidas.

Este tremendo desejo de ação soube incrementar de tal modo a libido sexual que, em muitos lugares, se chegou ao abominável comércio carnal com o maligno. O sábio Waldemar diz, textualmente, o seguinte:

“Em Hessimont, foram visitadas as monjas – como narra Wyer, o médico de câmara de Cleve – por um demônio, que pelas noites se precipitava como um torvelinho de ar no dormitório, e, subitamente sossegado, tocava a cítara tão maravilhosamente que as monjas eram tentadas à dança. Em seguida ele pulava em forma de cão no leito de uma delas, sobre quem recaíram as suspeitas de que houvesse chamado o maligno”. (Milagrosamente não ocorreu às religiosas pôr o caso nas mãos da Inquisição).

Sem dúvida, aquele demônio transformado em cão ardente como o fogo, era um eu luxurioso que, depois de tocar a cítara, se perdia no corpo de sua dona que jazia no leito.

Pobre monja de ancestrais paixões sexuais forçosamente reprimidas! Quanto teve que sofrer! Assombra o poder sexual daquela infeliz anacoreta; em vez de

criar demônios no cenóbio, poderia eliminar com a Lança de Eros as bestas submersas se tivesse seguido o Caminho do Matrimônio Perfeito.

“O médico de câmara, Wyer, descreve em seguida um caso que mostra a erotomania das monjas de Nazaré, em Colônia. Estas monjas haviam sido assaltadas durante muitos anos por toda classe de pragas do diabo até que no ano de 1564, aconteceu entre elas uma cena particularmente espantosa. Foram arrojadas à terra, na mesma postura que no ato carnal, mantendo os olhos cerrados no transcurso do tempo em que assim permaneceram (os olhos fechados indicam aqui, com certeza, o ato sexual com o demônio, a autocópula, pois trata-se de coito com o eu luxurioso projetado ao exterior pela subconsciência).

Uma moça de quatorze anos – diz Wyer – que estava reclusa no claustro foi quem deu a primeira indicação a respeito. Amiúde havia experimentado em sua cama raros fenômenos, sendo descoberta por seus risinhos sufocados e, ainda que se esforçasse em afugentar o diabrete com uma estola consagrada, ele voltava a cada noite. Havia sido combinado então que se deitasse com ela uma irmã, com o fim de ajudá-la a defender-se; porém, a pobre se aterrorizou quando ouviu o ruído da luta. Por fim, a jovem se tornou totalmente possessa e lastimosamente acometida por espasmos. Quando tinha um ataque, parecia como se achasse privada da visão e ainda que tivesse aparência de estar em seu estado normal e com bom aspecto, pronunciava palavras estranhas e inseguras que beiravam o desespero.

Investiguei este fenômeno como médico no claustro em 25 de maio de 1565, em presença do nobre e discreto H. H. Constantin Von Lyskerken, honorável conselheiro, e o Mestre Johann Alternau, antigo aldeão de Cleve. Achavam-se presentes também o Mestre Johann Eshst, notável Doutor em Medicina e, finalmente, meu filho Heinrich, também Doutor em Farmacologia e Filosofia. Li, nesta ocasião, terríveis cartas que a moça havia escrito a seu galã; porém, nenhum de nós duvidou, nem por um instante, que foram escritas pela possessa em seus ataques.

Depreendeu-se que a origem disso estava em alguns jovens que jogavam bola nas imediações e assim entabularam relações amorosas com algumas monjas, escalando depois os muros para gozar de suas aman-

tes. Descobriu-se a coisa e se fechou o caminho. Porém, então o diabo, o ilusionista, enganou a fantasia das pobres, tomando a figura de seu amigo (convertendo-se em um novo eu luxurioso) e lhes fez representar a comédia horrível, ante os olhos de todos.

Eu enviei cartas ao convento, nas quais desentranhava toda a questão e prescrevia remédios adequados e cristãos, a fim de que com os mesmos pudessem resolver o infeliz assunto...

O Diabo Ilusionista aqui não é outra coisa senão a potência sexual concreta exacerbada que, desde o momento em que já não se ocupava mais no comércio [intercurso sexual] com os jovens, tomou a figura do amigo na fantasia de maneira tão vívida que a realidade apreciável do ato revestia-se precisamente pelo isolamento, de formas ainda mais intensivas com respeito ao outro sexo desejado, formas que tão plasticamente seduziam o olho interior do instinto desencadeado que, para explicá-las, havia de pagar exatamente os vidros quebrados ao diabo.”

CAPÍTULO 8
O EU DA BRUXARIA



O sábio autor do livro **Specimen of British Writers**, Barnett, apresenta um caso extraordinário de bruxaria:

“Há 50 anos vivia numa aldeia do condado de Sommerset uma velha que era geralmente considerada como bruxa. Seu corpo era seco e encurvado pela idade; andava com muletas. Sua voz era cavernosa, misteriosa, porém, de simulada solenidade; de seus olhos brotava um fulgor penetrante e, sobre quem ela os pousasse, deixava-o mudo de espanto. De repente, um jovem saudável e moço, de uns 21 anos, da mesma localidade, foi assaltado por um pesadelo tão persistente que sua saúde foi afetada; num prazo de três a quatro meses ficou débil, pálido e fraco, com todos os sintomas de uma vida que se esgotava. Nem ele nem ninguém dos seus duvidava da causa; depois de celebrar conselho, tomou ele a decisão de esperar acordado a bruxa”.

“Assim, na noite seguinte, por volta das onze e meia, percebeu uns passos calmos e silenciosos na escada. Uma vez tendo chegado o ame-drontado ser ao quarto, foi ao pé da cama, subiu nela e se arrastou lentamente até o jovem. Ele deixou ocorrer até ela chegar aos seus joelhos; então, alçou-a com ambas as mãos pelos cabelos, mantendo-a subjugada com convulsa força, enquanto chamava sua mãe que dormia num quarto contíguo, para que trouxesse a luz”.

“Enquanto a mãe buscava a luz, lutaram o jovem e o ser desconhecido às escuras, rolando ambos furiosamente pelo solo, até que ao primeiro vislumbre da escada, a mulher safou-se com força sobrenatural do jovem e desapareceu como um relâmpago de sua vista. A mãe encontrou seu filho em pé, ainda ofegante pelo esforço e com mechas de cabelo em ambas as mãos”.

“Quando me relatou o fenômeno – disse Barnett– perguntei-lhe com curiosidade de onde havia tirado o cabelo. Ao que ele respondeu: “Fui tolo em não haver conseguido retê-la, pois isso teria demonstrado melhor a identidade da pessoa. Porém, no torvelinho das minhas sensações fi-la cair no chão, e a bruxa, a quem pertenciam os cabelos, teve o bom cuidado em não aparecer mais à minha vista, nem mais vir molestar-me à noite, pois havia levado uma boa surra”.

“É raro que – acrescentou – enquanto a tinha segura e lutava com ela, embora eu soubesse quem devia ser, sua respiração e todo seu corpo pareciam de uma moça saudável. O homem, a quem isto aconteceu, vive ainda; contou-me esse episódio mais de uma vez, e por isso mesmo posso certificar sobre a autenticidade do fato, pensem o que quiserem sobre a causa”.

Comentando o caso, diz o sábio Waldemar:

“Este relato contém dois pontos de muito peso. Em primeiro lugar, ao jovem constava que seu pesadelo tinha por causa a bruxa que vivia na localidade e também conhecia a bruxa de seus fugazes encontros ao andar durante o dia e em suas visitas astrais noturnas”.

“Em segundo lugar, a bruxa, encurvada pela idade e sustentada por muletas, transformou-se, ao cabo de vários meses, durante os quais ele foi se debilitando e se consumindo, na imagem de uma exuberante moça. Onde haveria de se encontrar a causa deste evidente rejuvenescimento da velha?”

“Para responder a esta pergunta – continua dizendo Waldemar – devemos ter presente o mecanismo do *eidolon*, o duplo. Se a aura que envolve e encobre os seres representa também um reflexo fiel de seu corpo, de maneira que naquele se encontram correspondentemente contidos com exatidão seus defeitos e debilidades, o corpo duplo apresenta, por assim dizer, uma marcante evidência que, por exemplo, se manifesta amiúde em feridos graves, de maneira que se pode sentir dores em um membro amputado há vários anos e, por certo, tão intensas, como se existisse ainda o mesmo”.

“Esta invulnerável integridade do duplo fundamenta-se no princípio criador de que a forma dada pela natureza congênita do Ser está conti-

da numa espécie de primeiro germe. Neste, como na semente, encontra-se contida a estrutura de toda árvore, acha-se oculto o Ser em sua viva imagem.”

“Mediante múltiplas falsas ações e extravios, reflete-se no curso da vida o tecido vibratório astral que se enlaça com o corpo primitivo. Com respeito aos corpos primitivos, desejaríamos assinalar ainda que o professor Hans Spemann, da Universidade de Eriburgo, obteve no ano de 1955 o prêmio Nobel de Medicina e Psicologia devido à sua comprovação em transcendentais estudos de que nos primeiros estados de desenvolvimento embrionário se acha ativo um escultor da vida, um ideoplástico químico que forma o protoplasma segundo uma imagem predeterminada”.

“Partindo desses estudos de Spemann, o Professor Oscar E. Shotté, da Universidade de Yale, conseguiu comprovar mediante seus experimentos com salamandras que o escultor da vida não desaparece de modo algum, tal como Spemann havia suposto, após o tempo de desenvolvimento embrionário, senão que se mantém durante toda a vida do indivíduo”.

“Um pequeno pedaço de tecido procedente da costureira ferida de um homem poderia, segundo o professor Shotté, ao ser injetado em um terreno virgem e vivo, reconstruir de maneira inteiramente idêntica todo o corpo do homem ferido em questão. Quem sabe, os experimentos nos laboratórios de homúnculos conduziram algum dia a reforçar praticamente de maneira insuspeita as teorias do professor Shotté”.

É óbvio que a abominável harpia deste cruento relato, mediante certo *modus operandi* desconhecido pelo vulgo, pôde sugar ou vampirizar a vitalidade do jovem para transplantá-la ao seu próprio ‘corpo primitivo’; só assim se pode explicar cientificamente o insólito rejuvenescimento do corpo da anciã. É inquestionável que o ideoplástico químico, impregnado pela vitalidade do moço, pôde reconstruir o debilitado organismo daquela anciã.

Enquanto a vida do jovem se esgota espantosamente, a mulher fatal de esquerdos conciliábulos tenebrosos, recobrava sua antiga juventude. É claro que o rapaz teria capturado a velha se não houvesse cometido o erro de pegá-la pelos cabelos; melhor teria sido se a segurasse pela cintura ou pelos braços.

Muitas dessas harpias abismais, surpreendidas em flagrante, têm sido capturadas com outros procedimentos. Algumas tradições antigas dizem: “Se colocarmos no solo umas tesouras de aço abertas em forma de cruz e se espalhamos [sementes de] mostarda negra ao redor desse metálico instrumento, qualquer bruxa pode ser capturada”.

Causa assombro que alguns ocultistas ilustres ignorem que essas bruxas podem anular a lei da gravidade universal! Ainda que pareça insólita a notícia, enfatizamos a idéia de que isto é possível colocando o corpo físico dentro da quarta dimensão.

Não é de modo algum estranho que essas harpias, com seu corpo físico mergulhado dentro da dimensão desconhecida, possam levitar e viajar em poucos segundos a qualquer lugar do mundo.

É evidente que elas têm fórmulas secretas para escapar do mundo tridimensional de Euclides. Em termos estritamente ocultistas, bem podemos qualificar essas criaturas tenebrosas de ‘jinas’.

O organismo humano oferece possibilidades surpreendentes. Recordai, amados leitores, a execrável Celeno e suas imundas harpias, monstros com cabeça e pescoço de mulher, horrendas aves das ilhas Strófades que se encontram no Mar Jônico.

Providas de longas garras, têm sempre no rosto a palidez da fome. Fúrias terríveis que, com seu contato, corrompem tudo que tocam; antes, foram belas donzelas.

O principal centro de todas essas abominações está em Salamanca, Espanha. Ali está o famoso castelo de Klingsor -o salão da bruxaria- santuário das trevas, oportunamente citado por Richard Wagner, em seu **Parsifal**.¹⁷

Valha-me Deus e Santa Maria!... Se as pessoas soubessem tudo isto, buscariam o castelo de Klingsor por todas as velhas ruas de Salamanca... Entretanto, bem sabem os divinos e os humanos que o castelo do graal negro se encontra nas terras dos Jinas, na dimensão desconhecida.

Às terças e sábados à meia noite ali se reúnem essas bruxas com seus zangões para celebrarem suas orgias. Quando alguma harpia dessas foi agarrada, boa

17 Ver o livro **Parsifal Revelado**, do autor, já publicado pela Edisaw no Brasil.

sova, surra ou chicotada levou, pois as pobres pessoas ainda não sabem devolver bem por mal.

É necessário sermos compreensivos; ao invés de atolar-se no lodo da infâmia, melhorar tais harpias por meio do amor, tomar com coragem o problema e admoestar com sabedoria.

“Não julgueis para que não sejais julgados. Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós. E por que reparas tu no cisco que está no olho do teu irmão e não vês a trave que está no teu olho? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o cisco do teu olho estando uma trave no teu? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e então cuidarás em tirar o cisco do olho do teu irmão”. “Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra”. [Mateus 7:1-5 e João 8:7]

Ainda que pareça incrível, é bom saber que muitas pessoas honradas e até mesmo religiosas carregam dentro de si o ‘eu da bruxaria’. Em outras palavras diremos: pessoas honradas e sinceras que em sua presente existência nada sabem de ocultismo, esoterismo, etc., levam, no entanto, dentro de si, o ‘eu da bruxaria’.

É óbvio que esse eu costuma viajar através do tempo e da distância para causar dano a outros. Qualquer fugaz interesse pela bruxaria, em alguma vida anterior, pode ter criado tal eu.

Isto significa que no mundo existem muitas pessoas que sem o saber, praticam inconscientemente a bruxaria. Em verdade vos digo que muitos são os devotos da senda que também levam dentro de si mesmos o eu da bruxaria.

Concluiremos o presente capítulo, dizendo: todo ser humano, ainda que esteja na Senda do Fio da Navalha, é mais ou menos “negro”, enquanto não houver eliminado o eu pluralizado.

CAPÍTULO 9
O PAROXISMO SEXUAL



Com o *Sahaja Maithuna* (Magia Sexual), tal como se pratica nas escolas de Tantrismo Branco, multiplica-se infinitamente a potência da vontade mediante o desencadeamento e atualização onipotente das sutis correntes nervosas.

O paroxismo delicioso da união sexual não é só um reflexo de *Tamas*, segundo o Tantra; necessitamos inquirir, indagar, investigar. No paroxismo do sexo devemos descobrir de forma direta a síntese cósmica e criadora de Shiva (o Espírito Santo) e de Shakti (sua divina esposa Kundalini).

Enquanto o animal intelectual comum e corrente é vencido fatalmente pela abominável concupiscência e raptado pelos afetos passionais, numa palavra, que sofre no desfrute a vil consumação do prazer, o esoterista gnóstico, em pleno êxtase durante o coito, penetra vitorioso na região das Mônadas, no esplêndido mundo do *Tattwa Anupadaka*¹⁸.

O grau anterior ao mundo de Anupadaka é o princípio extraordinário da potência que se acha no domínio do espaço, tempo e causalidade, denominada *Akasha Tattwa* (morada de *Atman-Buddhi-Manas*).

Está escrito com palavras de ouro no grande livro de todos os esplendores que o paroxismo sexual é *prototáttwico*.¹⁹ Inicia-se o jogo de vibrações extraordinárias durante o *Maithuna* com o *tattwa* de ouro, *Prithvi*, o éter magnífico da perfumada terra, guardando concordância exata com nosso corpo físico.

Continua a harpa, delícia das vibrações, fazendo estremecer a água da vida universal (*Apas*), o *Ens Seminis*. O alento (*Vayú*) se altera ostensivamente e na atmosfera sutil do mundo ressoa a lira de Orfeu. Acende-se a flama sagrada (*Tejas*) no candelabro misterioso da espinha dorsal. E agora, ó Deuses! O ca-

18 Anupadaka literalmente significa 'sem pais' ou que 'existem por si mesmos'. Tais seres vivem nas regiões mais elevadas do Pleroma gnóstico.

19 Que está além dos *tattwas*.

valheiro (Manas Superior) e sua dama (Buddhi) se abraçam ardentemente na região do Akasha puro, estremecendo-se com o paroxismo sexual.

Entretanto, é claro e evidente que *Akasha* é só uma ponte de maravilhas e prodígios entre os *Tattwas* Prithvi (Terra) e Anupadaka (o mundo dos esplendores). O paroxismo sexual atravessa a ponte da felicidade e penetra no mundo de Atziluth, a região de Anupadaka, a morada de Shiva e Shakti; então Ele e Ela resplandecem gloriosamente, embriagados de amor.

Mulheres, escutai-me: Shakti deve ser vivida regiamente durante o ato sexual como Maya-Shakti (Mulher-Eva-Deusa); só assim pode se alcançar com êxito a consubstancialização do amor no realismo psicofisiológico de vossa natureza.

O homem gnóstico, durante o *Sahaja Maithuna* (Magia Sexual), deve personificar Shiva (o Espírito Santo) e sentir-se inundado com essa força maravilhosa do Terceiro Logos.

Kalyana Malla²⁰ diz e repete que “o cumprimento do código do amor é muito mais difícil do que o profano imagina”. Os gozos preparatórios já são complicados, pois, é preciso utilizar a arte exatamente segundo os preceitos para avivar a paixão da mulher, da mesma maneira que se aviva uma fogueira e que seu *Yoni* se torne mais brando, elástico e apto ao ato amoroso.

O **Ananga Ranga** dá grande importância a que ambos parceiros não deixem surgir em sua vida comum nenhum esfriamento, fastio ou saciedade em suas relações, efetuando a consumação do amor com recolhimento e entrega total.

A forma do ato sexual, quer dizer, a posição sexual, é denominada de *asana*. Para conhecimento de alguns leitores de certa idade, transcreveremos no presente capítulo a posição denominada *Tiryak*:

A posição *Tiryak* tem três subdivisões, nas quais a mulher sempre fica deitada de lado:

- a) O homem se coloca ao longo da mulher, toma uma de suas pernas e a coloca sobre a sua cintura. Só com a mulher de todo desenvolvida pode satisfazer por completo esta posição, a qual se deve evitar com uma jovem.

²⁰ Poeta hindu do século 16 e autor de literatura erótica. É o autor do **Ananga Ranga**, um manual do sexo e do amor, citado no parágrafo seguinte deste livro.

- b) Homem e mulher deitam-se de lado, devendo ela mover-se o mínimo possível.
- c) Estendido de lado, o homem se coloca entre os quadris da mulher, de maneira que uma coxa se ache sob ele, enquanto a outra repousa sobre sua cintura.

É conveniente invocar o *Kama Deva* durante o *Sahaja Maithuna* na Forja dos Ciclopes. Kama é o deus hindu do amor. Literalmente, seu nome quer dizer ‘deus do desejo’ e passa por filho do céu e da ilusão. Rati, a ternura, é sua esposa; Vasanta (a estação do florescimento), sua acompanhante que leva, constantemente, sua aljava com flores nas pontas das flechas.

Kama Deva tinha uma figura visível; mas, como molestou o Senhor da Criação, Hara, em suas práticas, este o reduziu a cinzas com um olhar; os deuses o ressuscitaram, gotejando néctar nelas e desde então se chama o ‘incorpóreo’. É representado cavalgando um papagaio, portando um arco de cana-de-açúcar com tirante feito de mel de abelhas.

O casal terreno Adão-Eva, mediante o *Sahaja Maithuna* (Magia Sexual), acha seu correspondente mais humano e mais puro no elevado casal divino Shiva-Shakti.

Homero achou uma descrição ao mesmo tempo delicada e mágica do abraço amoroso do casal divino. “Sob ele, a germinadora terra produzia verdor florido, lótus, trevos sucosos, jacintos e açafraão, que apertados, túrgidos e ternos, se alçavam do solo e arrastavam para cima as nuvens cintilantes e áureas e o chispante rocío caía à terra”.

Embriagados pelo vinho do amor, vestidos preciosamente com a túnica da espiritualidade transcendente e coroados com as flores da felicidade, devemos aproveitar a tremenda vibração do *Tattwa* Anupadaka durante o paroxismo sexual para suplicar à Serpente Ígnea de nossos mágicos poderes que elimine de nossa natureza interior o defeito psicológico já compreendido a fundo, em todas as regiões do subconsciente.

Assim é como vamos morrendo de instante a instante, de momento a momento; só com a morte advém o novo.

CAPÍTULO 10
VISITANTES TENEBROSOS



O sábio Waldemar diz textualmente:

“Um contemporâneo de Brognoli, o sacerdote Coleti, conta-nos de uma mulher de sua paróquia que acudiu a ele com seu marido. Ela era devota e de bons costumes; porém, já havia dez anos que estava acosada por um tal espírito que de dia e de noite lhe sugeria o desonesto; até quando não dormia procedeu com ela como um íncubo, pelo que não era de modo algum um sonho o que padecia. Mas não logrou tal espírito obter dessa mulher sua aquiescência, permanecendo ela inquebrantável. Assim, o exorcista não teve mais do que pronunciar o *Praeceptum Leviticum* contra o demônio, e daí em diante, ela se viu livre dele”.

“Neste caso – prossegue Waldemar – vemos que quando a consciência de um obsessivo a tal ponto tenha imaginado como subterfúgio a violação pelo demônio, ou seja, quase uma tomada de possessão contra sua vontade, pode superar-se o estado mediante o processo de uma expulsão do espírito lascivo pelas forças morais ainda não tiranizadas. Mas, se o íncubo (o Eu lascivo), a imagem luxuriosa criada pela própria fantasia, se firma sem oposição até o fim, o próprio indivíduo, convertido em íncubo, executa, cindido em dois seres, uma autocopulação. Neste caso, a obsessão acaba, geralmente, em total demência”.

“Assim, na primavera de 1643, intentou Brognoli liberar em vão um íncubo de uma moça de vinte anos. Fui, diz, com seu confessor, à sua casa. Apenas penetramos nela, o demônio que estava entregue à sua tarefa, escapuliu. Falei então à moça e ela me contou nos mínimos detalhes o que fazia o demônio com sua pessoa. De seu relato não tardei em compreender que, ainda que ela o negasse, não obstante havia dado a ele (ao diabo) uma aquiescência indireta, pois quando notava sua

aproximação pela dilatação e pelo vivo formigamento nas partes afetadas, não buscava refúgio na oração nem invocava a Deus e a Santa Virgem em auxílio, nem o Anjo da Guarda, mas sim, ia correndo à sua habitação e se estendia na cama, a fim de que o maligno pudesse executar sua tarefa mais cômoda e agradavelmente”.

“Quando tratei de despertar nela uma firme confiança em Deus para se liberar, permaneceu indiferente e sem eco, notando eu então uma resistência como se não quisesse ser liberada. Deixei-a, pois, não sem antes haver dado algumas orientações a seus pais sobre disciplinas e repressão do corpo de sua filha, mediante jejuns e abluções”.

“Mas não só eram visitadas assim as mulheres”, diz o sábio Waldemar. “Brognoli foi uma vez levado em Bérghamo a um jovem comerciante de uns vinte e dois anos de idade, que havia enfraquecido até ficar puro esqueleto, porque o atormentava um súcubo. Havia vários meses que ao deitar-se em sua cama, aparecia o demônio na figura de uma moça extraordinariamente bela, à qual amava. Ao gritar, contemplando aquela figura, ela lhe havia instado para que se calasse, assegurando-lhe que era, em verdade, a mesma moça; porque sua mãe lhe batia, havia fugido de casa, recorrendo à casa de seu amado. Ele sabia que aquela não era a sua Tereza, senão alguma diabrete; não obstante, após alguma conversa e uns abraços, levou-a consigo para a cama”.

“Depois, a figura essa lhe disse que, efetivamente, não era a moça, senão um demônio que o queria – um de seus eus-diabos – e que por isso se unia a ele dia e noite. Isto durou vários meses, até que Deus o liberou por meio de Brognoli e ele fez penitência por seus pecados”.

Através deste insólito relato, resulta completamente claro e evidente a auto-copulação com um eu-diabo que havia tomado a forma da mulher amada. É inquestionável que aquele jovem de ardente imaginação e espantosa luxúria havia utilizado, inconscientemente, a faculdade ideoplástica para dar forma sutil à sua adorada. E assim, veio à existência um eu-súcubo, um demônio passionário de cabelos longos e idéias curtas.

É óbvio que dentro desse diabo feminino ficou engarrafada uma boa parte de sua consciência. A respeito disso, diz Paracelso em sua obra *De origine morborum invisibilium* – Livro III:

“Íncubos e súcubos se formam do esperma daqueles que realizam o ato antinatural imaginativo da masturbação (em pensamentos ou desejos). Portanto, procedem da imaginação; não é um esperma autêntico (material), senão um sal corrompido. Só o sêmen que procede de um órgão indicado pela Natureza para seu desenvolvimento pode germinar em corpo. Quando o esperma não provém da apropriada matéria (substrato nutrício), não produzirá nada de bom, senão que gerará algo inútil. Por isso, incubos e súcubos, que procedem de sêmen corrompido, são prejudiciais e inúteis, segundo a ordem natural das coisas”.

“Estes germens, formados na imaginação, nasceram de *amore heress*, o qual significa uma espécie de amor no qual um homem se imagina uma mulher, ou vice-versa, para realizar a cópula com a imagem criada na esfera de seu ânimo. Deste ato resulta a evacuação de um inútil fluído etéreo, incapaz de gerar uma criatura; porém, capaz de trazer larvas à existência”.

Tal imaginação é a mãe de exuberante impudícia, a qual, continuada, pode tornar impotente um homem e estéril, uma mulher, já que, na freqüente prática de tal imaginação enferma, se perde muito da verdadeira energia criadora.

Os eus-larva da lascívia são verdadeiros entes pensantes autônomos, dentro dos quais permanece enfrascada boa porcentagem de Consciência.

As larvas, das que fala Paracelso, não são outra coisa que aquelas cultivadas formas de pensamentos que devem sua força e sua existência, unicamente, à imaginação desnaturalizada.

CAPÍTULO 11
A CABEÇA DE JOÃO BATISTA



“Ressoaram os tímbalos e brotaram gritos na multidão. Porém, o Tetrarca dominou todo o estrépido com sua voz:

– Eia! Eia! Tua será Cafarnaum! E a várzea do Tiberíades! E a metade do meu reino!...

Então se arrojou ela ao solo... E subitamente balançou seus calcanhares no ar e adiantou vários metros sobre as mãos como um grande escaravELHO. Depois, saltou sobre seus pés e olhou, agora fixamente, para Herodes. Havia pintado de carmim os lábios e de negro as sobrancelhas... Seus olhos cintilavam com fulgor perigoso, brotando em sua fronte gotinhas cintilantes...

De canto a canto contemplaram-se Herodes e Salomé, até que desde a galeria estalou seus dedos Herodíades. Sorriu, então, Salomé, mostrando seus brancos e firmes dentes e sussurrou como uma pudorosa e tímida donzela:

– Quero em uma bandeja a cabeça de... (havia esquecido seu nome). Mas, voltando a sorrir, disse com clareza: Quero a cabeça de João numa bandeja!

Achava-se um tanto despeitada com seu amado e então o fez decapitar. Mas, quando contemplou a desejada cabeça sobre a bandeja, chorou e enlouqueceu, e pereceu de delírio erótico...

Horripilante batalha íntima na mente de Salomé... O eu do despeito arrastando em sua decadência abominável os demais eus... Triunfo asqueroso do diabo homicida... Espanto... Horror!

Herodes temeu a multidão porque considerava João como Profeta...”

No capítulo XI do Evangelho de Mateus, fala-se de João Batista como um verdadeiro *Jina*, um homem celeste, um semideus, superior aos Profetas, pois que o próprio Jesus diz dele:

“Mas para que saístes? Para ver um profeta? Sim, eu vos digo, e muito mais que profeta. Este é de quem está escrito: Eis aí eu envio diante da tua face o meu mensageiro, o qual preparará o teu caminho diante de ti. Em verdade vos digo: entre os nascidos de mulher, ninguém apareceu maior do que João Batista; mas o menor no reino dos céus é maior do que ele. Desde os dias de João Batista até agora, o reino dos céus é tomado por esforço, e os que se esforçam se apoderam dele. Porque todos os Profetas e a Lei profetizaram até João. E, se o quereis reconhecer, ele mesmo é Elias, que estava para vir. Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça”. (Mateus 11:9-15)

Estas palavras do Grande Kabir Jesus enlaçam os dois grandes personagens hebreus em um só. João, o Batista, decapitado pela luxuriosa Salomé, foi, em verdade, a vivíssima reencarnação de Elias, o Profeta do Altíssimo.

Por aquela época, os nazarenos eram conhecidos como Batistas, Sabeanos e Cristãos de São João; o erro de tais pessoas consistia na absurda crença de que o Kabir Jesus não era o Filho de Deus, senão, simplesmente, um Profeta que quis seguir João.

“Existem alguns que dizem de João, o Batista, que ele era o Ungido” (*Kristós*) – Orígenes Vol. II, página 150. “Quando as concepções gnósticas que viam em Jesus o *Logos* e o *Ungido* começaram a ganhar terreno, os primitivos cristãos se separaram dos nazarenos, os quais acusavam injustamente o Hierofante Jesus de perverter as doutrinas de João e de mudar, por outro, o Batismo no Jordão”. (**Codex Nazarenus**, II Pág.109)

Salomé desnuda e ébria de vinho e de paixão com a cabeça inocente de João Batista em seus eróticos braços dançando diante do Rei Herodes fez estremecer as terras do Tiberíades, de Jerusalém, da Galiléia e de Cafarnaum. Entretanto, não devemos escandalizar-nos tanto; Salomé jaz muito oculta no fundo íntimo de muitas mulheres... Tu o sabes... Que nenhum homem se presuma de perfeito, porque em cada um se oculta um Herodes...

Evidentemente, matar é o ato mais destrutivo e de maior corrupção que se conhece no planeta Terra. Escrito está no livro de todos os mistérios que não

só se mata com punhais, armas de fogo, forca ou veneno, mas também que muitos são os que matam com um olhar de desprezo, com um sorriso irônico ou com uma gargalhada, com uma carta ou com a ingratidão e a calúnia. Em verdade vos digo que o mundo está cheio de uxoricidas, matricidas, parricidas, fraticidas, etc.

É necessário amar muito e copular sabiamente com a adorada se é que em verdade queremos reduzir a poeira cósmica o diabo homicida, mediante a lança onipotente de Eros.

CAPÍTULO 12
O FINAL DE UM TRIÂNGULO FATAL



Apresentaremos agora um caso espantoso que de forma enfática vem nos demonstrar o que é o sinistro e tenebroso ‘eu dos ciúmes’ no intercâmbio conjugal de marido e mulher. O horripilante acontecimento ocorreu no ano de 1180, em Provença, Itália, difundindo-se a notícia por todas as partes, até penetrar, finalmente, em 1250, na literatura, algo assim como uma forma de epopéia.²¹

Aconteceu que Guillermo de Cabstaing, filho de um pobre cavaleiro do Castelo de Cabstaing, chegou à corte do Senhor Raimundo de Rossellón; após apresentar-se, perguntou se seria bem visto como escudeiro. O barão o achou de valia e lhe deu as boas-vindas para que ficasse em sua corte.

Ficou, pois, Guillermo, e soube comportar-se de maneira tão gentil que altos e baixos o queriam; soube também distinguir-se tanto que o barão Raimundo o destinou ao serviço da dama Margarita, sua esposa, como pajem, esforçando-se Guillermo em ser ainda mais digno em palavras e fatos; mas, como é coisa que ao amor corresponde, a dama Margarita achou-se enamorada por ele, com os sentidos inflamados.

Tanto agradava a ela a diligência do pajem no serviço, sua fala e sua firmeza, que um dia não pôde conter-se em perguntar-lhe: Dize-me, Guillermo, amarias a uma mulher que te desse mostras de te amar? Ao que Guillermo respondeu sincero: Certo que o faria, senhora, sempre que suas mostras fossem verdade.

“Por São João – exclamou a dama – respondeste como completo cavaleiro! Mas, agora, desejo provar-te se poderias saber e reconhecer o que nas amostras fosse verdade e o que fosse só aparência”.

21 O original não dá referência de fonte a respeito desta passagem.

A essas palavras replicou Guillermo: “Que seja, pois, como vos apraz, senhora minha!”

Tornou-se pensativo e na hora o Amor começou a luta com ele: os pensamentos que o Amor enviava a ele, penetravam-lhe no coração e, daí em diante, converteu-se em seu paladino, começando a compor lindos versos e primorosas canções e poemas, que em tudo comprazia em sumo grau àquela a que recitava e cantava.

Mas o Amor, que a seus servidores outorga seu galardão quando lhe agradam, quis conceder o seu a Guillermo. E prontamente começou a dama a anelar e a cismar tanto em sua afeição que nem de dia nem de noite lograva o descanso, vendo em Guillermo a soma de todos os dons de coragem e de heróicas façanhas.

Assim, aconteceu que um dia, dama Margarita interpelou Guillermo, dizendo: “Sabes, Guillermo, o que neste instante é verdade e o que não é da minha aparência?”

E Guillermo respondeu: “Senhora, tão certo que Deus me ajude que desde o instante em que me converti em vosso escudeiro, nenhum outro pensamento pude albergar em mim mais que o de que vós sois, entre todos os seres vivos, o melhor e o mais veraz em palavras e aparência. Assim o creio e toda minha vida o creerei”.

A dama replicou: “Guillermo, que Deus me ajude também; digo-te que não serás enganado por mim e teus pensamentos não se perderão em vão”.

E abrindo os braços, beijou-o delicadamente e, sentando-se ambos na câmara, começaram a cuidar de seu amor...

Mas, não passou muito tempo sem que as malévolas línguas, as que deveriam alcançar a ira de Deus, começaram a desatar-se, falando de seu amor e a tagarelar sobre as canções que Guillermo compunha, murmurando que havia posto seus olhos em dama Margarita. E falaram tanto e tanto, que a coisa chegou aos ouvidos do senhor.

O barão Raimundo se afligiu em sumo grau porque perderia seu companheiro de cavalgadas e mais ainda por causa da afronta de sua esposa. Certo dia, em que Guillermo havia ido só com um escudeiro à caça

do gavião, Raimundo tomou armas ocultas e cavalgou até dar com o jovem.

– Bem-vindo seja, senhor, saudou-o Guillermo, indo ao seu encontro, quando o percebeu. Por que estais tão só?

Depois de alguns rodeios, Raimundo começou: – Dize-me, por Deus e a Santa Fé! Tens uma amante para a qual cantas e te encadeia o amor?

– Senhor – respondeu Guillermo – como poderia de outro modo cantar, se a isso não me induzisse o Amor? Verdade é, senhor, que o Amor me aprisionou por inteiro em seus laços.

– Desejaria saber, se te apraz, quem é a dama em questão?

– Ah, senhor, vede, em nome de Deus, o que de mim requeres! Farto sabeis que nunca deve ser nomeada a dama.

Mas Raimundo seguiu insistindo (porque o ‘eu dos ciúmes’ o estava tragando vivo), até que Guillermo disse:

– Senhor, haveis de saber que amo a irmã de dama Margarita, vossa esposa, e espero ser correspondido por ela (contestou o ‘eu da mentira’); e, agora que o sabeis, suplico vosso apoio; ou, quando menos, que não me prejudiqueis.

– Aqui tens minha mão e minha palavra, falou Raimundo, em promessa e juramento de que hei de empregar tudo quanto em meu poder esteja, em tua ajuda.

– Vamos, pois, a seu castelo que está perto daqui, propôs Guillermo.

Assim o fizeram, sendo bem recebidos pelo senhor Roberto de Tarascón, esposo da própria dama Inês [irmã de Margarita]. E Raimundo, tomando a mão da dama Inês, conduziu-a a seu aposento e ambos sentaram-se sobre o leito.

– Dizei-me, cunhada minha, pela lealdade que me deveis, falou Raimundo, amais alguém?

– Sim, senhor, respondeu ela (com o ‘eu embusteiro’).

– A quem?

– Oh! Não posso dizê-lo, respondeu ela! Que mal estais falando?

Mas ele insistiu tanto que não teve ela mais remédio que confessar seu amor por Guillermo. Assim o reconheceu ela ao encontrar tão triste e desconfiado a este, ainda que bem sabia que amava sua irmã; e sua resposta produziu grande alegria a Raimundo.

Inês contou tudo a seu esposo, julgando ele que havia obrado bem dando-lhe toda liberdade para que dissesse e obrasse a seu livre arbítrio, para salvar Guillermo (infame adúltero).

Inês, convertida em cúmplice do delito, não deixou de fazê-lo, pois, levando o jovem [Guillermo] a sós ao seu aposento, ficou em sua companhia por tanto tempo que Raimundo teve, com efeito, de conjecturar que havia estado desfrutando das delícias do amor.

Isso o agradou sumamente e começou a pensar que o quanto sobre ele havia sido murmurado, não era verdade, senão vago mexerico. Saíram Inês e Guillermo do aposento; foi disposta a ceia e esta transcorreu com grande animação. (Assim são as farsas que faz o eu pluralizado).

Após a ceia, Inês fez dispor o aposento de ambos os hóspedes muito próximos da porta do seu; e Guillermo e ela desempenharam tão bem seu papel que Raimundo pensou que o jovem dormia com a dama. Ao seguinte dia, depois de despedir-se, Raimundo se separou quanto pôde de Guillermo; foi à sua esposa e lhe contou o acontecido. Ante aquelas notícias, dama Margarita passou toda a noite sumida no mais profundo desconsolo; e, na manhã seguinte, chamou Guillermo, recebeu-o de maneira péssima, tratando-o de falso amigo e traidor.

Guillermo pediu graça, como homem que não havia incorrido em culpa alguma das que ela lhe atribuía; e lhe relatou, ao pé da letra, tudo quanto aconteceu. A dama chamou sua irmã e por ela soube que Guillermo dizia a verdade. Com o que ordenou a ele que lhe compusesse uma canção, na qual mostrasse não amar a mulher alguma à parte dela. E ele compôs o cantar que diz: As lindas ocorrências que amiúde o amor inspira.

Ao ouvir Raimundo de Rosellón o canto que Guillermo havia composto para sua mulher, fê-lo vir para conversar com ele; e, a bastante dis-

tância do castelo, o degolou, guardando a cabeça cortada numa bolsa de caça, arrancando-lhe logo o coração.

Com a mesma retornou ao castelo; fez que assassem o coração e o servissem a sua mulher à mesa. Ela o comeu, sem saber o que era que degustava. Ao acabar a comida, levantou-se Raimundo e participou a sua mulher que o que havia almoçado era o coração de Guillermo, mostrando-lhe em seguida a horripilante cabeça.

Perguntou-lhe, ademais, se o coração havia tido bom sabor. Ao que dama Margarita respondeu que foi, com efeito, tão saboroso que manjar outro algum lhe tiraria já o gosto que lhe havia deixado o coração de Guillermo.

Raivoso, Raimundo, desesperado pelo ‘eu dos ciúmes’, atirou-se contra ela, a perversa adúltera, com sua adaga desembainhada. Margarita fugiu e se atirou de uma varanda destroçando a cabeça na queda.

Esse foi o final catastrófico de um triângulo fatal onde os ‘eus dos ciúmes’, ‘do adultério’, ‘do engano’, ‘da farsa’, etc., levaram seus atores até um beco sem saída.

Valha-me Deus e Santa Maria! Bem sabem os divinos e os humanos que o poderoso senhor Raimundo de Rosellón se converteu em assassino devido ao demônio dos ciúmes. Melhor teria sido dar carta de divórcio para sua mulher...

CAPÍTULO 13
RITUAL PANCATATTWA



No incessante crepitar cósmico do *Fohat* onipresente, onipenetrante e Omnimisericordioso, surgem, também, como é natural, espantosas tentações carnis, indescritíveis e inenarráveis, à maneira do Grande Patriarca Gnóstico Santo Agostinho, que tinha visões de uma deleitosa mulher nua pregada na cruz [em lugar do Cristo].

Escrito está no livro dos esplendores, com caracteres de fogo ardente: “O real conhecimento e a sábia identificação com todas as infinitas possibilidades do sexo não há de significar para os sábios uma queda no mundo dos instintos e ilusões, senão que, precisamente, tal familiarização e profundo conhecimento há de conduzir-nos à Auto-Realização Íntima”.

O Iniciado que busca inteligentemente na sexualidade a potência extraordinária do princípio eterno e criador e passa da dominação da passividade à dominação da atividade de uma ação bem entendida, que domina as energias sexuais, obviamente está em condições de despertar a Consciência mediante a morte do ego animal.

No terreno da vida prática pudemos verificar cabalmente que aqueles que se afastam da questão sexual para viver a superior vida do coração, qualificando como tabu tudo aquilo que possa ter sabor erótico, tarde ou cedo vêm a experimentar, subitamente e de maneira inesperada, o cansaço e o desconsolo.

Então torna-se claro e evidente o reaparecimento dos mais baixos eus submersos que antes pareciam adormecidos e como mortos; bruscamente, entram em atividade e toda dita espiritual, tão dificilmente alcançada, transforma-se em infernal escrúpulo.

Aquela sublime esperança de ‘descansar no divino’ parece então como arrojada de improviso, e o que refulgia como harmonia eterna, torna-se abismo de vã quimera. Por esse motivo, o homem que quiser obter a liberação autêntica, não deve jamais acomodar-se na falsa sensação de segurança.

É urgente aprender a viver perigosamente, de instante a instante, de momento em momento. O verdadeiro conhecimento direto, místico, transcendental, certamente será impossível enquanto tivermos conflitos íntimos. Precisamos agarrar o diabo pelos chifres; é indispensável roubar a tocha de fogo de Tiphon Bafometo, o Bode de Mendes.

A esotérica **Viparita Karani** ensina como “o yogue faz subir, lentamente, o sêmen [a energia do] mediante concentração, de maneira que homem e mulher possam alcançar o *vajroli*”.

De maneira explícita é designada como ‘santa’ a mulher no ato carnal; ela deve achar-se em situação de transformar, também, o fogo de sua potência sexual e poder conduzi-lo aos superiores centros do corpo.

Fazendo subir o sêmen [a energia do] no corpo, quer dizer, fazendo-o refluir para dentro e para cima em vez de derramá-lo, revertendo as gotas que os profanos e profanadores destinam ao útero da mulher, entra em atividade a chama etérea do sêmen, a Serpente Ígnea de nossos mágicos poderes, mediante a qual podemos e devemos reduzir a pó o ego animal.

No **Ananga Ranga** de Kalyana Malla encontramos a seguinte *asana* de tipo tântrico.

UTTANA-DANDA : O homem se põe de joelhos e se inclina sobre a mulher estendida de costas. Há dez variedades desta postura que é geralmente a preferida.

- a) O homem coloca sobre seus ombros as pernas da mulher que fica deitada de costas; ele se inclina sobre ela unindo-se sexualmente.
- b) A mulher fica deitada de costas; o homem se coloca entre suas pernas alçando-as de maneira que toquem seu peito (peito dele), e assim se une a ela.
- c) Uma perna da mulher permanece estendida sobre o tapete ou a cama e a outra se eleva durante o ato amoroso sobre a cabeça do homem; é uma posição especialmente estimuladora da sensação erótica.
- d) A posição *Kama-Rad*. Situado entre as pernas da mulher, o homem alarga com suas mãos tanto como seja possível os braços dela.

- e) Durante o ato carnal, a mulher alça ambas as pernas até o peito do homem que se acha colocado entre suas coxas. É uma das posturas preferidas pelos conhecedores da arte de amar.
- f) O homem se ajoelha ante a mulher deitada de costas; coloca logo suas duas mãos sob suas costas e a eleva para si, de maneira que a mulher possa, por sua vez, atraí-lo com seus braços enlaçados à sua nuca.
- g) O homem se situa entre os quadris e a almofada da cabeça da mulher, de maneira que o corpo desta se eleve em forma de arco. Ele se ajoelha sobre um almofadão e realiza o ato; nesta muito apreciada forma experimentam o maior deleite ambos os partícipes.
- h) Deitada de costas a mulher cruza as pernas e eleva um pouco os pés; postura que ativa vivamente o fogo do amor.
- i) A mulher estendida sobre o leito ou tapete coloca uma perna sobre o ombro do companheiro mantendo a outra estendida.
- j) O homem alça após a introdução do membro as pernas da mulher estendida de costas e aperta estreitamente os quadris dela.

No **Viparita Karani** é dito:

“Esta prática é mais excelente, a causa da liberação para o yogue; esta prática leva saúde ao yogue e lhe outorga a perfeição.”

“O Vira-Sadhaka ou Heruka considera o próprio universo como o lugar da liberação; ele sabe viver sabiamente; com a vista pousada na infinita verdade, acha-se por cima do terror e da censura, pela evidência do Saham (eu sou ela, ou seja, a potência, indubitavelmente penetrado por ela), livre de todo enlace do Samsara, senhor de seus sentidos, procedendo ao Ritual Pancatattwa”.

“Esta palavra designa os cinco elementos: éter, ar, fogo, água e terra, que são considerados como os princípios diversos da manifestação da Shakti (Kundalini). Os cinco contêm a potência cósmica e o Vira-Sadhaka tem de realizar a tarefa de ressuscitar a primigênia natureza desses elementos como ato de potência para assim avançar ao Primogênito da Criação: o próprio Shiva”.

Sob todas as luzes se destaca com inteira claridade meridiana a necessidade intrínseca de um ascenso escalonado aos princípios transcendentais da vida universal. Tal ascenso há de ter por embasamento a natureza orgânica do *pentante*.²²

Com respeito ao sujeito orgânico, o éter se encontra intimamente relacionado com a mulher ou o relacionamento sexual (*Maithuna*); o ar, com o vinho (*Madya*); o fogo, com a carne (*Mamsa*); a água, com o peixe (*Matsya*); e a terra, com os cereais (*Mudra*).

Assim, pelo inteligente desfrute dos cinco “M” (Mulher, vinho, carne, peixe, cereais), invoca-se a potência (Shakti) dos elementos, atualizando-a em si mesmo aqui e agora.

O Pancatattwa possibilita o Shakti-Puja (ou seja, o culto gnóstico da Divina Mãe Kundalini – Shakti).

As maravilhosas chispas de Maha-Kundalini se acham contidas em todas as propriedades dos cinco elementos da natureza. Necessitamos, com urgência, converter essas chispas em chamas dentro de nós mesmos.

Mediante o Ritual Pancatattwa é inquestionável que a oculta divindade interior, ainda quando não esteja imersa dentro do animal intelectual equivocadamente chamado homem, faz extensiva de maneira consciente sua energia íntima com o evidente propósito de ajudar a Essência no processo do despertar...

Temos de saber, claramente, que os cinco elementos são formas diversas de uma potência e, portanto, procuram atrair a vida interior do Ser Íntimo para uni-la à vida exterior, o imanente com o transcendente, para que com isso o Ser se reconheça aqui e agora.

Necessitamos aprender a viver intensamente, de instante em instante, no mundo dos cinco elementos. O Karma-Yoga é o sendeiro da linha reta; tem por embasamento a Lei da Balança.

Como poderíamos exercer com soberana maestria o poder sobre o *tattwa akáshico* excluindo o *Sahaja Maithuna* (Magia Sexual)?

22 Praticante do Pancatattwa, aquele que se transformou num pentagrama vivo.

Dizem as tradições hindus que Rama-Krishna fez Sarada-Devi se sentar no trono da Mãe Divina, dentro do templo; à medida que cantava o hino à Devi Kundalini com a ancestral cerimônia ritual que culmina na famosa Shorashi-Puja, iniciou a adoração da mulher. Ele e Ela, durante o *Maithuna*, chegaram ao *Samadhi*...

Assim se chega a exercer todo o poder sobre o *Tattwa akáshico*... Escrito está, com palavras de fogo no livro dos esplendores, que a potência do Logos Solar não se encontra no cérebro, nem no coração, nem em nenhum outro órgão do corpo, senão, exclusivamente, nos órgãos sexuais: no falo e no útero.

De modo algum poderíamos desenvolver em nossa constituição íntima os poderes *akáshicos* se cometêssemos o erro de fornicar ou odiar o sexo, ou adulterar. “Todo pecado será perdoado, menos o pecado contra o Espírito Santo” (o Sexo).

Uma vez, achando-me fora do corpo físico, fiz a minha Mãe Divina Kundalini a seguinte pergunta: – É possível que, lá no mundo físico, exista alguém que possa se auto-realizar sem a Magia Sexual? A resposta foi terrível, espantosa. – Impossível, filho meu; isso não é possível!

Eu fiquei impressionado e comovido no mais íntimo da alma...

E o que diremos sobre o *Vayú Tattwa*? O elemento ar? Qual é sua relação com o fruto da vida?

É óbvio que nenhum bêbado poderia adquirir os poderes maravilhosos do *Vayú Tattwa*...

Torna-se claro e evidente que o vinho puro e sem fermento de nenhuma espécie é usado com êxito no Ritual do Pancatattwa... De que forma ou de que maneira poderíamos adquirir os milagrosos poderes ígneos do *Tattwa Tejas*, se cometermos o erro de renunciar aos elementos carnívoros?

Infelizmente, as humanas multidões ou se tornam vegetarianas radicais ou se tornam quase canibalescas.

E que diríamos sobre o *Tattwa Apas* e seus formidáveis poderes? É óbvio que nos peixes se encontra o segredo que nos permite dominar as tempestades e caminhar sobre as águas; infelizmente, as pessoas detestam os frutos do mar ou abusam deles.

De que maneira poderíamos conquistar os poderes do *Tattwa Prithvi*, o elemento terra, se detestarmos os cereais, legumes e plantas, ou se abusarmos desses alimentos?

Disso tudo se conclui que todos os elementos, tanto da terra quanto da carne, são em essência absolutamente puros. Quando o *Vira* desfruta do prazer sem mescla de um matiz pessoal, lhe é revelado no sexo a causa primitiva do cosmo, o mundo dos fenômenos, o mundo de Maya.

As correntes de *Tattwa* que se encontram no cosmo em consonância com a estrutura de forças e que produzem a evolução e a involução do universo, manifestam-se como limite da criação e primogênito da natureza, de maneira que alça uma imensa potência e transforma a vontade do *Vira* que daí em diante arde na chama de Maha-Kundalini.

O sábio escritor Waldemar diz textualmente em uma de suas obras:

Prana, a sexta força fundamental, não só surte efeito nos homens, senão que é o princípio vital de todo ser existente no universo. Prana é o que se chama o sopro de Deus e que provoca nos organismos as manifestações vitais. Pelo desfrute dos cinco elementos do Ritual Pancatattwa, dinamizam-se, por assim dizer, as potências, para brilhar no sexto princípio, na constituição dos seres, ou seja, no *Linga-Sharira*, o corpo etérico.

Se soubermos prestar a devida atenção à verdadeira natureza da vontade desperta por este brilho, para captá-la com alerta Consciência e não só imaginativamente, senão retendo-a com todo o Ser Íntimo, realiza-se um transporte de ordem transcendental.

É inquestionável que os brilhos do vinho, da mulher, da carne, etc., depois de fazerem rodar os chakras do corpo vital, vêm atualizar as superiores forças da alma: Atman-Buddhi-Manas.

A fim de que a obscura massa de *Tamas* (potência latente) seja superada em seu estado caótico e inerte, devem ser provocados momentos especiais de emoção extática; o indivíduo sai fora de si de certo modo e os recursos do vinho e o ato sexual desempenham aqui um papel decisivo.

Este sair fora de si é, no próprio sentido devidamente entendido, um entrar na força dos elementos. As correntes de *Tattwas* que se encontram no cosmo estão, obviamente, subordinadas à Shakti, à potência.

Atualizada a potência dos cinco elementos no fundo vivente da alma, é evidente que nos convertemos em Mestres dos *Tattwas*. Então podemos, se assim o quisermos, imortalizar o corpo físico; passar entre o fogo sem nos queimarmos; caminhar sobre as águas; acalmar ou desatar as tempestades; flutuar nos ares; desatar os furacões; atravessar qualquer rocha ou montanha de lado a lado sem receber o menor dano; pronunciar palavras que intumescem ou encantam as serpentes venenosas , etc.

OM, obediente à Deusa que se assemelha a uma serpente adormecida no Swayambhu Lingam²³ e maravilhosamente ornada, desfruta do amado e de outras belezas. Acha-se presa pelo vinho e irradia milhões de raios. Será despertada pelo ar e pelo fogo, pelos mantras **DJAM DRAM HUM**, durante a Magia Sexual.

Na pronúncia do mantra **KRIM** deve-se empregar grande imaginação. É necessário insuflar-lhe energia e transformá-lo em força mágica. Tal mantra não só é usado na Magia Sexual como também que ele forma parte viva de todo o Ritual Pancatattwa.

O *Vira* Gnóstico, quando bebe o vinho ou come a carne ou o peixe, ou os cereais, pronuncia o mantra **KRIM** e intensifica sua imaginação de tal modo que todo o universo lhe parece tomado pela Bendita Mãe do Mundo.

23 Automanifestado, que foi criado pela própria vontade. Também *lingams* naturais, surgidos ou existentes na natureza.

CAPÍTULO 14
PODERES TATTWICOS



Para o bem da Grande Causa vou transcrever, agora, no presente capítulo, dois relatos extraordinários de *Sri Swami Sivananda*:

O Yogue Bhusunda

O yogue Bhusunda é considerado um *Chiranjivi*²⁴ entre os yogues. Foi mestre na ciência do *Pranayama*. Diz-se que este yogue construiu, na parte ocidental do Kalpa Vriksha²⁵, situado no cume norte do Mahamera, uma enorme guarida onde viveu.

Este yogue era um *Trikala Jnani* [conhecedor do passado, do presente e do futuro] e podia estar em *Samadhi* [êxtase] por longo tempo. Havia obtido a suprema *Santi* [paz] e *Jnana* [gnose] e em tal estado desfrutou da felicidade de seu próprio Ser, sempre como um *Chiranjivi*.

Possuía pleno conhecimento das cinco *Dharanas* [concentrações] e havia dado provas de domínio sobre os cinco elementos, mediante a prática da concentração.

Diz-se que quando os doze *Adityas* [divindades solares] queimaram o mundo com seus refulgentes raios, ele pôde, mediante seu *Apas Dharana* [concentração no elemento aquático], alcançar o *Akasha* [o mundo do éter cósmico]; e, quando o feroz vendaval soprou até fazer saltar as rochas em pedaços, ele pôde permanecer no *Akasha*, mediante o *Agni Dharana* [concentração no fogo].

Mais ainda: quando o mundo, junto com o Mahamera [uma montanha hindu], afundar nas águas, ele flutuará mediante o *Vayú Dharana* [concentração no ar].

24 Do sânscrito *chiram* (permanente) + *jivi* (vivo); imortal.

25 Cidade hindu em Hamirpur.

Até aqui este relato maravilhoso de *Sri Swami Sivananda*. É óbvio que o yogue Bhusunda teve de praticar intensivamente o Ritual Pancatattwa.

Vejam, agora, detidamente, o segundo relato do Guru-Deva Sivananda:

Milarepa

Milarepa foi uma dessas almas que se impressionaram profundamente ao compreender a natureza transitória da mundana existência e os sofrimentos e misérias nos quais os seres se acham submersos. Parecia-lhe que a existência, deste ponto de vista, era igual a uma enorme fogueira onde as criaturas viventes se consumiam. Ante tal desconcertante dor, sentiu em seu coração que era incapaz de perceber algo da celestial felicidade desfrutada por Brahma e Indra nos céus; porém, muito menos sentia ainda os gozos terrenos e as delícias próprias do mundo profano.

Por outra parte, sentiu-se profundamente cativado pela visão de imaculada pureza e casta beatitude descritas no estado de liberdade perfeita e onisciência alcançáveis no Nirvana, a tal ponto que não podia malgastar sua vida na procura de algo que desde longo tempo havia rejeitado, dedicando-se, com plena fé, profundidade de mente e coração cheio do onipenetrante amor e da simpatia de todas as criaturas.

Havendo obtido conhecimento transcendental no controle da natureza etérica e espiritual da mente, sentiu-se capaz de dar demonstrações disso e, sob tal efeito, pôde voar pelo céu, caminhar e descansar no ar. Foi capaz também de produzir chamas e fazer surgir águas de seu corpo, transformando-se no objeto que desejasse, demonstrações que foram capazes de convencer os descrentes e trazê-los às sendas religiosas.

Milarepa foi perfeito na prática dos quatro estados de meditação, e, mediante eles, pôde projetar seu corpo sutil ao extremo de estar presente, presidindo concílios yogues em 24 lugares distintos, nos quais se realizavam assembléias de deuses e anjos, iguais a nuvens de espiritual comunhão.

Foi capaz de dominar deuses elementais, colocando-os a seu imediato comando no cumprimento de seus deveres. Foi um perfeito adepto

de sobrenaturais poderes *táttwicos* e teve a graça de poder atravessar e visitar inumeráveis paraísos sagrados e os céus dos buddhas, onde, pela virtude de seus omni-absorventes atos e nunca superada devoção, os buddhas e os bodddhisattwas que regem esses sacros lugares, o favoreceram, permitindo-lhe expressar-se acerca do Dharma, santificando-o, em seu retorno, com a visão desses mundos celestiais e permanência em tais moradas.

CAPÍTULO 15
O ABOMINÁVEL VÍCIO DO ÁLCOOL



Muito longe daqui desta minha querida pátria mexicana, viajando por outros caminhos, fui levado pelos ventos do destino a essa antiga cidade sul-americana que em tempos pré-colombianos se chamara Bacatá, na típica linguagem Chibcha.²⁶

Cidade boêmia e taciturna, com mentalidade crioula do século XIX; nebuloso povoado no vale profundo... Urbe maravilhosa da que certo poeta dissera: “Gira a cidade de Bacatá sob a chuva como um desnivelado carrossel; a cidade neurastênica que cobre suas horas com cachecóis de nuvens”.

Então havia começado a primeira guerra mundial... Que tempos, Deus meu! Que tempos! Mais vale agora exclamar como Rubén Darío: “Juventude, divino tesouro que vais para não voltar, quando quisera chorar, não choro e, às vezes, choro sem querer”.

Quanta dor ainda sinto ao recordar, agora, tantos amigos já mortos! Os anos se passaram... Essa era a época do brinde do Boêmio e Julio Flores, os anos em que estiveram em moda Lope de Vega e Gutierre de Cetina.

Então, quem queria se presumir de inteligente, recitava entre copos e copos aquele soneto de Lope de Vega, que literalmente diz:

Um soneto me manda fazer violante,
em minha vida me vi em tal aperto,
catorze versos dizem que é soneto,
burla burlando vão os três adiante.

Eu pensei que não achasse consoante
e estou na metade de outro quarteto,

26 Bacatá foi o que hoje é Bogotá.

mas se me vejo no primeiro terceto,
não há coisa nos quartetos que me espante.

Pelo primeiro terceto vou entrando,
e ainda presumo que entrei com pé direito,
pois fim com este verso lhe vou dando.

Já estou no segundo e ainda suspeito
que estou os treze versos acabando,
contai se são catorze e está feito.

É claro que naquele ambiente crioulo de bardos desvelados concluíam esta classe de declamações entre gritos de admiração e salva de palmas.

Esses eram os tempos dos brindes boêmios, anos em que os cavalheiros jogavam até a vida por qualquer dama que pela rua passasse...

Alguém me apresentou a um amigo de chispante intelectualidade, muito dado aos estudos de tipo metafísico. Roberto era seu nome e, se calo seu sobrenome, faço-o com o evidente propósito de não ferir suscetibilidades. Rebento ilustre de um representante de seu Estado ante a Câmara Nacional daquele país.

Com a taça de fino cristal bacará em sua destra, ébrio de vinho e de paixão, declamando, aquele bardo de cabeleira alvoroçada sobressaía em qualquer lugar, ante intelectuais, em tendas, cantinas e cafés.

Certamente, era algo digno de se admirar naquele mancebo a portentosa erudição que possuía; tão bem comentava Juan Montalvo e seus sete tratados, como recitava a marcha triunfal de Rubén Darío...

No entanto, havia pausas mais ou menos longas em sua vida borrascosa; às vezes, parecia arrepende-se e se encerrava longas horas, dia após dia, na Biblioteca Nacional. Muitas vezes o aconselhei a abandonar para sempre o abominável vício da bebida; mas, de nada serviram meus conselhos; cedo ou tarde regressava às suas antigas andanças.

Sucedeu que, uma noite qualquer, enquanto meu corpo físico jazia dormindo no leito, tive uma experiência astral muito interessante. Com olhos de pavor, eu me vi ante um horrendo precipício, frente ao mar, e olhando nas trevas abismais, observei pequenas naves ligeiras de inchadas velas, acercando-se das rochas costeiras.

Os gritos marinhos e o ruído de âncoras e remos permitiram-me verificar que aquelas pequenas embarcações haviam chegado à tenebrosa borda. E percebi almas perdidas, gente sinistra, horripilante, espantosa, desembarcando ameaçadora...

Vãs sombras ascendendo até o cume, onde Roberto e eu nos encontrávamos! Aterrorizado, o mancebo arrojou-se de cabeça ao fundo abismal, caindo como a pentalfa invertida e se perdendo definitivamente nas águas tormentosas.

Não posso negar que fiz o mesmo; mas em vez de afundar naquelas águas do Ponto²⁷, flutuei deliciosamente enquanto no espaço me sorria uma estrela. É claro que esta experiência astral me impressionou vivamente; compreendi o porvir que aguardava o meu amigo.

Passaram os anos e eu, continuando minha viagem pela senda da vida, me afastei dessa nebulosa cidade boêmia... Muito mais tarde, além do tempo e da distância, viajando pelas costas do Mar do Caribe, cheguei ao Porto do Rio do Hacha, hoje capital da Península Goajira. Povoado de arenosas ruas tropicais à borda do mar; pessoas hospitaleiras e caritativas de rosto queimado pelo sol...

Jamais pude esquecer aquelas índias goajiras vestidas com tão formosas túnicas e gritando por toda parte: Carua! Carua! Carua! (Carvão). Piracá! Piracá! Piracá! (Venha aqui!), exclamavam as senhoras da porta de cada casa, com o propósito de comprar o necessário combustível.

“Haita Maya!” (Eu te quero muito!), diz o índio quando namora a índia. “Ai macai pupura!”, contesta ela, como dizendo: dias vêm e dias vão.

Existem casos insólitos na vida, surpresas tremendas; uma delas foi, para mim, o encontro com aquele bardo que antes conhecera na cidade de Bacatá. Veio ele a mim, declamando em plena rua, embriagado como sempre; para o cúmulo, na mais espantosa miséria...

É claro que aquela luminária do intelecto se havia degenerado espantosamente com o vício da bebida. Inúteis foram todos os meus esforços para tirá-lo do vício; cada dia andava de mal a pior.

27 Primitivo Deus do Mar, nascido com a Terra (Gaea): Pontus.

O Novo Ano estava se aproximando... Por toda parte ressoavam os tambores convidando o povo às festas, aos bailes, que em muitas casas eram celebrados; à orgia...

Certo dia, estando eu sentado sob a sombra de uma árvore, em profunda meditação, tive que sair do meu estado estático ao escutar a voz do poeta... Havia chegado Roberto com os pés descalços e o corpo seminu; meu amigo era, agora, um mendigo; o 'eu da bebida' o havia transformado em esmoleiro.

Mirando-me fixamente e estendendo sua mão direita exclamou: "Me dá um dinheiro!"

"Para que queres tu o dinheiro? Para reunir o suficiente para comprar uma garrafa de rum? Sinto muito, amigo; creia-me que jamais cooperarei para o vício. Abandone você o caminho da perdição".

Ditas estas palavras, aquela sombra se retirou, silente e taciturna...

Chegou a noite do Ano Novo; aquele bardo de melena alvoroçada revolveu-se como o porco no lodo, bebendo e mendigando de orgia em orgia...

Perdido por completo o juízo, sob os efeitos asquerosos do álcool, meteu-se numa rixa; algo disse e lhe disseram; e é evidente que lhe deram uma tremenda surra.

Depois veio a polícia, com o propósito de pôr fim à briga e, como é óbvio em todos estes casos, o bardo foi parar na cadeia.

O epílogo desta tragédia cujo autor foi naturalmente o 'eu da bebida', é realmente macabro e arrepiante, pois aquele poeta morreu enforcado; dizem os que o viram que, no outro dia, o encontraram pendurado pelo pescoço nas mesmas grades do calabouço.

As pompas fúnebres foram magníficas e muita gente concorreu ao cemitério para o último adeus ao bardo.

Depois de tudo isso, muito pesaroso tive de continuar minha viagem, afastando-me daquele porto marítimo. Mais tarde me propus a investigar de forma direta o desencarnado amigo no mundo astral. Esta classe de experimentos metafísicos pode-se realizar projetando-se o *eidolon* ou duplo mágico [corpo astral] do qual nos fala Paracelso.

Sair da forma densa certamente não me custou trabalho algum; o experimento resultou maravilhoso. Flutuando com o *eidolon* na atmosfera astral do planeta Terra, entrei pelas portas gigantescas de um grande edifício. Situei-me ao pé da escadaria que conduz aos andares mais altos e pude perceber uma bifurcação da escadaria ao acercar-me da base.

Clamei com grande voz, pronunciando o nome do falecido, e aguardei pacientemente os resultados... Estes últimos, certamente, não se deixaram esperar muito; fui surpreendido por um grande tropel de pessoas que precipitadamente desciam por um ou outro lado da derivada escadaria.

Toda esta tropa chegou-se a mim e me rodeou: Roberto, meu amigo, por que te suicidaste?

Eu sabia que todas aquelas pessoas eram Roberto; mas, não achava ninguém a quem me dirigir; não encontrava um sujeito responsável, um indivíduo... Tinha diante de mim um 'eu pluralizado', um montão de diabos. Meu amigo desencarnado não gozava de um centro permanente de Consciência.

A experiência terminou quando aquela legião de eus se retirou subindo pelas escadarias do edifício...

CAPÍTULO 16
PAUSA MAGNÉTICA CRIADORA



A nossa experiência da vida diária veio demonstrar de forma irrefutável que a excessiva excitação de luz e som embotam os maravilhosos órgãos da vista e do ouvido. A sábia lei das concomitâncias nos permite inferir, de forma lógica, que o contínuo intercâmbio de raios anímicos esgota tanto a alma quanto o corpo. Como microcosmo, o homem precisa caminhar de acordo com todos os ritmos viventes do espaço infinito que sustêm o universo firme em sua marcha.

Da mesma forma como os astros no firmamento vão e voltam em suas órbitas, sem se atrapalharem mutuamente e mantendo, portanto, suas proporcionais luminosidades, assim também devem proceder marido e mulher, unindo-se sexualmente em forma periódica.

Ainda quando impossível os casais terem recâmaras separadas, existe um remédio infalível para evitar a rejeição [saturação] magnética. Porém, visto que seria muito grave calar sobre isso, vamos dar a fórmula:

“Relação sexual uma ou duas vezes por semana tratando de não interromper o fluxo da eletricidade vital e evitando cuidadosamente o abominável espasmo”.

De Hutten²⁸ são estes versos:

É bi-semanal o dever
que tens para com a mulher
que nem a ti nem a mim prejudica
e cento e quatro ao ano adjudica.

Zoroastro escreveu a seus fiéis que o homem deve coabitar com a mulher a cada nove dias; para isso a mulher deve fazer ao senhor nove vezes a cada manhã a pergunta: dize-me, dono meu, o que hoje devo fazer? Tua vontade é lei.

28 Ulrich von Hutten (1488-1523).

Sólon, o sábio legislador grego, adjudicava à mulher o direito de ser coberta pelo homem três vezes no curso de quatro semanas.

Aos homens que já passaram dos 50 anos lhes é aconselhado, simplesmente, a obedecer à pausa magnética criadora que a natureza estabelecer em sua fisiologia erótica. Ainda que queiram praticar Magia Sexual, devem saber aguardar o momento oportuno; seria absurdo violentar os órgãos sexuais ou realizar a cópula com uma ereção deficiente.

De forma alguma devem se preocupar com isso as pessoas de idade avançada. É evidente que a natureza estabelece nelas os *plus* e *minus* sexuais, as épocas de atividade e de repouso. A pausa criadora magnética soluciona também o deficiente desenvolvimento dos genitais e dos *chakras* ou plexos simpáticos abastecidos por estes.

Diz Charles Waldemar:

No período preparatório são usadas energias da própria massa de potência; a conseqüência é que, pela frequente repetição desses dispêndios, produz-se um crescente vazio interior e descontentamento. A pausa magnética é necessária para a reposição da energia consumida.

Amiúde, entretanto, vai um partícipe tão longe que chega a interpretar essa pausa como deficiência em amor e desejo conjugal, obrigando então seu par, em morbosa vaidade, a mostrar sua complacente deferência, mediante novas ostentações de excitação.

De maneira forçada o fogo sensual há de dar repetidamente claras chammas; ao outro não lhe resta outro remédio que não evadir-se à representação mímica de sensações não mais excitáveis nem experimentáveis.

Como conseqüência disso, vai incrementando-se o desvio anímico até que engrossem de tal modo a repulsão e o desespero, e não são mais evitáveis veementes disputas.

A vergonha e o ódio dos afetados aumentam, o que conduz à perturbação anímica e à conversão; portanto, do matrimônio a uma maldição. O culpado se chama, aqui, desconhecimento e não emprego da pausa criadora magnética.

O intercâmbio magnético no trato sexual se manifesta especialmente positivo quando marido e mulher se unem com o evidente propósito de não sobrepassar o ponto culminante sexual; quer dizer, não chegando até o orgasmo. Então ambos, marido e mulher, disporão de forças elétricas, sexuais e prodigiosas, com as quais poderão reduzir a cinzas todos os agregados psíquicos que, em seu conjunto, constituem isso que se chama 'ego', 'eu', 'mim mesmo', 'si mesmo'.

CAPÍTULO 17
O DESDOBRAMENTO



Em se tratando de projeções do *eidolon* e viagens supra-sensíveis fora do corpo físico, temos muito que dizer. Nos instantes em que escrevo estes parágrafos, vêm à minha memória acontecimentos extraordinários, maravilhosos. Repassando velhas cenas de minha longa existência com a tenacidade de um clérigo na cela, surge Eliphaz Levi.

Uma noite qualquer, fora da forma densa, andei por diversos lugares, invocando a alma daquele falecido que em vida se chamou Alphonse Louis Constant (Eliphaz Levi).

É óbvio que o encontrei, sentado atrás de uma velha escrivadinha num augusto salão de antigo palácio. Muito cortesmente se levantou de sua poltrona para corresponder respeitosamente à minha saudação.

“Venho pedir-vos um grande serviço”, disse. “Quero que me deis uma chave para sair instantaneamente em corpo astral cada vez que necessitar”.

“Com muito prazer”, respondeu o abade; porém, antes quero que o senhor me traga, amanhã mesmo, a seguinte lição: “O que há de mais monstruoso sobre a face da Terra”.

“Dá-me a chave agora mesmo, por favor...”. “Não! Traga-me o senhor a lição e com muito prazer darei a chave”.

O problema que o abade me havia proposto tornou-se um verdadeiro quebra-cabeça, pois, tantas são as coisas monstruosas que existem no mundo que francamente eu não achava solução.

Andei por todas as ruas da cidade observando, tratando de descobrir o mais monstruoso; quando cria havê-lo achado, então, surgia algo pior; de repente um raio de luz iluminou meu entendimento.

“Ah! Já entendi! O mais monstruoso tem que ser, de acordo com a Lei da Analogia dos Contrários, o antipolo do mais grandioso...”

“Bem! Porém, o que é o mais grandioso que existe sobre a dolorosa face deste aflito mundo?”

Veio, então, a meu translúcido, a Montanha das Caveiras, o Gólgota das amarguras e o grande Kabir Jesus agonizando em uma cruz por amor a toda humanidade doente...

Então exclamei: “O Amor é o mais grandioso que existe sobre a Terra! Eureka! Eureka! Eureka! Já descobri o segredo: o ódio é a antítese do mais grandioso”.

A solução do complexo problema ficou evidente. Agora, só faltava me comunicar novamente com Eliphaz Levi. Projetar outra vez o *eidolon*, para mim era mera questão de rotina, pois nasci com essa preciosa faculdade. Se estava buscando uma chave especial, fazia-o não tanto por minha insignificante pessoa que nada vale, senão por muitas outras pessoas que anelam o desdobramento consciente e positivo.

Viajando com o *eidolon*, o duplo mágico, para bem longe do corpo físico, andei por diversos países europeus em busca do abade; mas este não aparecia em nenhum lugar... De repente, de forma inusitada, senti uma chamada telepática e penetrei numa luxuosa mansão. Ali estava o abade; porém... Oh surpresa! Que maravilha! Que é isso?

Era Eliphaz Levi transformado em criança e deitado no seu berço. Um caso verdadeiramente insólito, não é mesmo?!

Com profunda veneração, lentamente, aproximei-me do bebê, dizendo: “Mestre, trago a lição; o mais monstruoso que existe sobre a Terra é o ódio. Agora quero que cumpras o que me prometeste. Dá-me a chave...”

Porém, ante meu assombro, aquela criança permanecia muda, enquanto eu me desesperava sem compreender que o silêncio é a eloquência da sabedoria.

De vez em quando, tomava-o em meus braços, desesperado, suplicando; mas tudo em vão! Aquela criatura parecia a esfinge do silêncio.

Quanto tempo duraria isto? Não sei! Na eternidade não existe o tempo; o passado e o futuro se irmanam dentro de um eterno agora.

Por fim, sentindo-me enganado, deixei a criança no seu berço e saí muito triste daquela antiga e ensolarada casa. Passaram os dias, os meses e os anos e eu continuava sentindo-me enganado; sentia como se o abade não tivesse cumprido a palavra empenhada com tanta solenidade; mas, um dia qualquer, veio a mim a luz. Recordei, então, aquela frase do Kabir Jesus: “Deixai que venham a mim as crianças porque delas é o reino dos céus”.

“Ah! Entendi”, disse a mim mesmo. “É urgente e indispensável reconquistar a infância na mente e no coração. Enquanto não sejas como crianças, não podereis entrar no reino dos céus”.

Esse retorno, esse regresso ao ponto de partida original, não é possível sem ter, antes, morrido em si mesmo; a Essência, a Consciência, infelizmente está engarrafada em todos esses agregados psíquicos que em seu conjunto tenebroso constituem o ego. Só aniquilando tais agregados sinistros e sombrios, a Essência pode despertar em estado de inocência primordial.

Quando todos os elementos subscientes tiverem sido reduzidos a poeira cósmica, a Essência é liberada. Então, reconquistamos a perdida infância.

Novális disse: “A Consciência é a própria Essência do homem em completa transformação, o Ser primitivo celeste”.

Torna-se claro e evidente que, quando a Consciência desperta, o problema do desdobramento voluntário deixa de existir. Depois que compreendi a fundo todos estes processos da mente humana, o abade, nos mundos superiores, fez-me a entrega da segunda parte da chave régia. Certamente, foi esta uma série de mântricos sons com os quais pode uma pessoa, de forma consciente e positiva, realizar a projeção do *eidolon*.

Para o bem de nossos estudantes gnósticos vamos registrar de forma didática a sucessão inteligente desses mágicos sons:

- a) Um silvo longo e delicado, semelhante ao de uma ave.
- b) Entonação da vogal “E” (e e e e e e e e), alongando o som com a nota Ré da escala musical.

- c) Cantar o “**R**”, fazendo-o ressoar com o Si musical, imitando a voz da criança em forma aguda; algo semelhante ao som agudo de uma sirene ou motor, muito fino e sutil (**rrrrrrrrrr**).
- d) Fazer ressoar o “**S**” de forma muito delicada como um silvo doce e aprazível (**ssssssss**).

Esclarecimento: o ponto “a” é um silvo real e efetivo. O ponto “d” é só semelhante a um silvo.

ASANA

- a) Deite-se o estudante gnóstico na posição de homem morto: decúbito dorsal (boca para cima).
- b) Abra as pontas dos pés, em forma de leque, tocando-se pelos calcanhares.
- c) Os braços ao longo do corpo; corpo bem relaxado.
- d) Adormecido, o devoto, em profunda meditação, cantará muitas vezes os mágicos sons.

ELEMENTAIS

Estes mantras se encontram intimamente relacionados com o departamento elemental das aves; é evidente que estas últimas assistirão ao devoto, ajudando-o, efetivamente, no trabalho de desdobraimento.

Cada ave é o corpo físico de um elemental e estes sempre ajudam o neófito, na condição de conduta reta.

Se o aspirante anela a assistência do departamento elemental das aves, deve aprender a amá-las. Aqueles que cometem o crime de encerrar as criaturas do céu em abomináveis gaiolas, jamais receberão essa ajuda.

Alimentai as aves do céu; convertei-vos em libertadores dessas criaturas; abri as portas de suas prisões e sereis assistidos por elas.

Quando eu experimentei, pela primeira vez, com a chave régia, depois de entoar os mantras, senti-me vaporoso e leve como se algo houvesse penetrado dentro do *eidolon*.

É óbvio que não aguardei que me levantassem da cama; eu mesmo abandonei o leito; levantei-me voluntariamente, e, caminhando devagarzinho, saí de casa; os elementais inocentes das aves amigas, metidos dentro de meu corpo astral, ajudaram-me no desdobramento.

CONCLUSÃO

Expusemos no presente capítulo os dois aspectos fundamentais da chave régia: O pleno e absoluto desenvolvimento destas duas partes da grande chave nos permitirá o desdobramento à vontade, de forma consciente e positiva.

Aqueles que verdadeiramente anelam se tornarem experimentadores das grandes realidades dos mundos superiores, devem desenvolver dentro de si mesmos os dois aspectos da grande chave.

CAPÍTULO 18
INTERCÂMBIO MAGNÉTICO



Durante o *Sahaja Maithuna*, na cópula química, no coito metafísico, experimenta-se a máxima sensação erótica aos cinco minutos. Flamas dinâmicas, magnéticas, como ondeante mar de gás vermelho purpúreo terrivelmente divino rodeiam o casal durante o transe sexual. Tremendo instante é esse em que as correntes masculinas intentam unir-se com as femininas.

Com a pausa magnética criadora estabelecem-se ritmos sexuais harmônicos e coordenados entre o homem e a mulher. Tal pausa contém, em si mesma, dois fatores básicos:

- a) Determinado período de tempo inteligente e voluntariamente estabelecido entre cópula e cópula.
- b) Desfrute prolongado do coito metafísico sem orgasmo, espasmo e sem perda do licor seminal.

Para que o intercâmbio das forças magnéticas seja profundo, edificante e essencialmente dignificante, é urgente que os mais importantes centros do corpo façam contato de forma harmônica e tranqüila. O clitóris que se localiza entre ambos os lábios pequenos da vulva, representa o ponto mais sensível do organismo feminino.

Qualquer clarividente iluminado poderá perceber as forças centrífugas magnéticas que iniciam sua marcha desde o clitóris. É, pois, o clitóris o ponto centrífugo magnético que provê à aura da mulher de convenientes correntes de energia.

Entretanto, devemos estudar tudo isto não de forma parcial, senão total; seria absurdo supor que o clitóris que se encontra ante a saída vaginal, separado desta pelo canal condutor da uretra, seja o único portador e gerador da superior sensação para o sexo feminino. Devemos pensar e compreender que também o

útero e partes isoladas do interior da vagina podem ser portadoras e geradoras da máxima sensação sexual.

É inquestionável que o tecido cavernoso e os corpúsculos terminais se encontram no clitóris. Sem tais tecidos e corpúsculos, a idoneidade fisiológica feminina e a possibilidade de alcançar a máxima sensação sexual ficariam excluídas.

Depois do contato com o homem, o clitóris, provido de corpos cavernosos, entra em ereção, como o falo masculino, inflamando-se ao par. No instante extraordinário em que também incham os corpos cavernosos na região dos lábios da vulva, a entrada da vagina se reveste de uma espécie de acolchoado esponjoso que envolve, maravilhosamente, o falo masculino.

Quanto mais se umedece a entrada da vagina pela secreção glandular, tanto maior é a possibilidade de levar os finos condensadores magnéticos que ali se encontram, a uma afinidade elétrica com o falo que, na organização da tensão do corpo humano, representa, por assim dizer, o emissor primário de energia, para intercambiar uma corrente alternada físico-psíquica.

O sábio Waldemar diz: “Não esqueçamos: nosso corpo será invariavelmente tanto mais completo quanto mais desenvolvido e sob controle consciente estiver o sistema nervoso simpático. Quando homem e mulher, com o mínimo possível de movimentos, isto é, só com os que são necessários para a manutenção e prolongamento do contato, fazem da união sexual também uma união psíquica, só então se procurará a oportunidade de que sejam carregados de eletricidade os gânglios cérebro-espinais que estão ligados à glândula pineal, a soberana do corpo; além disso, também o plexo solar, com os numerosos plexos radiadores para fígado, intestino, rins e baço [será saturado de eletricidade].”

O abominável espasmo sexual é, certamente, um curto-circuito que nos descarrega espantosamente; por isso devemos evitá-lo sempre. A força maravilhosa de *Od* se acha especificada nos diversos órgãos em qualidade diversa; assim, o melhor e mais fecundo intercâmbio magnético criador se fundamenta no seguinte procedimento revolucionário: o lado do coração do homem repousa ao lado direito da mulher, unindo-se sua mão esquerda com a direita dela e estabelecendo contato de seu pé direito com o esquerdo da mulher.

Os órgãos sexuais podem então se dedicarem a uma tarefa da qual, com grande freqüência, são subtraídos, ou seja, a de servir ao princípio físico da assimila-

ção e depuração da matéria, primariamente mediante a atuação sobre o plexo situado embaixo do diafragma (parte ventral do sistema nervoso simpático), o que é imprescindivelmente necessário, como base para o desenvolvimento da sensação mais refinada.

A cópula metafísica, com todo seu refinamento erótico, nos coloca em uma posição privilegiada, mediante a qual dispomos de forças maravilhosas que nos permitem reduzir a poeira cósmica cada uma dessas entidades tenebrosas que personificam nossos defeitos psicológicos.

CAPÍTULO 19

O DEMÔNIO ALGOL



É importante repetir certas frases quando tratamos de compreender alguma coisa. Não é exagero enfatizar aquilo que dissemos no capítulo 15. Quero me referir à bebida...

Não há necessidade de discutir longamente sobre os efeitos do álcool. Seu próprio nome árabe (igual ao da estrela **Algol**, representa a Cabeça da Medusa, cortada por Perseu) significa simplesmente 'o Demônio'.²⁹

E que seja, efetivamente, um demônio ou maléfico espírito... Quando se apossa do homem, é evidente e facilmente demonstrável por seus efeitos que vão desde a embriaguez ao *delirium tremens* e à loucura, consignando-se nos descendentes sob a forma de paralisia e outras taras hereditárias.

É inquestionável que sendo um produto de desintegração que se origina também em nosso organismo, entre os que são eliminados pela pele, tem uma tendência vibratória desagregante, dissolvente e destruidora, secando nossos tecidos e destruindo as células nervosas, as quais gradualmente são substituídas por cartilagens.

Torna-se claro e evidente que o álcool tende a eliminar a capacidade de pensar de forma independente (uma vez que estimula fatalmente a fantasia) e de julgar serenamente, assim como debilita, espantosamente, o sentido ético e a liberdade individual.

Os ditadores de todos os tempos, os tiranos, não ignoram que é mais fácil governar e escravizar um povo de beberrões que um povo de abstmios. É igualmente sabido que, em estado de embriaguez, pode-se fazer uma pessoa aceitar

²⁹ Trata-se da estrela Beta Persei, a segunda estrela mais brilhante da constelação de Perseu. *Algol* vem do árabe *al Ghul* e significa 'o demônio'. Na constelação, Algol representa precisamente o olho esquerdo da Medusa.

qualquer sugestão e cumprir atos contra seu decoro e sentido moral. É bem conhecida a influência do álcool sobre os crimes, para que haja necessidade de insistir nisso...

O álcool horrendo sobe do precipício e cai no abismo da perdição; é a substância maligna que caracteriza de forma íntima os Mundos Inferiores, onde só se escutam berros, alaridos, silvos, relinchos, chiados, mugidos, grasnidos, miados, latidos, bufares, roncares e coaxares.

O abominável Algol gira incessantemente dentro do círculo vicioso do tempo. Insinua-se por todas as partes, sempre tentador; parece ter o dom da ubiqüidade; tão logo sorri na taça de ouro e de prata, sob o teto dourado do faustoso palácio, como faz cantar o bardo melenudo da horrível taberna.

O maligno Algol é, às vezes, muito fino e diplomático; vede-o aí, brilhando perigosamente, na taça resplandecente de fino cristal bacará que a mulher amada vos oferece! Diz o poeta que, quando no macio e perfumado leito de mogno, a amada embriagada desnuda-se, deseja que o anjo da guarda saia um momento...

Todos vamos a um fim; todos temos nosso nome na ânfora fatal. Nunca beba do maldito líquido, porque se o beber, prontamente errará o caminho.

“Vinhozinho forte de Sabina beberás hoje comigo em pequenas taças ainda que em ânfora grega estivesse ele envasilhado e por mim mesmo selado”, exclama Satanás do fundo do abismo...

Em suas negras profundidades, cada demônio cumpre sua tarefa, colhendo uvas até o sol vespertino; como a Deus, ele [o diabo] te chama na hora da ceia para beber o fermentado vinho. Numen novo é em seu lar³⁰; brindam os lavradores com votos e libações do mosto de suas videiras; então sorri Algol, a Medusa pérfida, gozando de sua vítima...

Jejuns, mortificações e cilícios pede o anacoreta, o penitente, na alvorada risonha; mas, depois, tudo se acaba com a bebedeira e a farra, quando o sol, já cansado, se apaga no poente...

O que o tempo não desgasta? Nossos queridos pais já eram inferiores aos nossos rudes avós; piores que eles somos nós que, em melancólica decadência, entre a bebida e a tragédia, nos segue uma viciada descendência.

30 Significa que o vinho atua como se fosse um Numen, um ‘espírito inspirador’.

Quão distinta é a prole – de quão outra família!
que tinge em sangue púnico os mares da Sicília,
a que a Pirros e Antíocos de um só lance prostra,
e ao formidável Aníbal, porque até o fim lhe arrosta.

Casta viril de rústicos soldados, ensinada
a remover as glebas com sabélica enxada;
gigantes obedientes à uma mãe severa,
que a seu mandar carregavam, na hora derradeira.

Do dia enormes troncos para o lar cortados,
quando soltos do jugo os bois fatigados,
funde-se o sol nas sombras que a noite remansa
e em amigo repouso a casa descansa.

Hoje, tudo passou. Esta pobre humanidade cheia de tantas amarguras se degenerou com o abominável vício do álcool. E quem são esses tontos que pretendem negociar com Satã?

Escutai, amigos! Com o sinistro demônio Alcol não é possível fazer composições, arranjos ou tramóias de nenhuma espécie. O álcool é muito traiçoeiro; cedo ou tarde nos dá a punhalada pelas costas.

Muitas pessoas de *Thelema* (Vontade) bebem tão só uma ou outra taça diária; trapaça maravilhosa, certo?!

Acordo? Vínculo? Complô? Gente inexperiente da vida...

Certamente a elas, falando em linguagem socrática, podemos dizer que não só ignoram como também ignoram que ignoram...

Os átomos do inimigo secreto, semelhantes a microscópicas frações de vidro, com o passar do tempo, em meio a tantas bebedeiras, laços, nós ou sutis e dissimuladas embriaguezes, vão-se incrustando dentro das células vivas do organismo humano...

Assim, bem sabem os divinos e humanos, que o demônio Alcol se apodera do humano corpo, muito astuta e lentamente, até que por fim, um dia qualquer, nos precipita no abismo da bebedeira e da loucura.

Escutai-me muito bem, estudantes gnósticos! À luz do Sol ou da Lua, de dia ou de noite, com o demônio Alcol tendes que ser radicais! Qualquer compostura,

transação, diplomacia ou negociação com esse espírito maligno está condenada ao fracasso, cedo ou tarde.

Recordai, devotos da Senda Secreta, que o eixo fatal da roda dolorosa do Samsara é umedecido com álcool. Escrito está, com palavras de fogo no livro de todos os mistérios, que com o álcool ressuscitam os demônios, os eus já mortos, essas abomináveis criaturas brutais e animais que personificam nossos erros psicológicos.

Como a bebida alcoólica está relacionada com o *Vayú Tattwa* (o elemento ar), bebendo-o, cairemos como a pentalfa invertida, com a cabeça para baixo e as pernas para cima, no abismo da perdição e de lamentos espantosos (Ver capítulo 13).

O poço do abismo, do qual sobe fumaça como a de um grande forno, cheira a álcool. Essa mulher do Apocalipse de São João, vestida de púrpura escarlate e adornada de ouro, de pedras preciosas e de pérolas e que tem na mão um cálice de ouro cheio de abominações e imundícies de suas fornicações, bebe álcool. Ela é a Grande Rameira, cujo número é 666.

Infeliz do guia religioso, do sacerdote, do místico ou do profeta que comete o erro de embriagar-se com o abominável álcool!...

É correto trabalhar pela salvação das almas, ensinar a doutrina do Senhor, mas, em verdade vos digo que não é justo lançar ovos podres contra aqueles que vos seguem. Sacerdotes, anacoretas, místicos, missionários, que com amor ensinais ao povo, por que escandalizais?

Ignorais, acaso, que escandalizar as pessoas equivale a faltar-lhes com o respeito, a lançar-lhes tomates e ovos podres?... Quando ireis compreender tudo isso?...

CAPÍTULO 20
A COBIÇA



Viajando por esses países do mundo, tive de morar algum tempo na cidade do conquistador Gonzalo Jiménez de Quesada, ao pé das montanhas de Monserrat e Guadalupe³¹.

Naquela época, bem perto do início da segunda guerra mundial, foi-me apresentado ali um amigo bem singular. **Sucre** era seu nome; também recém havia chegado à cidade em busca de conhecimentos universitários, proveniente de um porto do Atlântico que se estendia até o cume dos Andes.

Com esse amigo de outros tempos, tudo foi muito curioso; até a insólita e própria apresentação. Alguém, cujo nome não menciono, uma noite qualquer bateu à porta de minha morada com o evidente propósito de convidar-me a uma conversa profunda com o citado amigo...

Não foi por certo muito agradável o lugar da reunião; tratava-se de uma pequena dependência comercial de mau agouro. E, depois de todos os formalismos da apresentação, entramos na matéria da discussão. Ficou evidente e clara a capacidade intelectual de meu novo amigo; sujeito teórico, especulativo, estudioso...

Dizia-se fundador de alguma loja de tipo teosófico e citava com frequência H.P.B., Leadbeater, Annie Besant e outros. No intercâmbio de idéias é indubitável que brilhou, fazendo exposições pseudo-esotéricas e pseudo-ocultistas...

Se não tivesse sido sua afeição ao hipnotismo e ao desejo exibicionista, aquela reunião teria terminado pacificamente, mas, eis que o diabo sempre acaba botando o rabo em tudo.

Sucedeu que este amigo deu por fazer demonstrações de seu poder hipnótico...

31 O autor se refere à cidade de Bogotá, capital da Colômbia.

Acercando-se de um senhor de certa idade que estava por ali, sentado perto de outra mesa, pediu-lhe muito cortesmente que servisse de sujeito passivo para seu experimento.

Em se tratando de questões relacionadas com a hipnologia, não é exagero enfatizar a idéia de que nem todas as pessoas são suscetíveis de cair em transe. Sucre, com seu 'eu exibicionista', obviamente não queria cair no ridículo; necessitava demonstrar seu poder e por isso fez sobre-humanos esforços para pôr em sono hipnótico esse cavalheiro.

Mas tudo foi inútil; enquanto Sucre lutava e até sofria, aquele bom cavalheiro por dentro pensava o pior. E, de repente, como se caísse um raio em noite tenebrosa, sucedeu o que tinha que suceder...

O cavalheiro passivo saltou de seu lugar acusando Sucre, chamando-o de ladrão, bandido, etc. Mas nosso mencionado amigo, que tampouco era uma mansa ovelha, trovejou e relampejou...

E voaram mesas, cadeiras, xícaras e pratos pelos ares... O dono do estabelecimento comercial, em meio a todos os destroços, pedia que lhe pagassem os prejuízos...

Felizmente a polícia apareceu e tudo foi resolvido... O pobre Sucre teve de empenhar sua bagagem para pagar a dívida...

Passado esse tão desagradável descalabro, fixamos uma nova entrevista com o mencionado amigo, à qual é óbvio que foi mais tranqüila; pois Sucre não meteu na cabeça a absurda idéia de repetir seu experimento... Então esclarecemos muitas idéias e conceitos de fundo esotérico e ocultista.

O amigo ingressou, mais tarde, na universidade com o propósito de fazer-se advogado e é evidente que era um magnífico estudante. Um dia qualquer, depois de muitos anos, o mencionado amigo me convidou para uma refeição e, de sobremesa, houve uma conversa sobre tesouros escondidos; então, ocorreu-me narrar-lhe o seguinte caso:

Dormia eu em minha recâmara – disse-lhe – quando fui subitamente despertado por um estranho ruído subterrâneo que corria ou circulava misteriosamente de noroeste a sudoeste. Sentei-me na cama algo sobressaltado por tão inusitado som, para ver o que estaria sucedendo.

Então, com grande surpresa, vi que num canto de meu dormitório a terra se abria. E ali surgiu como por encanto o fantasma de uma mulher desconhecida, que, com voz muito delicada, me disse: “Faz muitos anos que estou morta, e aqui neste lugar enterrei um grande tesouro; tira-o tu; é para ti”.

Após Sucre escutar meu relato de sobremesa, rogou-me veemente levá-lo ao lugar dos fatos; é claro que não quis negar-lhe este serviço...

Outra tarde, veio me dizer que se havia posto em contato com o dono da casa – um doutor muito famoso da cidade – e me suplicou que investigasse se tal personagem era ou não, realmente, o dono de dita propriedade, pois tinha suas dúvidas.

Confesso, singelamente e com a mais inteira franqueza, que não me foi difícil realizar o desdobramento astral; simplesmente aproveitei o estado de transição entre a vigília e sono. No instante de começar a dormir, levantei-me delicadamente do meu leito e saí à rua. É claro que o corpo físico ficou dormindo na cama...

Assim se realizou o desdobramento do *eidolon* com pleno êxito; ainda recorro fielmente aquele notável experimento psíquico... Voando, flutuando no ambiente astral do planeta Terra, andei por várias ruas, buscando o consultório médico do doutor... Roguei ao meu intercessor elemental que me levasse a esse consultório e é claro que fui assistido...

Ao chegar a certa casa, concluí ser a procurada. Três degraus conduziam à fachada suntuosa de uma mansão... Entrei por aquelas portas e me encontrei em uma sala de espera; avancei um pouco mais e penetrei, resolutamente, no consultório...

Examinei em detalhes o interior deste último; vi uma mesa e sobre ela uma máquina de escrever e algumas outras coisas; uma janela permitia ver o pátio da residência. O doutor estava sentado e em sua aura pude ver a mencionada propriedade...

Regressei a meu corpo físico muito satisfeito com o experimento; o *eidolon* certamente é extraordinário...

Bem de manhã veio o meu amigo conhecer o resultado de meu experimento psíquico. Narrei-lhe detalhadamente tudo que havia visto e ouvido; então vi

assombro no rosto de Sucre; ele conhecia tal consultório e os dados que lhe passava eram exatos...

O que sucedeu depois é fácil de adivinhar; Sucre não só conseguiu que aquele médico lhe alugasse a casa; mas também, e isto é o mais curioso, fê-lo seu sócio. Por aqueles dias resolvi afastar-me daquela cidade, apesar dos rogos daquele amigo que insistia para que eu cancelasse minha viagem...

Quando regresssei mais tarde àquele lugar, depois de alguns anos, já tudo havia mudado, e aquela casa havia desaparecido... Então encontrei num terreno árido, horrível, pedregoso, espantosamente aborrecedor... E vi instalações de alta tensão elétrica e motores de dupla bomba e máquinas de toda espécie e trabalhadores bem pagos, etc.

Sucre, vivendo ali mesmo, dentro de um quarto que parecia mais uma trincheira em campo de batalha, entrava, saía, dava ordens imperativas aos trabalhadores, etc. Aquele quarto estava protegido com gigantescas rochas e em seus muros se viam muitas janelinhas que podiam abrir-se ou fechar-se à vontade. Por aqueles postigos vigiava Sucre o que passava ao seu redor. Tais mirantes lhe eram, diz, muito úteis.

De quando em quando, ao menor ruído exterior, empunhava sua pistola ou seu fuzil e então, daquelas aberturas viam-se, de fora, já abrindo, fechando ou assomando, através delas, as bocas dos fuzis ou pistolas...

Assim estavam as coisas quando voltei; então, meu amigo me explicou que aquele tesouro era muito cobiçado; que se tratava do famoso bezerro de ouro que tanto havia inquietado muita gente da comarca e que, portanto, estava rodeado de mortais inimigos cobiçosos que haviam tentado assassiná-lo.

Valha-me Deus e Santa Maria! Disse a mim mesmo... Em má hora fui eu contar a este amigo a visão do tesouro... Melhor teria sido ficar de bico fechado...

Em outro dia, cheio de otimismo, confessou-me que certamente a doze metros de profundidade havia encontrado um boneco de barro cozido e que dentro da oca cabeça achara o pergaminho no qual estava traçado todo o plano do tesouro.

No laboratório do doutor foi cuidadosamente tirado tal pergaminho da cabeça do boneco; mas, com o tempo e a umidade, havia grudado... De acordo com o plano, existiam, a doze metros de profundidade, quatro depósitos situados um a leste, outro a oeste, um terceiro a norte e o último para o sul...

Tal plano dava sinais preciosos e, ao final, tinha uma sentença firmada com iniciais de nome e sobrenome: “Quem encontrar meu tesouro que enterrei em poços fundos será perseguido pela Igreja do Patrono e antes de vinte dias que não saibam quem tirou as ganâncias que enterrei para mim”.

Por esses dias, a segunda guerra já estava muito avançada; Hitler havia invadido muitos países europeus e se preparava para atacar a Rússia... Meu amigo era germanófilo cem por cento e acreditava seriamente no triunfo de Hitler... É claro, pois, que influenciado pelas táticas políticas de Hitler, que hoje firmava um tratado de paz com qualquer país e no outro dia o atacava, não quis trabalhar de acordo com as indicações do plano...

Então Sucre disse a si mesmo: “Tais indicações são um despiste... O tesouro está muitos metros abaixo do boneco; os citados quatro depósitos não me interessam...” Assim, pois, abandonou as indicações e se foi ao fundo; quando assomei ao buraco, só vi um precipício negro, profundo, espantoso...

“Amigo Sucre”, disse-lhe. “O senhor cometeu um erro muito grave; deixou o tesouro acima, nos quatro depósitos e foi ao fundo; ninguém enterra um tesouro a tal profundidade...”

Claro que essas palavras por mim pronunciadas levavam a fragrância da sinceridade e o perfume da cortesia... Entretanto devemos falar sem rodeios, para dar ênfase ao ‘eu da cobiça’. Inquestionavelmente, este último ressaltava, exorbitantemente, em meu amigo, combinando-se com a astúcia, a desconfiança e a violência.

De forma alguma foi para mim algo insólito que Sucre então tropejasse e relampejasse vociferando e até endossando coisas nas quais jamais havia pensado.

Pobre Sucre!... Ameaçou-me de morte; acreditou, por um instante, que eu estava muito de acordo com seus conhecidos inimigos; talvez com o propósito de roubar-lhe o tesouro...

Depois de tudo, vendo minha espantosa serenidade, convidou-me a seu refúgio de trincheira a tomar café... Antes de afastar-me definitivamente daquela hispânica cidade, em outros tempos conhecida como Nova Granada, aquele amigo me fez outro pedido; suplicou-me de todo coração que estudasse, com o *eidolon*, seu trabalho subterrâneo.

Eu também queria fazer uma exploração astral naquela fundura e por isso aceitei sua petição... Sucedeu então que numa noite deliciosa de plenilúnio me

deitei muito tranqüilo em decúbito dorsal (boca para cima) e com o corpo bem relaxado... Sem preocupação alguma propus-me vigiar, espiar, meu próprio sono... Queria utilizar, para minha saída astral, aquele estado de transição existente entre a vigília e letargia...

Quando começou o processo de sonolência, quando começaram a surgir as imagens próprias dos sonhos, delicadamente e como me sentindo um espírito, fiz um esforço para eliminar a preguiça, e então me levantei da cama... Saí de minha recâmara como se fosse um fantasma, caminhando delicadamente, e logo abandonei a casa... Pelas ruas da cidade flutuava deliciosamente, cheio de uma delicada voluptuosidade espiritual...

Não me foi difícil orientar-me; prontamente estive no lugar dos acontecimentos, no terreno dos fatos... Ante aquele buraco negro e horrível que já tinha mais de setenta metros de profundidade, um velhinho anão, um pigmeu, um gnomo de respeitável barba branca, contemplou-me inocente...

Flutuando na atmosfera, desci suavemente, até o fundo aquoso da nefasta cova de cobiças... Tocando meus pés siderais no limo da terra úmida e sombria, fiz com agrado um esforço mais e penetrei no interior desta, sob o fundo mesmo do poço...

Quão suavemente descia com o *eidolon* sob o assento negro de tal buraco do qual emanara muita água!... Examinando detalhadamente cada rocha de granito submergida sob as águas caóticas, adentrei-me muito profundamente, sob aquele subsolo.

É evidente que meu amigo de outrora havia deixado o fabuloso tesouro lá em cima como já o dissemos em parágrafos anteriores... Agora, nestas regiões abismais, só via, ante minha insignificante pessoa, pedras, lodo, água... Mas, de repente, algo inusitado sucede; estou ante um canal horizontal que, saindo daquele terreno, dirige-se para a rua...

Que surpresa! Sucre nada me havia falado disto; nunca me disse que em semelhantes profundidades pensara fazer uma perfuração horizontal... Serenamente deslizei com o *eidolon*, pelo inundado pelas águas; avancei um pouco mais e logo saí à superfície pelo lado da rua...

Concluída a exploração astral, regressei a meu corpo físico; a investigação, obviamente, foi maravilhosa... Mais tarde, quando comuniquei tudo isto a meu

amigo, vi-o muito triste; este homem sofria o indizível; queria ouro, esmeraldas, riquezas; a cobiça o estava tragando vivo...

Entretanto, justificava-se dizendo que todo esse tesouro o necessitava para fazer uma revolução proletária; disse que necessitava investir esse dinheiro em armamentos, etc.

Quão horrível é a cobiça!... Em tal lugar só reinava o medo, a desconfiança, o revólver, o fuzil, a espionagem, a astúcia, os pensamentos de assassinato, as ânsias de mandar, imperar, subir ao topo da escada, fazer-se sentir, etc.

Quando saí daquela cidade, tomei a resolução de jamais voltar a intervir nesses motivos de cobiça...

Jesus disse: "...vai, vende os teus bens, dá o dinheiro aos pobres, e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me". (Mateus 19:21) "Não acumuleis para vós outros tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem destroem, e onde ladrões arrombam para roubar. Mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem podem destruir, e onde os ladrões não arrombam e roubam. Porque, onde estiver o teu tesouro, aí também estará o teu coração". (Mateus 6: 19-21)

CAPÍTULO 21
TRAIÇÃO



Um a um, entre os muitos que existiram, destacam-se neste mundo as três imundas bocas desses depreciáveis vermes que atravessam o coração do mundo: Judas, Bruto e Cássio.

Voltar às ações maléficas de Roma e topar com Bruto, marcado com um punhal da mão de Deus; remeter-me a esses originais e saborear o caramelo venenoso, certamente não é nada agradável; mas é urgente tirar do poço dos séculos certas dolorosas lembranças.

Transpassado de angústia, sem vanglória alguma, em estado de alerta novidade, conservo, com energia, a viva recordação daquela minha encarnação romana, conhecida com o nome de Júlio Cesar. Então tive que sacrificar-me pela humanidade, estabelecendo o cenário para a quarta sub-raça desta nossa quinta raça raiz.

Valha-me Deus e Santa Maria! Se algum erro muito grave cometi naquela antiga idade, foi haver-me filiado à Ordem Jarreteira; entretanto é óbvio que quiseram os Deuses perdoar-me... Encimar-se até as nuvens sobre suas amizades, não é em verdade nada fácil; contudo, é evidente que o logrei, surpreendendo a aristocracia romana.

Ao relatar isto não me sinto envaidecido, pois, bem sei que só o 'eu' gosta de subir, trepar ao topo da escada, fazer-se sentir, etc. Cumpro com o dever de narrar e isso é tudo...

Quando saí para as Gálias, roguei à minha bela esposa Calpúrnia que ao regressar enviasse a meu encontro nossos dois filhos. Bruto morria de inveja, recordando minha entrada triunfal na cidade eterna; entretanto, parecia olvidar de propósito meus espantosos sofrimentos nos campos de batalha.

O direito de governar aquele império certamente não me foi dado de presente; bem sabem os divinos e os humanos o muito que sofri. Bem que poderia salvar-me da pérfida conjuração, se tivesse sabido escutar o velho astrólogo que visitava minha mansão.

Desafortunadamente, o demônio dos ciúmes torturava meu coração; aquele ancião era muito amigo de Calpúrnia e isto não me agradava muito... Na manhã daquele dia trágico, ao levantar-me do leito nupcial, com a cabeça coroada de laureis, Calpúrnia me contou seu sonho; havia visto em visão, de noite, uma estrela caindo dos céus à Terra e me advertiu, rogando-me que não fosse ao Senado...

Inúteis foram as súplicas de minha esposa. “Hoje irei ao Senado”, respondi de forma imperativa... “Lembre-se que hoje uma família amiga nos convidou para um jantar nos arredores de Roma; o senhor aceitou o convite,” replicou Calpúrnia... “Não posso comparecer a esse jantar”, objetei. “Vai, então, deixar essa família aguardando?”, perguntou-me. “Tenho que ir ao Senado”, disse...

Horas mais tarde em companhia de um auriga, marchava em carro de guerra rumo ao Capitólio da águia romana... Bem rápido cheguei ali, entre os vivas tremendos das excitadas multidões. “Salve, César!”, gritavam-me...

Alguns notáveis da cidade rodearam-me no átrio do Capitólio; respondi perguntas, esclareci alguns pontos, etc. De repente, de forma inusitada, aparece diante de mim o ancião astrólogo, aquele que antes me havia advertido sobre os idos de março e os terríveis perigos; entrega-me, com sigilo, um pedaço de pergaminho, no qual estão anotados os nomes dos conjurados...

O pobre velho quis salvar-me, mas tudo foi inútil; não lhe fiz caso; ademais, encontrava-me muito ocupado, atendendo a tantos ilustres romanos...

Depois, sentindo-me invencível e invulnerável, com essa atitude cesárea que me caracterizava, avancei rumo ao Senado por entre as colunas olímpicas do Capitólio.

Mas, ai de mim! Os conjurados, atrás dessas heróicas colunas, espreitavam-me; o afiado punhal assassino rasgou minhas costas...

Acostumado a tantas batalhas, instintivamente tratei de empunhar minha espada; mas sinto que desmaio; vejo Bruto e exclamo: Tu também, filho meu?

Logo... a terrível Parca leva minha alma...

Pobre Bruto... o eu da inveja lhe havia devorado as entranhas e o resultado não podia ser outro...

Duas reencarnações mais tive na Roma augusta dos Césares; na seqüência, variadas existências com magnífico dharma na Europa, durante a Idade Média e o Renascimento.

Nos tempos do terrível inquisidor Tomás de Torquemada, me encarnei na Espanha; e este é outro relato muito interessante... Falar sobre o inquisidor e o Santo Ofício, certamente não é algo muito agradável; porém, agora é conveniente...

Eu fui, então, um marquês muito célebre que, por desgraça, teve que se pôr em contato com aquele execrável inquisidor, tão perverso como aquele outro chamado Juan de Arbuses.

Naquele tempo, reencontrei o traidor Bruto reincorporado em novo organismo humano. Que conde tão incisivo, mordaz e irônico!... Boa burla fazia da minha pessoa!... Que insultos!... Que sarcasmos! De nenhuma maneira queria eu enfrascar-me em novas disputas; não tinha vontade de me incomodar...

A rusticidade, a grosseria, a incultura daquele nobre me dasagradava espantosamente; mas não queria censurá-lo; pareceu-me bom evitar novos duelos e, por isso, busquei o inquisidor... Um dia, bem de manhã, me dirigi ao palácio da Inquisição; devia buscar solução inteligente ao mencionado problema. “Ó Senhor Marquês! Que milagre ver o senhor por aqui! Em que posso servi-lo?”

Assim contestou à minha saudação o monge que estava sempre à porta do palácio, onde funcionava o Santo Ofício... “Muitas graças, Sua Reverência”, disse! “Venho pedir uma audiência com o senhor inquisidor...”

“Hoje é um dia de muitas visitas, senhor Marquês; porém, tratando-se do senhor, vou imediatamente diligenciar sua audiência”. Ditas tais palavras, desapareceu aquele frade, para reaparecer instantes depois... “Venha, senhor Marquês! Consegui para o senhor a audiência”. “Muito obrigado, Sua Reverência!...”

Atravessei um pátio e penetrei num salão o qual estava em completa escuridão; passei para outra sala e achei-a também em trevas; penetrei, por último, na terceira peça e sobre a mesa resplandecia uma lâmpada... Ali encontrei o temível inquisidor Torquemada...

Aquele cenobita parecia, certamente, um santo... Que olhar!... Que atitudes tão beatíficas!... Que poses piedosas!... Sobre o seu peito resplandecia um crucifixo.

Que santarrão, meu Deus! Que dissimulação tão horripilante!... É claro que o eu farisaico estava bem forte nesse monge azul... Depois de muitas saudações e reverências, de acordo com os costumes daquela época, sentei-me ante a mesa junto ao frade...

“Em que posso servi-lo, senhor Marquês? Fale o senhor!...”

“Muito obrigado, Vossa Senhoria!... Sucede que o Conde fulano de tal tem feito a minha vida impossível, insultando-me por inveja, ironizando-me, caluniando-me, etc.”

“Oh! Não se preocupe o senhor por isso, senhor Marquês, porque já contra esse Conde temos aqui muitas queixas... “Imediatamente darei ordens para que o capturem. Encerrá-lo-emos na torre de martírio. Arrancar-lhe-emos as unhas das mãos e dos pés e lhe poremos chumbo derretido nos dedos para torturá-lo; depois queimaremos seus pés com brasa e, por último, o queimaremos vivo na fogueira...”

Porém, por Deus! Ter-se-á tornado louco esse monge? Jamais pensei ir tão longe; só buscava na casa inquisitorial uma admoestação cristã para o Conde, no qual se haviam reincorporado aqueles valores que outrora estiveram metidos na personalidade de Bruto...

Aquele monge azul, sentado ante a mesa sacra, com esse rosto de penitente e anacoreta, em atitude piedosa e o crucifixo colocado no pescoço... Aquela singular figura beatífica, tão devota e cruel, tão doce e bárbara, tão santarrona e perversa...

Aquele malvado com pele de ovelha despertou no interior de minha Consciência um não sei o que... Senti que aquilo que tenho de *Boddhisattwa* se sublevava, protestava, gemia. Uma tempestade íntima havia estalado em mim mesmo e o raio, o trovão, não demorou em aparecer... Então... Ó Deus! Sucedeu o que tinha que suceder...

“O senhor é um perverso”, lhe disse! “Eu não vim pedir-lhe que queime vivo a ninguém; só vim solicitar-lhe uma admoestação para esse nobre; o senhor é um assassino! Por isso é que não pertença a sua seita”, etc.

“Ah! Agora temos essa, senhor Marquês?”... Enfurecido, o prelado fez ressoar com veemência uma sonora campainha e então como por encanto apareceram no recinto uns quantos cavaleiros armados até os dentes...

“Prendei a este”, exclamou o abade. “Um momento! Respeitai as regras da cavalaria; recordai que estamos entre cavaleiros, não tenho espada. Dai-me uma e me baterei com cada um de vós...”

Um desses varões, fiel ao código da cavalaria, entregou-me uma espada e logo saltei sobre ele como um leão; não era em vão que eu tinha fama de ser um grande espadachim... (esses eram meus tempos de *Boddhisattwa* caído).

Como voam no ar os flocos de neve congelada ao sopro do etéreo boreal, espargiam-se, dentro daquele recinto inquisitorial, as fortes e resplandcentes armaduras, os escudos convexos, as couraças duras e as lanças de freixo. E ascendia a Urano seu esplendor; certamente, ria a Terra iluminada pelo brilho do bronze e trepidando sob as plantas dos guerreiros; no meio deles, estava eu batendo-me em dura briga com esse outro cavaleiro...

Como se destroça a ligeira nave quando a água do mar, inflada pelos ventos que sopram com veemência desde as nuvens, a acomete, cobrindo-a por completo de espuma enquanto o ar faz gemer a vela, assustando os marinheiros com a morte próxima, assim o temor destroçava em seus peitos o coração daqueles cavaleiros que contemplavam a batalha... Obviamente, eu era vitorioso entre o estrondoso chocar dos aços e só faltava usar a minha melhor estocada para pôr fora de combate aquele guerreiro...

Espantados os senhores ante a proximidade inevitável da terrível Parca soberana, olvidaram-se de todas as regras cavalheirescas e, então, em grupo me atacaram... Isso, sim, não o aguardava! Foi grave para mim ter que defender-me de todo aquele grupo bem armado... Tive que pelear até ficar exausto, extenuado, vencido, pois eles eram muitos...

O que sucedeu depois é bem fácil adivinhar; fui queimado vivo na fogueira, em pleno pátio do palácio da Inquisição... Amarrado a um poste desapiedado sobre a lenha verde que ardia com fogo lento, senti dores impossíveis de descrever com palavras; então vi como minhas pobres carnes incineradas se desprendiam, caindo entre as chamas...

Entretanto, a dor humana, por muito grave que seja, tem também um limite bem definido, além do qual existe felicidade... Não é, pois, de estranhar que por fim experimentasse certa dita; senti sobre mim algo muito agradável, como se uma chuva refrescante e benfeitora estivesse caindo do céu...

Ocorreu-me dar um passo. Quão suave o senti! Saí daquele palácio caminhando devagar, bem devagarzinho... Não pesava nada, estava já desencarnado... Assim foi como vim a morrer durante aquela época espantosa da Santa Inquisição...

O Arcano 14 do Livro de Ouro (o Tarô) nos ensina como a Água da Vida passa de uma ânfora a outra... Não é, pois, de estranhar que, depois daquela borrascosa encarnação, com tantos títulos de nobreza que de nada me valeram ante o terrível inquisidor Tomás de Torquemada, voltasse a tomar corpo físico... Então me chamei Simon Bleler e andei pela Nova Espanha; não é meu propósito falar, no presente capítulo, sobre essa minha vida, nem sobre a minha existência no México porfirista de antanho; só quero referir-me, agora, à minha atual encarnação.

O Nêmesis da vida teve que me pôr novamente em contato com esses valores que outrora estiveram reincorporados na personalidade de Bruto... Eu permiti a certo cavalheiro, retorno de tais valores, fazer algum labor no templo... Muitas pessoas o escutaram e até parecia cheio de sinceridade; falava sobre Gnose e as pessoas o aplaudiam... Mas, de repente, algo inusitado sucede; um dia qualquer entra no santuário com atitudes agressivas... Soa! Troveja! Relampeja! Converte-se num insultador; eu me limito, então, a perdoar e bendizer; logo se retira ameaçando...

Aquele ego havia voltado às suas antigas andanças; outra vez suas conhecidas calúnias e ameaças... Tais despropósitos e mentiras infamantes tinham, no fundo, certos sonhos sem tom nem som, nos quais me via por caminhos muito escuros, cometendo infundáveis delitos. Resulta evidente e claro que aquele espírito perverso que ele via em seus sonhos absurdos, era um “eu” criado por ele mesmo desde a antiga Roma... Tal eu de Bruto assumia, sob seus impulsos infraconscientes, minha própria forma e figura. Não é demais comentar que algum desses seus outros eus, assumindo certa forma *jesuscristiana*, encomendara-lhe a missão de assassinar-me; assim o manifestou na praça pública...

Para libertar-me de tão ancestral inimigo, foi necessário pôr o caso nas mãos do Senhor Anúbis, o Chefe dos Senhores do Karma... Desde então Bruto se afastou de mim; faz muito tempo que não o vejo neste mundo físico.

Do dito sobre Bruto e suas visões sonhadoras, conclui-se que ninguém, em verdade, pode converter-se em investigador competente da vida nos mundos superiores, enquanto não dissolver o eu psicológico e todos os elementos subjetivos que condicionam as percepções...

Ingrato a seus benfeitores, com muito trabalho de cavaleiro, sem dúvida, Bruto aceitou a Gnose e o *Sahaja Maithuna*... Sem inibir-se no conhecimento de uma causa, mas dando as costas ao Guru (Mestre), trabalhou na Frágua Acesa de Vulcano inutilmente, porque Devi Kundalini não premia jamais a traição...

Ainda que se trabalhe muito seriamente com o Sexo-Yoga, a Serpente Ígnea de nossos mágicos poderes jamais sobe pela espinha dorsal dos traidores, assassinos, adúlteros, violadores e perversos... Devi Kundalini nunca se converteria em cúmplice do delito; o Fogo Sagrado ascende de acordo com os méritos do coração...

Magia Sexual é fundamental; porém, sem santidade não são possíveis os triunfos espirituais... Bruto pensou em um Kundalini mecânico e se equivocou lamentavelmente; a Divina Mãe é muito exigente... Para o indigno todas as portas estão fechadas, menos uma, a do arrependimento. Desafortunadamente, Bruto não quis golpear nessa porta e o Fogo Sagrado, em vez de subir por seu canal medular, precipitou-se desde o cóccix, convertendo-se no abominável órgão Kundartiguador, a cauda de satã...

Numa noite estrelada, conversando nos mundos superiores com meu grande amigo, o resplandecente anjo Adonai, que agora tem corpo físico, tive que receber uma notícia extraordinária... “Fulano de Tal (Bruto) – disse o Anjo – despertou no mal e para o mal”. Isto o comprovei alguns dias depois, ao encontrá-lo nos mundos superiores...

Concluiremos o presente capítulo com aquelas palavras que escutei em êxtase, de Daniel, o Profeta Eterno, e que se referem aos tempos do fim:

E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno. Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos ensinam a justiça, como as estrelas sempre e eternamente. E tu, Daniel, encerra estas palavras e sela este livro, até ao fim do tempo; muitos correrão de uma parte para outra, e o conhecimento se multiplicará.
[Daniel 12:2-4]

CAPÍTULO 22
COMPREENSÃO



Em se tratando de compreender fundamentalmente qualquer defeito de tipo psicológico, devemos ser sinceros conosco mesmos... Desafortunadamente, Pilatos, o Demônio da Mente, sempre lava as mãos; nunca tem culpa; jamais reconhece seus erros...

Sem evasivas de nenhuma espécie, sem justificativas e sem desculpas, devemos reconhecer nossos próprios erros... É indispensável auto-explorar-nos para autoconhecer-nos profundamente e partir da base zero radical. O fariseu interior é óbice para a compreensão. Presumir-se de virtuoso é absurdo...

Uma vez fiz a meu guru a seguinte pergunta: Existe alguma diferença entre a tua Mônada divina e a minha? O Mestre respondeu: “Nenhuma, porque tu e eu e cada um de nós não é mais que um mau caracol no seio do Pai...”

Enjuizar os outros e qualificá-los de magos negros torna-se incongruente porque toda humana criatura, enquanto não tiver dissolvido o eu pluralizado, é mais ou menos negra.

Auto-explorar-se intimamente é certamente algo muito sério; o ego realmente é um livro de muitos tomos. Em vez de render culto ao execrável demônio Algol, convém beber o vinho da meditação na taça da perfeita concentração... Atenção plena, natural e espontânea em algo que nos interessa, sem artifício algum, em verdade é concentração perfeita...

Qualquer erro é polifacético e se processa fatalmente nas 49 guaridas do subconsciente... O ginásio psicológico é indispensável; afortunadamente, dispomos desse ginásio: é a própria vida...

A senda da vida doméstica com seus infinitos detalhes, muitas vezes doloroso, é o melhor ginásio. O trabalho fecundo e criador, mediante o qual ganhamos o pão de cada dia, é outra escola maravilhosa.

Muitos aspirantes à vida superior anelam com desespero evadir-se do lugar onde trabalham, não circular mais pelas ruas de seu povo, refugiar-se na floresta com o propósito de buscar a liberação final... Essas pobres pessoas são semelhantes aos estudantes matadores das aulas, que fogem da escola, que não assistem as classes e que buscam escapatórias...

Viver de instante a instante em estado de alerta percepção, alerta novidade, como vigia em época de guerra, é urgente, indispensável, se em realidade quisermos dissolver o eu pluralizado. Na inter-relação humana, na convivência com nossos semelhantes, existem infinitas possibilidades de autodescobrimento.

É inquestionável, e qualquer um sabe disso, que na inter-relação os múltiplos defeitos que levamos escondidos nas desconhecidas profundidades do subconsciente, afloram sempre naturalmente, espontaneamente; se estivermos vigilantes, então os veremos, os descobriremos. Entretanto, é óbvio que a auto-vigilância deve sempre processar-se de momento a momento...

Defeito psicológico descoberto deve ser integralmente compreendido nos distintos recôncavos da mente. Não seria possível a compreensão profunda sem a prática da meditação. Qualquer defeito íntimo resulta multifacético e com diversos enlaces e raízes que devemos estudar judiciosamente.

Auto-revelação é possível quando existe compreensão íntegra do defeito que sinceramente queremos eliminar... Autodeterminações novas surgem da Consciência quando a compreensão é unitotal... Análise superlativa é útil quando a combinamos com a meditação profunda; então brota a labareda da Compreensão...

A dissolução de todos esses agregados psíquicos que constituem o ego se precipita quando sabemos aproveitar até ao “maximum” as piores adversidades. Os difíceis ginásios psicológicos do lar ou da rua ou do trabalho, nos oferecem sempre as melhores oportunidades.

Cobiçar virtudes é absurdo; melhor é produzir mudanças radicais. O controle dos defeitos íntimos é superficial e está condenado ao fracasso. Mudanças profundas é o fundamental e isto só é possível compreendendo integralmente cada erro...

Eliminando os agregados psíquicos que constituem o mim mesmo, o si mesmo, estabelecemos, em nossa Consciência, alicerces adequados para a ação reta... Mudanças superficiais de nada servem; necessitamos, com urgência inadiável, mudanças profundas... Compreensão é o primeiro passo; eliminação, o segundo...

CAPÍTULO 23
ELIMINAÇÃO



O coito químico subliminal gera comoções nervosas transcendentais e extraordinárias vibrações áuricas nos diversos e variados componentes do humano casal Adão-Eva.

As divinas radiações de tipo sexual têm sido qualificadas, pelos melhores tratadistas do esoterismo, como 'luz ódica'.

Havendo começado já a ciência a estudar a teoria astral do corpo humano, convém, para maior simplicidade, usar os termos da tradição antiga. Aqui, o *Od* é, fora de toda dúvida, o brilhante magnetismo positivo ativo, dirigido pelo poder maravilhoso da vontade consciente. Aqui, o *Ob* é o fluido magnético passivo, governado, muito sabiamente, pela inteligente faculdade conhecida como imaginação criadora. Aqui, o *Aur* é o agente luminoso diferenciado, o *Genius Lucis* do anfiteatro cósmico.

Uma imagem régia, que guarda sublime concordância com o magnetismo sexual de Eros, é o já conhecido Caduceu de Mercúrio, cingido de serpentes; a víbora flamejante solar da direita representa a *Od*; a cobra lunar e úmida da esquerda alegoriza a *Ob*; no remate magnífico do misterioso caduceu, resplandece, gloriosamente, o globo de *Aur* ou a igualdade da Luz .

Mediante o coito metafísico, o *azoth* e a magnésia dos antigos alquimistas, a luz astral polarizada sofre alterações notáveis. Tais alterações íntimas influem secretamente sobre as relações eletroquímicas nas últimas unidades vitais do nosso organismo para transformar sua estrutura.

Waldemar diz: "Quando os químicos nos dizem que a totalidade dos biocatalizadores de um organismo aparece como um sistema ordenado dos inferiores fatores telecausais, que se acham sob a legalidade da vida, ou seja, a serviço dos superiores objetivos do organismo, não é difícil completar que a formação de emoções internas, reflexos ou impulsos depende dos fatores radiocausais da

aura. Se dermos, de maneira comparativa, uma olhada nas relações de elétrons e íons da substância viva, nos aproximaremos de maneira considerável da compreensão do anteriormente dito”.

É algo claro e evidente que, no instante maravilhoso do jardim das delícias, no momento delicioso em que o membro viril entra profundamente na vagina da mulher, surge uma espécie muito singular de indução elétrica. É indubitável então que os fatores telecausais da aura, sob o impulso elétrico, oferecem possibilidades surpreendentes...

Mudanças psicológicas de fundo podem surgir nas profundezas da Consciência, se soubermos aproveitar inteligentemente a cósmica oportunidade que nos é dada... Perdemos tal oportunidade de maravilhas quando só nos propomos gratificar nossos sentidos...

Infeliz do Sansão da Kabala que se deixa adormecer por Dalila e do Hércules da Ciência que troca seu cetro de poder pelo fuso de Ônfale; prontamente sentirá as vinganças de Dejanira e não lhe restará mais remédio que o fogo do Monte Etna para escapar dos devoradores tormentos da túnica de Nesso.

Concupiscência é abominação; cair como uma besta no leito de Procusto equivale a perder a melhor das oportunidades. Em vez da incontinência fatal da libido sexual, melhor é orar; está escrito com palavras de fogo no livro de todos os enigmas que o coito é uma forma de oração...

O Patriarca Gnóstico Santo Agostinho diz enfaticamente: “Por que não haveremos de crer que os humanos puderam, antes da queda no pecado, dominar os órgãos sexuais, assim como os restantes membros do corpo, aos quais serve a alma, através do desejo, sem moléstia nem excitação?”

Santo Agostinho propõe a tese incontroversa de que só atrás do pecado ou do tabu formou-se a libido (agitação despótica ou arbitrária, carnal ou instintiva, potência sexual incontrolada): “Após o pecado, a natureza, que antes não se envergonhava, sentiu a libido, recatou-se e se envergonhou dela, porque havia perdido a força soberana que originalmente oferecia a todas as partes do corpo”.

O segredo da felicidade do Deus Íntimo de cada criatura consiste na relação d’Ele consigo mesmo... O próprio estado divino é, fora de toda dúvida, o da felicidade suprema, um desejo e prazer sexual que permanecem invariáveis em Eons e que procedem da relação da divindade consigo mesma... Em último

extremo, os sete cosmos que resplandecem gloriosamente no espaço infinito enlaçam-se sexualmente... Por que haveria de ser exceção o microcosmo homem? Ele e Ela sempre se adoram... tu o sabes... O prazer sexual é, pois, um direito legítimo do homem e advém, como já dissemos, da relação da divindade consigo mesma. Com outras palavras enfatizaremos a realidade transcendental dizendo: o deleite sexual é terrivelmente divino.

Santo Alberto diz que o homem espiritual deve dirigir o comércio carnal a um objetivo moral e que uma função da sexualidade, baseada só no prazer dos sentidos, pertence aos vícios mais infamantes.

Nestes instantes, é bastante oportuno recordar que aqueles troncos ou tábuas da Lei, onde Moisés escreveu por mandato de Iod-Heve os preceitos luminosos do Decálogo, não são senão uma dupla lança das Runas, sobre cujo significado fálico devemos meditar profundamente...

O amor é o *Fiat Lux* do Livro de Moisés, o grande desiderato cósmico sexual, a lei divina para todos os continentes, mares, mundos e espaços. O *Sahaja Maithuna*, o Sexo-Yoga, é o fundamento diamantino e eterno do *Fiat Luminoso* e espermático do primeiro instante.

É inquestionável que se empunharmos valorosamente a lança sexual de Eros com o sadio propósito de reduzir a poeira cósmica em sucessiva ordem a cada um dos variados elementos subjetivos que levamos dentro, brota, então, a Luz.

Dentro de cada um desses variados e briguentos eus gritões que personificam nossos erros de tipo psicológico existe substância, Essência anímica. Assim como o átomo ao ser fracionado libera energia, assim também a desintegração total de qualquer desses variados eus infernais libera Essência, Luz...

Devemos, pois, fabricar Luz, fazer Luz... “Luz, mais Luz!” Gritou Goethe com todas as forças de sua alma, momentos antes de morrer.

Compreensão é básica em psicologia transcendental; mas é óbvio que não é tudo; necessitamos eliminar. Em Devi Kundalini, a Serpente Ígnea de nossos mágicos poderes, está a chave. Não é possível eliminar eus-diabos (defeitos psicológicos) sem o auxílio de Devi Kundalini. Tu o sabes!...

Io, nossa Mãe Cósmica particular, certamente é o desdobramento maravilhoso de nossa própria Mônada divina e, ainda que careça de forma concreta, pode, se assim o quiser, assumir humana e maternal figura...³²

No momento supremo da entrega sexual, em pleno coito, meditai e orai, para que não caiais em tentação... Nesses instantes de felicidade rogai com todas as forças de vossa alma; suplicai à vossa Divina Mãe Kundalini para que elimine de vosso interior o eu-diabo; quero referir-me ao defeito psicológico que através da meditação profunda haveis compreendido em todos os níveis da mente. Assim é como vamos morrendo de instante a instante. Só com a morte vem o novo...

³² Io, na mitologia grega, era uma jovem princesa e sacerdotisa de Hera. Falando esotericamente, ela é um desdobramento da própria Deusa Hera.

CAPÍTULO 24

O FOGO SAGRADO



A descida à Nona Esfera (o sexo), desde os antigos tempos, tem sido a prova máxima para a suprema dignidade do Hierofante. Hermes, Buddha, Jesus, Dante, Zoroastro, Quetzalcoatl e muitos outros tiveram que passar por essa terrível prova.

À Nona Esfera descem Marte para retemperar a espada e conquistar o coração de Vênus; Hércules, para limpar os estábulos de Áugias, e Perseu, para cortar a cabeça da Medusa com sua espada flamejante...

O círculo perfeito com o ponto mágico no centro, símbolo sideral e hermético do astro-rei e do princípio substancial da vida, da luz e da Consciência Cósmica, é, fora de toda dúvida um emblema sexual maravilhoso. Esse símbolo expressa claramente os princípios masculino e feminino da Nona Esfera. É inquestionável que o princípio ativo de irradiação e penetração se complementa no Nono Círculo Dantesco com o princípio passivo de recepção e absorção.

A serpente bíblica nos apresenta a imagem do Logos Criador ou força sexual que começa sua manifestação desde o estado de potencial latente. O Fogo Serpentino, a Serpente Ígnea de nossos mágicos poderes, dorme enroscada três vezes e meia, dentro do chakra *Muladhara*, situado no osso coccígeo. Se refletirmos seriamente nessa íntima relação existente entre o S e a *Tau*, cruz ou T, chegaremos à conclusão lógica de que só mediante o *Sahaja Maithuna* (Magia Sexual) pode-se despertar a Serpente Criadora.

A chave, o segredo, venho publicando em quase todos os meus livros anteriores, consiste em não derramar jamais na vida o Vaso de Hermes (o *Ens Seminis*) durante o transe sexual. Conexão do *Lingam-Yoni* (falo-útero) sem ejacular nunca esse vidro líquido, flexível, maleável (o *Ens Seminis*), porque nessa substância que os fornicários derramam miseravelmente, encontra-se em estado latente todo o *Ens Virtutis* do Fogo.

OM, obediente à Deusa que lança uma serpente adormecida no *Swayambhu-linga*, maravilhosamente ornada, desfruta do amado e de outras belezas. Acha-se presa pelo vinho e irradia-se com milhões de raios. Será despertada durante a Magia Sexual pelo Ar e pelo Fogo, com os mantras **DJAM DRAM HUM** (o **H** soa aspirado como no inglês).

Cantai estes mantras nos preciosos instantes em que o falo esteja introduzido no útero; assim despertará a Serpente Ígnea de nossos mágicos poderes.

I.A.O. é o mantra básico-fundamental do *Sahaja Maithuna*; entoai cada letra em separado, prolongando seu som, quando estiverem trabalhando no *laboratorium-oratorium* do Terceiro Logos (em plena cópula metafísica). A transmutação sexual do *Ens Seminis* em energia criadora é um legítimo axioma da sabedoria hermética.

A bipolarização desse tipo de energia cósmica dentro do organismo humano foi, desde os antigos tempos, analisada muito cuidadosamente nos colégios iniciáticos do Egito, México, Grécia, Índia, Pérsia e outros.

A miraculosa subida da energia seminal até o cérebro faz-se possível graças a certo par de cordões nervosos que em forma de oito desenvolve-se esplendidamente à direita e à esquerda da espinha dorsal. Chegamos, pois, ao Caduceu de Mercúrio, com as asas do Espírito maravilhosamente abertas...

Esse par de cordões nervosos jamais poderá ser encontrado com o bisturi; esses dois fios são bem mais de natureza etérica, tetradimensional. Não há dúvida de que estas são as duas Testemunhas do Apocalipse de São João, as duas Oliveiras e os dois Candelabros que estão diante do Deus da Terra.

No país sagrado dos Vedas, esse par de nervos é classicamente conhecido com os nomes sânscritos de *Idá* e *Pingalá*; o primeiro se relaciona com a narina esquerda e o segundo, com a direita. É óbvio que o primeiro destes dois *nadis* é de natureza lunar e que o segundo é de tipo solar.

A muitos estudantes gnósticos poderá surpreender um pouco que, sendo *Idá* de natureza fria e lunar, tenha suas raízes no testículo direito. A muitos discípulos do nosso Movimento Gnóstico Internacional poderá soar como algo insólito e inusitado a notícia de que sendo *Pingalá* de tipo exclusivamente solar, inicie realmente no testículo esquerdo.

Entretanto, não devemos surpreender-nos porque tudo na natureza se baseia na lei das polaridades. O testículo direito encontra seu pólo oposto precisamente na narina esquerda. O testículo esquerdo acha seu antipolo perfeito na narina direita.

A fisiologia esotérico-gnóstica ensina que no sexo feminino as duas Testemunhas partem dos ovários. É indubitável que nas mulheres a ordem deste par de Oliveiras do Templo se inverte harmoniosamente.

Velhas tradições que surgem como por encanto da noite profunda de todas as idades, dizem que, quando os átomos solares e lunares do sistema seminal fazem contato no *tribeni*, próximo do osso coccígeo, então, por indução elétrica, desperta uma terceira força de tipo mágico; quero referir-me ao Kundalini, o fogo místico do *Arhat* gnóstico, mediante o qual podemos reduzir a poeira cósmica o ego animal.

Escrito está, nos velhos textos da sabedoria antiga, que o orifício inferior do canal medular nas pessoas comuns e correntes, encontra-se hermeticamente fechado; os vapores seminais o abrem, para que a Serpente Sagrada penetre por ali.

Ao longo do canal medular, processa-se um maravilhoso jogo de variados canais que se penetram e se compenetraram mutuamente, sem se confundir, porque estão situados em distintas dimensões.

Não é demais recordar o glorioso *Sushumna* e o famoso *Chitra*, o *Centralis* e o *Brahmanadi*; é inquestionável que por este último sobe o fogo flamejante.

Em se tratando da verdade, devemos ser muito francos; certamente é uma espantosa mentira atrever-se a dizer que, depois de haver encarnado o *Jivatma* (o Ser) no coração, a Serpente Sagrada empreenda a viagem de retorno até ficar novamente encerrada no chakra *Muladhara*.

É uma horrível falsidade afirmar, ante Deus e ante os homens, que a Serpente Ígnea de nossos mágicos poderes, depois de haver gozado sua união com *Paramashiva*, separe-se cruelmente, iniciando a viagem de retorno para o centro coccígeo.

Esse regresso fatal, essa descida ao *Muladhara* só é possível quando o Iniciado, em pleno ato sexual derrama o sêmen; então perde a espada flamejante e cai fulminado no Abismo, sob o raio terrível da Justiça Cósmica.

A subida de Kundalini ao longo do canal medular realiza-se muito lentamente, de acordo com os méritos do coração. Os fogos do cárdias controlam o desenvolvimento milagroso da Serpente Sagrada.

Devi Kundalini não é algo mecânico como muitos supõem; a Serpente Ígnea só desperta com o amor autêntico entre esposo e esposa; nunca subiria pelo canal medular dos adúlteros. Num capítulo anterior deste livro, dissemos algo sobre os três tipos sedutores: o Don Juan Tenório, o Casanova e o tipo Diabo.

É óbvio que o terceiro desses acaba sendo o mais perigoso de todos; não devemos, pois, estranhar que essa classe de sujeitos – tipo Diabo – com o pretexto de praticar *Sahaja Maithuna*, seduzam muitas ingênuas mulheres.

É bom saber que, quando *Hadit*, a Serpente Alada de Luz, desperta, para iniciar sua marcha ao longo do canal medular espinhal, emite um som misterioso, muito similar ao de qualquer víbora que é cutucada com um pau.

O tipo Diabo, esse que seduz aqui, ali e lá, com o pretexto de trabalhar na Nona Esfera, esse que abandona sua esposa porque diz que já não serve para o trabalho na Frágua Acesa de Vulcano, em vez de despertar o Kundalini, despertará o abominável órgão Kundartiguador.

Certo iniciado, cujo nome não menciono neste tratado, comete o erro de atribuir ao Kundalini as sinistras qualidades do abominável órgão Kundartiguador. É evidente que tal erro está causando danos muito graves entre os círculos pseudo-esotéricos e pseudo-ocultistas.

É urgente, inadiável, compreender que de modo algum é possível eliminar todos esses eus brigões e gritões que levamos dentro, se não apelamos pelo auxílio de Kundalini.

Aquele Iniciado que cometeu o delito de pronunciar-se em malfadada hora contra Kundalini, é óbvio que será devidamente castigado pelos Juízes da Lei da Katância (quero me referir aos Juízes do Karma Superior, ante os quais comparecem os Mestres da Loja Branca).

Em nome *Disso* que não tem nome, digo: Kundalini é a Dúada Mística, Deus-Mãe, Ísis, Maria ou melhor dizendo, Ram-Io, Adonia, Insoberta, Rea, Cibele, Tonantzin e tantas outras; é o desdobraimento transcendental de toda Mônada divina no fundo profundo de nosso Ser.

Analisando raízes, esclareço: a palavra Kundalini vem de dois termos: *Kunda* e *Lini*. *Kunda* nos recorda o abominável órgão *Kundartiguador*; *Lini*, palavra atlante que significa 'fim'. Kunda-Lini é o fim do abominável órgão *Kundartiguador*.

É óbvio que, com a subida da Flama Sagrada pelo canal medular, o órgão das abominações chega ao seu fim; acaba a força *fohática* cega.

Tal *Fohat* negativo é o agente sinistro em nosso organismo, mediante o qual, o ideoplástico se converte nessa série de eus que personificam nossos defeitos psicológicos.

Quando o Fogo se projeta para baixo, desde o chakra coccígeo, aparece a cauda de Satã, o abominável órgão *Kundartiguador*.

O poder hipnótico do órgão dos conciliábulos tem, pois, adormecidas e embrutecidas as multidões humanas. Aqueles que cometem o crime de praticar o tantrismo negro (Magia Sexual com ejaculação seminal), é claro que despertam e desenvolvem o órgão de todas as fatalidades.

Aqueles que traem o Guru ou Mestre, ainda que pratiquem tantrismo branco (sem ejaculação seminal), é óbvio que ativarão o órgão de todas as maldades. Tal poder sinistro abre as sete portas do baixo ventre (os sete chakras infernais) e nos transforma em demônios terrivelmente perversos.

CAPÍTULO 25
A PÉROLA SEMINAL



Ao chegar a este capítulo da **Mensagem de Natal 1971**, não é demais enfatizar algo muito penoso que pudemos verificar através de muitíssimos anos de constante observação e experiência. Quero me referir sem rodeios à mitomania, tendência muito marcada entre pessoas afiliadas a diversas escolas de tipo metafísico.

Pessoas aparentemente muito simples, da noite para o dia, depois de umas quantas alucinações, convertem-se em mitômanos. Inquestionavelmente, tais pessoas de mente subjetiva quase sempre conseguem surpreender muitos incautos que efetivamente se tornam seus seguidores.

O mitômano é como uma parede sem alicerce: basta um leve empurrão para transformá-la em destroços. O mitômano crê que o ocultismo é algo assim como soprar e fazer bolhas e de uma hora para outra se declara *Mahatma*, Mestre Ressurrecto, Hierofante, etc.

Normalmente, o mitômano tem reclamações impossíveis; sofre disso que se chama 'delírios de grandeza'. Essa classe de personagens costuma apresentar-se como reencarnação de Mestres ou de heróis fabulosos, legendários ou fictícios. Entretanto, é claro que estamos dando ênfase a algo que merece ser explicado...

Centros egoístas da subconsciência animalesca, que nas relações de intercâmbio seguem determinados grupos mentais, podem provocar, mediante associações e reflexos fantásticos, algo assim como espíritos que quase invariavelmente são apenas formas ilusórias, personificações do próprio eu pluralizado. Não é, pois, estranho que qualquer agregado psíquico assumira uma forma 'jesuscristiana' para ditar falsos oráculos...

Qualquer destas tantas entidades que em seu conjunto constituem isso que se chama ego, pode, se assim o quiser, tomar forma de *Mahatma* ou Guru e então

o sonhador, ao voltar ao estado de vigília, dirá de si mesmo: “Estou auto-realizado! Sou um Mestre!”

Deve-se observar a respeito que de todos os modos, no subconsciente de toda pessoa, acha-se latente a tendência à tomada de partido para a personificação. Este é, pois, o clássico motivo pelo qual muitos *gurujs* asiáticos, antes de iniciar seus discípulos no magismo transcendental, os previnem contra todas as formas possíveis de auto-engano.

Um monge foi visitar Te Shan que lhe fechou a porta na cara. O monge bateu à porta e Te Shan perguntou: “Quem é?” O monge contestou: “O Filhote de Leão”. Então Te Shan abriu a porta e saltou no pescoço do monge, enquanto gritava: “Animal! Onde irás agora?”

O monge não respondeu nada...

O termo ‘Filhote de Leão’ é empregado por budistas *Zen* para designar um discípulo que é capaz de entender a Verdade *Zen*. Quando os mestres elogiam o entendimento de um discípulo ou querem prová-lo costumam empregar este termo. Nesse caso, o monge chama a si mesmo, presunçosamente, de Filhote de Leão; porém, quando Te Shan o provou, tratando-o como um verdadeiro Filhote de Leão, quando pula em seu pescoço e lhe faz uma pergunta esotérica, então o monge não soube contestar. Isto é prova de que o monge carecia do autêntico entendimento que pretendia possuir. Tal monge era, de fato, um homem de Consciência adormecida, um equivocado sincero, um mitômano.

Um dia, no monastério de Nan Chuan, os monges da ala oriental tiveram uma disputa com os da ala ocidental pela posse de um gato. Todos acudiram a Nan Chuan, para que oficiasse como juiz...

Brandindo uma faca em uma mão e o gato na outra, Nan Chuan disse: “Se algum de vós pode acertar em dizer o que há para dizer, o gato se salvará; do contrário, cortá-lo-ei em dois”.

Nenhum dos monges soube dizer nada... Então Nan Chuan matou o gato...

Essa noite, quando Chao Chou voltou ao monastério, Nan Chuan lhe perguntou que teria dito no caso de haver estado presente. Chao Chou tirou as sandálias de palha e as pôs sobre a cabeça e se afastou. Então Nan Chuan comentou: “Oh! Se tivesses estado aqui, o gato teria se salvado”.

É óbvio que Chao Chou era um homem de Consciência Desperta, um autêntico iluminado. Não é possível despertar Consciência, objetivá-la totalmente, sem haver, previamente, eliminado os elementos subjetivos das percepções. Esses elementos infra-humanos são formados por toda essa multiplicidade de eus brigões e gritões que em seu conjunto constituem o ego, o mim mesmo.

A Essência, engarrafada entre todas essas entidades subjetivas e incoerentes, dorme profundamente. A aniquilação de cada uma dessas entidades infra-humanas é indispensável para liberar a Essência. Só emancipando a Essência, consegue-se seu despertar; então advém a iluminação.

Os yogues da Índia tratam de despertar Consciência por meio do Kundalini; infelizmente, não ensinam a didática, o procedimento. Dizem que, quando o Kundalini dorme enroscado dentro do chakra *Muladhara*, o homem está desperto neste vale de lágrimas; isso é cem por cento falso, porque o humanóide intelectual, onde quer que se encontre, seja no mundo físico ou nas dimensões superiores da natureza, sempre está adormecido.

Dizem que quando o Kundalini desperta o homem dorme nesta terra de amarguras, perde a Consciência do mundo e penetra em seu Corpo Causal; tal afirmação resulta, no fundo, utópica por dois motivos:

- 1) O bípede tricerebrado ou tricentrado equivocadamente chamado homem, sempre está adormecido aqui e agora e não somente perdeu a Consciência planetária, como também – o que é pior – continua se degenerando.
- 2) O animal racional não tem Corpo Causal; deve elaborá-lo mediante a Alquimia Sexual na Frágua Acesa de Vulcano.

O mais importante princípio é que, quando o Kundalini desperta, cessa como um poder estático e se transforma numa potência dinâmica. Aprender a manejar o poder ativo de Kundalini é urgente para despertar Consciência.

Em pleno coito químico devemos dirigir inteligentemente o raio de Kundalini contra esses demônios vermelhos (eus), dentro dos quais, desgraçadamente, acha-se a Essência, a Consciência.

O caçador que quer caçar dez lebres ao mesmo tempo não caça nenhuma; assim também o gnóstico que de forma simultânea queira eliminar vários eus; fracassará lamentavelmente...

O trabalho esotérico, encaminhado a dissolver qualquer defeito psicológico, torna-se um verdadeiro quebra-cabeça chinês; não só devemos compreender, previamente, o defeito em questão, em todos e cada um dos níveis subconscientes da mente, como também eliminar cada um dos eus que o caracterizam.

Sob todos os pontos de vista ressalta com total claridade meridiana que necessitamos de longos e pacientes trabalhos para eliminar qualquer defeito psicológico. Muitos aspirantes que chegaram neste mundo tridimensional de Euclides à castidade absoluta, fracassaram lamentavelmente nos mundos supra-sensíveis ao serem submetidos à prova; demonstraram, com fatos contundentes e definitivos, que eram fornicários e adúlteros.

Qualquer defeito psicológico pode desaparecer da zona intelectual e continuar existindo nas diversas regiões subconscientes. Alguém poderia ser uma pessoa honrada neste mundo físico e até em quarenta e oito zonas subconscientes, e ainda assim, falhar na quadragésima nona.

Agora, devem refletir nossos amados leitores e compreenderem o difícil que é o Despertar Consciência e se transformarem em 'Filhote de Leão', entenderem a Verdade *Zen* e experimentarem o *Tao*.

Não é tão fácil Despertar Consciência. É necessário liberar a Essência, tirá-la de seus habitáculos subconscientes, destruir tais habitáculos, transformá-los em pó. Este é um processo gradativo, muito lento, penoso, difícil.

Conforme a Essência vai se liberando, a porcentagem de Consciência vai aumentando. Os humanóides intelectuais equivocadamente chamados homens, em verdade possuem tão só uns três por cento de Consciência livre; se tivessem pelo menos uns dez por cento, as guerras já seriam impossíveis sobre a face da terra.

A Essência primigênia que se libera ao se iniciar o processo do morrer se transforma depois na Pérola Seminal, esse ponto matemático de Consciência citado pelo evangelho taoísta. Assim tem início o **Mistério do Áureo Florescer**.

O mitômano se presume de Iluminado sem haver liberado a Essência, sem possuir sequer a Pérola Seminal. As pessoas de mente subjetiva são utópicas cem por cento; supõem equivocadamente que podem ser Iluminadas sem haver obtido a morte do ego de forma radical e definitiva.

Não querem entender essas pessoas que havendo auto-aprisionamento, a iluminação objetiva, autêntica, é completamente impossível. É óbvio que quando a Essência está engarrafada no eu pluralizado, existe o auto-aprisionamento. A Essência engarrafada só funciona de acordo com seu próprio condicionamento.

O ego é subjetivo e infra-humano. É claro que as percepções que a Essência obtenha através dos sentidos do eu pluralizado sejam deformadas e absurdas. Isto nos convida a compreender o difícil que é chegar à iluminação verdadeira, objetiva.

O preço da iluminação se paga com a própria vida. Na terra sagrada dos Vedas há *chelas*-discípulos que, depois de 30 anos de intenso trabalho, encontram-se tão só no começo, no prólogo de seu trabalho. Mas o mitômano quer se tornar iluminado da noite para o dia; presume-se de sábio e se crê um Deus...

CAPÍTULO 26
O EMBRIÃO ÁUREO



O Mistério do Áureo Florescer diz: “Purifica o coração, limpa os pensamentos, detém os apetites e conserva o sêmen. Se os pensamentos forem duradouros, assim será o sêmen; se este é duradouro, assim será a força; se esta é duradoura, assim será duradouro o espírito. A força dos rins se acha sob o signo da Água. Quando se agitam os impulsos, flui para baixo, é dirigido ao exterior e produz criaturas. Quando se acha dirigida para trás, pela força do pensamento, invadindo para cima, no crisol do criador, e refresca e alimenta coração e corpo, é o método do refluxo” (estas são palavras do citado texto taoísta).³³

Vamos agora transcrever outra *asana* tântrica do principesco autor de **Ananga Ranga**. Esta é a posição *Uttbia*:

O ato carnal é efetuado de pé. Só homens fisicamente fortes usam esta posição.

- a) Primeiramente, homem e mulher ficam frente a frente. O homem eleva a mulher pelos (entre os) joelhos, mantendo-a no arco dos cotovelos e executa a união enquanto ela segura a nuca dele.
- b) O homem alça uma perna da mulher enquanto ela tem a outra firmemente plantada no solo. Especialmente às mulheres jovens esta posição é muito agradável.
- c) Homem de pé, pernas ligeiramente abertas. A mulher se eleva com suas pernas aos quadris do homem e suas mãos ajudam a apoiar seu corpo segurando na cintura ou nas costas do homem. Homem ajuda a amparar a mulher nessa posição com suas mãos, de modo a formar um pêndulo em auto-sustentação.

33 Não encontramos referência dessa obra em português.

É vital, cardinal e definitivo não ejacular jamais na vida o licor seminal. É urgente fazer retornar a energia sexual para dentro e para cima sem derramar nunca o Vaso de Hermes.

“Este método de refluxo realiza o movimento rotatório da luz pelo qual as forças do céu e da terra cristalizam a Flor Áurea no corpo. A força seminal dirigida para o exterior (fluindo para baixo) produz uma dissipação e rebaixamento da Consciência Espiritual”.

Mediante a sublimação da vida e das forças procriadoras, pode ser alcançado o fenômeno de um renascimento: nasce o ponto do elixir vital, a Pérola Seminal, formando-se disso o Embrião Áureo ou *Puer Aeternus*³⁴, o qual vem desenvolver e transformar os nossos princípios pneumáticos imortais.

O sábio autor do **Ananga Ranga** ensina outras *asanas* tântricas bem interessantes que transcrevo na continuação:

1. A mulher, estendida em decúbito ventral (de maneira que rosto, peito e ventre se voltem para a cama ou tapete). O homem se aproxima por detrás e introduz o membro viril suavemente dentro da vulva, retirando-se antes do espasmo para evitar a ejaculação do sêmen.
2. O *Purushayita-Bandha* faz da mulher o elemento ativo, enquanto o homem permanece passivo deitado de costas. Nesses momentos, ela se põe sobre o homem e com sua mão direita segura o falo e o introduz dentro da vulva, iniciando em seguida um movimento erótico muito lento e agradável ao mesmo tempo que invoca o Deus do Amor (*Kama Deva*) para que lhe ajude no *Maithuna*.

A mulher consagrada, a *Suvani*, sabe cerrar, mediante a vontade, todos os esfínteres, comprimindo o *Yoni* até o máximo, a fim de evitar o orgasmo e a perda do licor sexual (assim o ensina a iniciação Tantra).

Não é demais acrescentar, em forma oportuna, o seguinte: em caso de sobrevir um espasmo, deve-se evitar a ejaculação seminal, retirando-se instantaneamente e deitando-se no solo, em decúbito dorsal (boca para cima).

Nestes instantes cerra-se as narinas direita e esquerda, obstruindo-as com os dedos índice e polegar da mão direita. Procure reter o ar até o máximo possível.

34 A criança eterna.

Envia a corrente nervosa para os esfíncteres sexuais ou portas de escape, com o propósito de evitar o derrame do Vaso de Hermes. Imagina que a energia seminal sobe por *Idá e Pingalá* até o cérebro.

As *asanas* tântricas, ensinadas pelos grandes iniciados na terra sagrada do Ganges, são maravilhosas no *Sahaja Maithuna*. O coito químico, a cópula metafísica da iniciação Tântrica, é realmente transcendental.

Nesses momentos de indiscutíveis delícias paradisíacas, devemos suplicar a nossa divina Mãe Kundalini particular, pois cada pessoa tem a sua própria Serpente Ígnea, para que elimine de nosso interior aquele defeito que tenhamos compreendido em todos os recôncavos da mente.

Ela, a Adorável, empunhará a lança de Eros e reduzirá a cinzas aquele eu diabo que personifica o defeito compreendido. Assim, a Essência, de forma progressiva, irá se liberando à medida que vamos destruindo eus. Nesta forma e desta maneira a Pérola Seminal se desenvolverá com o aumento das distintas porcentagens da Essência, até converter-se no Embrião Áureo.

É inquestionável que o Despertar da Consciência advém maravilhoso no Mistério do Áureo Florescer. O Embrião Áureo nos confere a Autoconsciência e o Conhecimento Objetivo Transcendental. O Embrião Áureo nos transforma em cidadãos conscientes dos mundos superiores.

CAPÍTULO 27
A ESCOLA HINAYANA



A conquista do *ultra mare vitae* ou Mundo Superliminal ou Ultraterrestre é impossível se cometermos o erro de subestimar a mulher. O Verbo harmonioso de Ísis surge do seio profundo de todas as idades, aguardando o instante de ser realizado... As palavras inefáveis da Deusa Neith têm sido esculpidas com letras de ouro nos muros resplandecentes do templo da sabedoria: **“Eu sou a que foi, é e será e nenhum mortal levantou meu véu”**.

A primitiva religião de Jano ou Jairo, quer dizer, a áurea, solar e super-humana doutrina dos *Jinas*, é absolutamente sexual; tu o sabes. Escrito está com brasas vivas no Livro da Vida que durante a Idade de Ouro do Lácio e da Ligúria, o Rei Divino Jano ou Saturno (I.A.O. , Baco, Jeová, Iod-Heve) imperou sabiamente sobre aquelas santas tribos árias, ainda que de diversas épocas e origens.

Então, ó meu Deus!... Como em épocas semelhantes de outros povos da antiga Arcádia, podia se dizer que conviviam felizes *Jinas* e homens. Dentro do inefável idílio místico, comumente chamado de ‘os encantos da Sexta-Feira Santa’, sentimos no fundo de nosso coração que nos órgãos sexuais existe uma força terrivelmente divina, a qual pode liberar ou escravizar o homem.

A energia sexual contém em si mesma o arquétipo vivente do autêntico Homem Solar que deve tomar forma dentro de nós mesmos. Muitas almas sofredoras quiseram ingressar no Montsalvat transcendente; mas, desgraçadamente, isto é algo mais que impossível devido ao Véu de Ísis ou véu sexual adâmico.

Na bem-aventurança inefável dos paraísos *Jinas*, certamente existe uma humanidade divina que é invisível aos sentidos dos mortais, por causa de seus pecados e limitações, nascidos do abuso sexual. Escrito está e com caracteres de fogo no grande Livro da Vida que na Cruz Jaina ou Jina, esconde-se miraculosamente o segredo indizível do Grande Arcano, a chave maravilhosa da transmutação sexual.

Não é difícil compreender que tal Cruz Mágica é a mesma Suástica dos grandes mistérios. No êxtase delicioso da alma que anela, podemos e até devemos pôr-nos em contato místico com Jano, o austero e sublime Hierofante *Jina* que no velho continente Mu ensinou a Ciência dos Jinas.

No Tibete secreto existem duas escolas que disputam entre si; quero me referir claramente às instituições *Mahayana* e *Hinayana*. No próximo capítulo falaremos sobre a primeira destas duas instituições; agora, só nos ocuparemos com a escola *Hinayana*.

É evidente que o caminho *Hinayana* torna-se no fundo profundamente Búd-dhico e Crístico. Neste misterioso caminho encontramos com assombro místico os fiéis guardiões do Santo Graal ou Pedra Iniciática; quer dizer, da suprema Religião-Síntese que foi a primitiva da humanidade: a doutrina da Magia Sexual.

O *Jana*, *Swana* ou *Jaina* é, pois, a doutrina desse antigo Deus da luta e da ação, chamado **Jano**, o senhor divino de duas faces, transposição andrógina do Hermes egípcio e de muitos outros Deuses dos panteões Maias, Quiches e Astecas, cujas imponentes e majestosas esculturas cinzeladas na rocha viva ainda podem ser vistas no México.

O mito greco-romano ainda conserva a recordação do desterro de Jano ou Jaino na Itália, por haver arrojado do céu a Kronos ou Saturno; quer dizer, a recordação legendária de sua descida à Terra como instrutor e guia da humanidade, para dar [à humanidade] esta primitiva religião natural *Jina* ou *Jaina*.

Jana ou Jaina é também, obviamente, a maravilhosa doutrina chino-tibetana de Dan, Chan, Dzan, Shuan, Loan, Huan ou do Dhyani-Chohan, características de todas as escolas esotéricas do mundo ário, com raízes na submersa Atlântida.

A Doutrina Secreta, a Doutrina Jaina primitiva, fundamenta-se na Pedra Filosofal, no sexo, no *Sahaja Maithuna*. A Doutrina Gnóstica, infinitamente superior, por ser mais antiga que o próprio Bramanismo ou a primitiva escola *Hinayana*, é a da estreita senda que conduz à Luz.

Doutrina de salvação realmente admirável, da qual, na Ásia Central e na China, ficaram muitíssimas recordações, como ficaram também na Maçonaria Universal, onde ainda encontramos, por exemplo, a supervivência da simbólica Cruz Jaina ou Swastika (de Swan, o Hamsa, o Cisne, a Ave Fênix, a Pomba do Espírito Santo ou Paráclito, Alma do Templo do Graal, Nous ou Espírito, que não é senão o Ser ou Dhyani do homem).

Ainda nestes tempos modernos podemos achar rastros, na Irlanda, desses vinte e três profetas *Djinas* ou conquistadores de almas que foram enviados em todas as direções do mundo pelo fundador do Jainismo: o Rishi Baja Deva.³⁵

Nos instantes em que escrevo estas linhas, vem à minha memória recordações transcendentais... Num dos tantos corredores de um antigo palácio, não importa a data, nem a hora, bebendo água com limão em taças de fino cristal bacará, junto com um grupo muito seleta de *Elohim*, disse: Necessito descansar um tempo na Felicidade; há vários *Mahamvantaras* estou ajudando a humanidade e me sinto cansado... “A maior felicidade é ter Deus dentro de si”, comentou um Arcanjo muito amigo...

Aquelas palavras me deixaram perplexo, confuso; pensei no Nirvana, no *Maha-Paranirvana*, etc. Habitando em regiões de tão intensa felicidade, poderia, acaso, alguma criatura não ser feliz? Como? Por quê? Por não ter a Mônada dentro?

Cheio de tantas dúvidas, resolvi consultar o velho sábio Jano, o Deus vivo da Ciência Jinas. Antes de entrar em sua morada, fiz ante o Guardião uma saudação secreta; avancei ante os vigilantes e os saudei com outra saudação e, por último, tive a dita de encontrar-me frente ao Deus Jano.

“Falta outra saudação!” disse o Venerável. “Não há melhor saudação que a do coração tranqüilo” – respondi, enquanto devotamente punha minhas mãos no cárdias. “Está bem!” disse o Sábio.

Quando quis fazer-lhe perguntas que dissipassem minhas mencionadas dúvidas, o Ancião, sem falar nem uma só palavra, depositou a resposta no fundo de minha Consciência, a qual podemos resumi-la assim: “Ainda que um homem habitasse o Nirvana ou qualquer outra região de ditas infinitas, se não tem Deus dentro de si, não seria feliz. Entretanto, se vivesse nos mundos infernos ou no cárcere mais imundo da Terra, tendo Deus dentro, seria feliz”.

Concluiremos este capítulo dizendo: A Escola *Hinayana*, com seu esoterismo profundo, nos conduz pela via sexual até a encarnação do Verbo e a Liberação final. Oremos...

35 Talvez este seja um epíteto de Vadhamana, mais conhecido como Mahavira, considerado o fundador ou reformador do jainismo dentro de uma perspectiva histórica da Índia.

CAPÍTULO 28
BUDDHISMO ZEN



Por que a última Verdade-Prajna que o *Buddhismo Zen* quer indicar é tão indefinível, abstrata e inacessível?

Definir significa, realmente, pôr limites intelectuais ou declarar o sentido de uma coisa determinada.

‘Prender’, no sentido empregado aqui, significa compreender algo e retê-lo na memória.

Como o próprio ato de definir consiste obviamente em encerrar algo dentro de certo limite, será necessariamente finito, estreito e restrito em sua natureza; assim, também, compreender significa prender algo mentalmente. Porém, nem tudo será igualmente limitado e exclusivo.

A última Verdade-Prajna que a *Escola Zen* quer indicar, não pode ser de nenhum modo algo estreito, finito ou exclusivo; deve ser algo vasto, universal e infinito; algo que tudo inclui e alcança; algo mais além da definição e da designação.

A mesma palavra ‘definir’ sugere claramente um dedo humano que assinala um objeto determinado; e a palavra ‘prender’ sugere a mão que retém algo e não solta.

Dada esta lamentável limitação e este aferramento profundamente arraigado no racionalismo do animal intelectual equivocadamente chamado homem, não é, de modo algum, surpreendente que a livre e omni-includente Verdade-Prajna se torne, realmente, algo evasivo que sempre está iludindo misteriosamente cada pensador.

Iluminação: Esta palavra grandiosa em essência e em potência é usada neste capítulo para indicar enfaticamente a experiência mística transcendental que consiste em experimentar o *Tao*, a Verdade *Zen*, o Real.

Não é suficiente compreender algo; necessitamos captar, apreender, capturar seu íntimo significado.

O sexto Patriarca perguntou a Bodhidharma: “Como é possível alcançar o *Tao*?”

Bodhidharma respondeu: “Exteriormente, toda atividade cessa; interiormente, a mente deixa de se agitar. Quando a mente se converte num muro, então advém o *Tao*”.

É urgente saber que o *Zen* japonês é o mesmo *Dhyana* hindu, *Jhana* Pali ou *Chan* chinês: uma forma extraordinária do Budhismo *Mahayana*.

É inquestionável que os estudos e práticas *Zen* nos permitem captar o íntimo significado dos ensinamentos budhistas, preconizados pela escola *Mahayana*, antítese maravilhosa e complemento da escola de Auto-Realização Íntima *Hinayana*.

O Vazio Iluminador torna-se impossível de ser descrito com humanas palavras. Não é definível ou descritível. Como disse o Mestre Zen Huai Jang: “Qualquer coisa que se diga, falhará no ponto principal”.

O ensinamento budhista sobre o Vazio é compreensivo e profundo e requer muito estudo antes de ser entendido. Só na ausência do ego podemos experimentar de forma direta o Vazio Iluminador.

Endeusar a mente é um absurdo; porque esta, em si mesma, é tão só um calabouço fatal para a Consciência. Afirmar que a mente é o Buddha, dizer que é o *Tao*, acaba sendo um disparate, porque o intelecto é tão só uma jaula para a Consciência.

A mística experiência do Vazio Iluminador se realiza sempre fora do terreno intelectual. A iluminação budhista nunca é conseguida mediante o desenvolvimento da força mental, nem endeusando a razão; pelo contrário, é obtida desatando qualquer vínculo que nos prende à mente. Só nos libertando do calabouço intelectual poderemos vivenciar a felicidade do Vazio Iluminador, livre e inteiramente insubstancial.

O Vazio é simplesmente um termo budhista claro e preciso que denota a natureza não substancial e não pessoal dos seres e um sinal de indicação do estado de absoluto desprendimento e liberdade fora do tempo e mais além da mente.

Bebei o vinho da meditação na taça deliciosa da perfeita concentração...

CAPÍTULO 29
AS DUAS ESCOLAS



A realidade (*Li*, em chinês) pode ser vista de maneira repentina; porém, a matéria (*Shih*, em chinês) deve ser cultivada de forma progressiva e ordenada. Em outras palavras, depois de ter chegado ao êxtase, tem que se cultivá-lo até seu completo desenvolvimento e maturidade. Assim, o trabalho esotérico consiste em dois aspectos principais: Visão e Ação.

Para ter a visão é preciso subir até o mais alto da montanha e olhar desde ali; para iniciar a viagem, é preciso descer até o fundo do abismo e começar a caminhar.

Ainda que o Templo *Zen*, que é uma forma maravilhosa do Budhismo *Mahayana*, esteja sustentado pelos dois pilares da Visão e da Ação, é evidente que enfatiza muito o primeiro.

Isto é reconhecido claramente pelo *Guruji* I Shan que disse: “Tua visão e não tua ação é o que me importa”. É por isto que os Mestres *Zen* põem toda ênfase no êxtase, no *Samadhi*, no *Satori* e concentram todos os seus esforços em levar diretamente seus discípulos ou chelas até ele.

A escola tibetana *Hinayana* é diferente; ainda que suas duas colunas torais sejam, também, Visão e Ação, é inquestionável que põe especial solenidade na segunda, e luta incansavelmente para levar os seus devotos à Nona Esfera (o sexo).

Não é demais afirmar neste capítulo que os aspirantes da escola *Mahayana* anelam de verdade e com ânsia infinita a experiência direta do Vazio Iluminador. De nenhuma maneira exageramos conceitos se afirmarmos com certa veemência que os discípulos da escola *Hinayana* trabalham tenazmente na Forja dos Ciclopes (o sexo), com o propósito inteligente de obter a Auto-Realização Íntima do Vazio Iluminador.

Quando a mente está quieta, quando a mente está em silêncio, por dentro, por fora e no centro, advém a experiência mística do Vazio; porém, é óbvio que Auto-Realização é algo muito diferente.

O Vazio não é muito fácil de explicar. Certamente vos digo que não é definível ou descritível. A linguagem destes humanóides que povoam a face da Terra tem sido criada para designar coisas e sentimentos existentes; não é adequada para expressar aquilo que está além do corpo, dos afetos e da mente.

O Vazio Iluminador não é assunto de conhecer ou não conhecer; experimentá-lo diretamente é o indicado. Visão e Ação se complementam mutuamente. As duas escolas citadas são indispensáveis.

Ver com lucidez infinita só é possível na ausência do ego, do mim mesmo, do si mesmo; dissolvê-lo é urgente.

Ação consciente é o resultado do trabalho progressivo na Forja dos Ciclopes (o sexo).

A Flor Áurea estabelece o equilíbrio harmônico perfeito entre a Visão e a Ação.

O Embrião Áureo, a Sublime Flor, é o embasamento extraordinário do Buddha Íntimo. Arcaicas tradições milenares dizem que existem duas classes de Buddhas:

- a) Buddhas transitórios
- b) Buddhas permanentes

É evidente que os primeiros se encontram em trânsito, de esfera em esfera, lutando por realizar, em si mesmos, o Vazio Iluminador.

É inquestionável que os segundos são os Buddhas de Contemplação, aqueles que já realizaram, dentro de si mesmos, o Vazio Iluminador.

No estudo esotérico do *Zen* – forma maravilhosa da escola *Mahayana* – existem dois termos chineses muito interessantes: *Chien* e *Hsing*.

Utilizado como verbo, *Chien* significa ver ou mirar; utilizado como substantivo, significa visão, entendimento ou observação.

Hsing significa prática, ação, trabalho esotérico. Também se pode usar como verbo ou substantivo.

Chien, em seu sentido mais íntimo, significa ‘entendimento místico do ensinamento buddhista’; porém, no *Zen*, não só denota o entendimento claro e evidente dos princípios e da Verdade-Prajna, senão que também implica na visão desperta que surge da Experiência *Wu* (*Satori*, Êxtase, *Samadhi*).

Chien, neste sentido transcendental e divino, pode ser entendido como realidade vista ou uma visão da realidade. Ainda que isso signifique ver a realidade, não implica na posse ou no domínio da mesma.

Hsing, o trabalho fecundo e criador na Frágua Acesa de Vulcano, é fundamental quando se quer a posse e o domínio do Real.

CAPÍTULO 30
HOMENS DESPERTOS



O monge desperto chamado Tien Jan foi visitar o Venerável Mestre Hui Chang. Ao chegar, perguntou muito solenemente a certo asceta ajudante, se o Mestre Real estava em casa. O místico contestou: “Sim; porém, não recebe visitas”. Tien Jan disse: “Oh! O que dizes é demasiado profundo e estranho”. O anacoreta ajudante replicou: “Nem sequer os olhos do Buddha o podem ver”. Então argumentou Tien Jan: “A fêmea do dragão pare um dragãozinho e a da fênix pare uma pequena fênix!” E logo se retirou...

Mais tarde, quando Hui Chang saiu da meditação em que se achava e se inteirou do que havia ocorrido em sua casa, bateu no religioso assistente. Quando Tien Jan se inteirou disto, fez o seguinte comentário: “Este velho merece ser chamado o Mestre Real”.

No dia seguinte, Tien Jan, o homem de Consciência Desperta, voltou a visitar o Guru Hui Chang. De acordo com os exóticos costumes orientais, quando divisou o Guru, estendeu sobre o chão sua manta (como dispondo-se a sentarse para receber seus ensinamentos). Hui Chang disse: “Não é necessário, não é necessário”. Tien Jan retrocedeu um pouco e o Mestre Real disse enfaticamente: “Está bem, está bem”.

Entretanto, de forma inusitada, Tien Jan avançou novamente uns quantos passos. Então o Mestre Real disse: “Não, não”. Entretanto, Tien Jan compreendeu tudo; deu uma simbólica volta ao redor do Hierofante e se foi.

Mais tarde, o Venerável comentou: “Muito tempo passou desde os dias dos Bem-Aventurados. As pessoas são agora muito folgadas. Dentro de 30 anos será muito difícil encontrar um homem como este”.

Estranhas atitudes! Práticas telepáticas instantâneas! Intuições que relampejam... Explicar tudo isto seria castrar o ensinamento; nossos muito amados leitores devem captar sua profunda significação.

Hui Chang possuía o Embrião Áureo; é evidente que havia realizado em si mesmo o Vazio Iluminador. Tien Jan também era um homem de Consciência Desperta. Alguém que mesmo que não tivesse Auto-Realizado o Vazio, possuía a Flor Áurea.

Huang Po encontrou, uma vez, um monge desperto e caminhou junto com ele. Quando chegaram próximo de um rio borrascoso que se precipitava no seu leito de rochas, Huang Po tirou por um momento seu chapéu de bambu e, deixando de lado seu bastão, deteve-se a pensar como poderiam passar.

Estando nestas reflexões, de repente algo insólito sucede: o outro monge caminhou sobre as águas tormentosas do rio, sem deixar que seus pés tocassem a água; e chegou em seguida à outra margem.

Contam velhas tradições que se perdem na noite dos séculos que quando Huang Po viu o milagre, mordeu os lábios e disse: “Oh! Não sabia que podia fazer isso! Se soubesse, tê-lo-ia empurrado até o fundo do rio”.

Estes poderes milagrosos são simplesmente os produtos naturais da verdadeira Iluminação e os têm os homens despertos, aqueles que já fabricaram o Embrião Áureo na Frágua Acesa de Vulcano (o sexo).

Chang Chen-Chi nos conta o seguinte relato:

“O Mestre Zen Pu Hua havia sido ajudante de Lin Chi. Um dia decidiu que havia chegado o momento de morrer; então se dirigiu ao mercado e pediu ao povo que lhe desse, por caridade, uma vestimenta. Porém, quando algumas pessoas ofereceram a vestimenta e outras roupas, ele as recusou e seguiu marchando com o bastão na mão.

Quando Lin Chi ouviu isto, persuadiu algumas pessoas que dessem a Pu Hua um ataúde. Assim, ofereceram um ataúde a Pu Hua. Ele sorriu e disse aos doadores: Este indivíduo, Lin Chi, é realmente mau e charlatão.

Depois, aceitou o ataúde e anunciou ao povo: Amanhã sairei da cidade pela porta do leste e morrerei em algum rincão dos subúrbios do leste. No dia seguinte, muita gente da cidade, levando o ataúde, escoltou-o até a porta do leste. Porém, subitamente, ele se deteve e exclamou: Oh! Não, não! Segundo a geomancia, este dia não é auspicioso. É melhor que morra amanhã, num subúrbio do sul.

Assim, no dia seguinte, todos se encaminharam à porta do sul; porém, Pu Hua mudou, outra vez, de idéia e disse ao povo que preferia morrer no dia seguinte, no subúrbio do oeste.

Muito menos gente foi escoltá-lo no dia seguinte. E, novamente, Pu Hua mudou de idéia, dizendo que adiava sua partida deste mundo um dia mais e que então morreria num subúrbio do norte. Então, as pessoas se cansaram do assunto e, assim, ninguém o escoltou no dia seguinte.

Pu Hua teve que levar ele mesmo o ataúde até o subúrbio do norte. Quando chegou, deitou-se no ataúde sempre com o bastão na mão e esperou que chegassem alguns transeuntes. Então lhes pediu que pregassem o ataúde, uma vez que ele estivesse morto. Quando eles consentiram, ele se deitou e morreu.

Então – continua dizendo Chang Chen-Chi – os transeuntes pregaram o caixão, como haviam prometido. As notícias deste fato chegaram prontamente à cidade e as pessoas começaram a chegar aos montes. Alguém sugeriu então que abrissem o ataúde para dar uma olhada no cadáver; porém, ao fazê-lo, ante sua surpresa, não encontraram nada.

Antes de se recobrem da surpresa ouviram do céu o som familiar das campainhas do bastão que Pu Hua havia levado toda sua vida. No princípio a campainha era forte, porque estava muito perto; depois se tornou mais e mais fraca, até que finalmente desapareceu inteiramente... Ninguém soube aonde havia ido Pu Hua.”

CAPÍTULO 31
GOETHE



Em sublime e inefável êxtase, Goethe proclamava sua Divina Mãe Kundalini como autêntica libertadora:

Levantai os olhos até a visão salvadora
vós, todas as almas ternas arrependidas,
a fim de transformar-vos, cheias de agradecimento
para um venturoso destino.
Que cada sentido purificado esteja pronto para seu serviço.
Virgem, mãe, rainha, deusa,
sede propícia.

Goethe bem sabia que sem o auxílio de Devi Kundalini, a Serpente Ígnea de nossos mágicos poderes, seria impossível a eliminação do ego animal.

Incontestavelmente, nas relações amorosas mais conhecidas de Goethe, excluindo-se naturalmente a sustentada com Cristina Vulpius – foram, sem exceção alguma, de natureza mais erótica que sexual. Diz o sábio Waldemar:

“Não cremos ser exagerado dizer que em Goethe o desfrutar da fantasia era o fundamental em suas relações com as mulheres. Esforçava-se para captar a sensação de entusiástico consolo. Numa palavra, o excitante elemento musa da mulher, que lhe inflamava o espírito e o coração, em absoluto devia procurar a satisfação para a sua matéria”.

O apaixonado namoro que teve por Carlota Buff Lili ou Frederica Brion – não podia desenvolver correspondentemente toda a situação sexual. Muitas histórias literárias tentam expor simplesmente até que ponto chegaram as relações de Goethe com a senhora Von Stein. Os fatos examinados abonam a idéia de que se tratou de uma correspondência ideal.

Goethe não vivera, como é sabido, em completa abstinência sexual na Itália. Em seu regresso à pátria, estabelecera rapidamente um vínculo com Cristina Vulpius, a qual nada lhe recusava, permitindo a conclusão que devesse carecer de algo”.

Prossigue dizendo Waldemar:

“Indubitavelmente, Goethe amou de maneira mais apaixonada quando se achava separado do objeto de seu anseio. Só na reflexão seu amor tomava corpo e lhe insuflava ardor.

Invariavelmente, quando deixava brotar de sua pena os sentimentos de seu coração para com a senhora Von Stein, estava realmente próximo dela... Mais próximo do que jamais pudera estar fisicamente”.

Herman Grimm diz com razão: “Sua relação com Lotte só é compreensível quando reportamos toda sua paixão às horas em que não estava com ela”.

Não é exagero enfatizar neste capítulo a idéia de que Goethe detestava o ato sexual dos fornicários. “*Triste est omne animal post coitum...*”

“Assim que trazes a meu amor um infeliz desfrute?
Leva contigo o desejo de tantas canções
Torna a levar contigo o breve prazer
Leva-o contigo e o dê ao triste peito
Ao eterno triste peito algo melhor”.

Que fale agora o poeta, que diga o que sente em verdade e poesia:

“Eu saía raramente, mas nossas cartas – referindo-se à Frederica – eram trocadas cada vez mais cheias de vida. Punha-me a par de suas circunstâncias... para tê-las presentes, de modo que tinha diante de minha alma, com afeto e paixão, seus merecimentos.

A ausência fazia-me livre e toda minha inclinação florescia devidamente só pela prática na distância. Em tais instantes podia ficar deslumbrado pelo porvir”.

Em seu poema “A Felicidade da Ausência” expressa claramente sua propensão para a metafísica erótica:

“Suga, ó jovem, o sagrado néctar da flor
ao longo do dia, nos olhos da amada.
Mas, sempre esta dita é maior que nada,
estando afastado do objeto do amor.
Em parte alguma esquecê-la posso,
mas se à mesa sentar-me tranqüilo
com espírito alegre e em toda liberdade
e o imperceptível engano
que faz venerar o amor
e converte em ilusão o desejo”.

Comentando, diz Waldemar:

“O poeta não se interessava em nada – e isto deve ser consignado – pela senhora Von Stein, pelo como ela realmente era, mas como a via através do anseio de seu próprio coração criador.

Seu anseio metafísico pelo eterno feminino se projetava de tal modo sobre Carlota que nela via à Mãe, a amada; numa palavra, como sendo o princípio universal ou a própria idéia de Eva. Já em 1775 escrevia: “Seria um magno espetáculo ver como se refletia nesta alma o universo. Ela vê o universo tal como ele é, e por certo mediante o amor”.

Enquanto Goethe pôde ‘poetizar’ a mulher que amava, ou seja, criar um ente ideal que correspondesse ao vôo de sua fantasia, era fiel e dedicado. Porém, quando relaxava o processo desta ‘poetização’, seja por sua própria culpa ou da outra pessoa, afastava-se. Invariavelmente, ao se procurar suas sensações erótico-poéticas até o momento em que a coisa ameaça ficar séria, punha-se a salvo no *pathós*³⁶ da distância”.

Que nos seja permitido discordar de Goethe neste aspecto espinhoso de sua doutrina. Amar a alguém à distância, prometer muito e depois esquecer parece-nos bastante cruel. No fundo, existe fraude moral. Ao invés de apunhalar corações adoráveis, melhor seria praticar o *Sahaja Maithuna* com a esposa sacerdotisa, amando-a e permanecendo fiel durante toda a vida.

Este homem compreendeu o aspecto transcendental do sexo, porém falhou no ponto mais delicado. Por essa razão não obteve a Auto-Realização Íntima.

36 Paixão, em grego.

Goethe, adorando a sua divina mãe Kundalini, exclama cheio de êxtase:

“Virgem pura no mais belo sentido,
Mãe digna de veneração,
Rainha eleita por nós
de condição igual aos Deuses...”

Ansiando morrer em si mesmo, aqui e agora, durante o coito alquímico, querendo destruir a Mefistófeles exclama:

“Flechas transpassai-me.
Lanças submetei-me,
maças feri-me.
Que tudo desapareça.
Que se desvaneça tudo.
E brilhe a estrela perene,
Foco do eterno amor”.

Sem dúvida, esse poeta genial possuía uma intuição maravilhosa. Se tivesse achado o caminho secreto numa só mulher, se com essa mulher houvesse trabalhado durante toda a vida na nona esfera, obviamente teria chegado à libertação final.

No seu “Fausto” Goethe expõe com grande acerto a fé na possibilidade da elevação do Embrião Áureo liberado para uma super-alma (Manas Superior).

Quando isso ocorre, Manas penetra em nós, e fundido com o embrião Áureo, passa por transformações íntimas extraordinárias. Então se diz que ‘somos homens com alma’.

Ao chegarmos a essas alturas, alcançamos a Maestria, o Adeptado e nos transformamos em membros ativos da fraternidade oculta. Isso não significa perfeição no sentido mais amplo da palavra. Bem sabem os divinos e os humanos quão difícil é alcançar a perfeição na maestria.

Diga-se de passagem, urge saber que tal perfeição só se consegue depois que tenhamos realizado esotéricos e profundos trabalhos nos mundos da Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno.

De todas as maneiras, a encarnação da Alma Humana ou terceiro aspecto da Trimurti Hindu, conhecida como Atman-Buddhi-Manas, e sua mescla com o

Embrião Áureo, é um evento cósmico extraordinário que nos transforma de forma radical.

A encarnação do Manas Superior em nós não implica o ingresso dos princípios Átmico e Búdhdico ao interior de nosso corpo. Este último pertence a trabalhos posteriores, sobre os quais falamos profundamente em nosso livro intitulado **As Três Montanhas**.

Depois desta pequena digressão, indispensável para o tema em questão, continuaremos com o seguinte relato:

Há muito tempo sucedeu-me no caminho da vida algo insólito e inusitado. Uma noite, enquanto me ocupava em interessantíssimos trabalhos esotéricos fora do corpo físico, tive de me aproximar com o *eidolon* da gigantesca cidade de Londres.

Recordo com inteira clareza que, ao passar por certo lugar daquela urbe, percebi com místico assombro a aura amarela resplandecente de um jovem inteligente que se encontrava postado numa esquina.

Penetrei num café muito elegante daquela metrópole e sentando-me ante uma mesa, comentei o caso com uma pessoa de certa idade que lentamente saboreava numa xícara o conteúdo delicioso daquela bebida árabe.

De repente algo inusitado acontece; senta-se ao nosso lado aquele mesmo jovem de resplandecente aura amarela que momentos antes tanto admirava.

Após as costumeiras apresentações, fiquei sabendo que se tratava daquele que em vida escrevera **Fausto**: Era Goethe.

No mundo astral acontecem maravilhas, prodígios e fatos extraordinários. Não é raro encontrar-se ali homens já desencarnados, personagens como Vitor Hugo, Platão, Sócrates, Danton, Mollière e outros.

Assim, pois, vestido com o *eidolon*, quis conversar com o Goethe fora de Londres, às margens do imenso mar. Convidei-o e ele aceitou meu convite. Juntos, numa das praias daquela grande ilha britânica, onde se encontra a capital inglesa, estávamos conversando quando então

pudemos ver algumas ondas mentais cor vermelho-sanguinolento fluindo sobre o furioso oceano e vindo em nossa direção.

Tive que explicar àquele jovem de radiante aura que essas formas mentais provinham de certa dama que na América Latina me desejava sexualmente. Isso não deixou de nos causar certa tristeza...

Brilhavam as estrelas do espaço infinito... As ondas enfurecidas rugiam e golpeavam incessantemente a arenosa praia.

Conversando sobre os rochedos do Ponto, trocando idéias resolvi fazer-lhe à queima roupa, como se diz comumente no mundo físico, as seguintes perguntas:

– Tens novo corpo físico?

– Sim, respondeu.

– Teu veículo atual é masculino ou feminino?

– Meu corpo atual é feminino.

– Em que país estás reencarnado? Amas alguém?

– Estou reencarnado na Holanda e amo um príncipe holandês. Penso casar-me com ele em determinada data (perdoe-me, caro leitor, pois não posso mencionar a data).

– Pensava que teu amor fosse estritamente universal; amai as rochas – disse-lhe; e as montanhas, os rios, os mares, as aves que voam, os peixes que deslizam nas profundas águas...

– O amor humano não é por acaso uma chispa do amor divino? respondeu-me.

Este tipo de resposta em forma de pergunta, dita por aquele que em passada encarnação se chamara Goethe, deixou-me perplexo. Indubitavelmente o grande poeta me havia dito algo irrefutável e perfeitamente exato.

CAPÍTULO 32
A REENCARNAÇÃO



O **Bhagavad Gita**, o livro sagrado do Senhor Krishna, diz textualmente: “O Ser não nasce, nem morre, nem se reencarna; não tem origem; é eterno, imutável, o primeiro de tudo e não morre quando lhe matam o corpo”.

Que nossos leitores gnósticos reflitam agora no seguinte versículo, oposto e contraditório: “Como alguém que deixa suas vestes gastas e se coloca noutras novas assim é o Ser corpóreo. Deixa seu corpo gasto e entra noutros novos”.

Dois versículos opostos do Grande Avatar Krishna. Se não conhecêssemos a chave, obviamente ficaríamos confusos.

“Ao deixar o corpo, tomando a senda do fogo, da luz, do dia, da quinzena luminosa da lua e do solstício setentrional, os conhecedores de Brahma vão a Brahma. O yogue que ao morrer segue pela senda da fumaça, da quinzena obscura da lua e do solstício meridional, chega à esfera lunar (o mundo astral) e logo renasce (retorna, se reincorpora)”.

Estas duas sendas, a luminosa e a escura, são consideradas permanentes. Pela primeira nos emancipamos. Pela segunda, renascemos (ou retornamos). Declaramos, contudo, que o Ser, o Senhor encarnado em alguma criatura perfeita, pode voltar e se reencarnar.

“Quando o Senhor (o Ser) toma um corpo ou o deixa, ele se associa com os seis sentidos ou os abandona e se vai com a brisa que leva consigo o perfume das flores”.

“Dirigindo os ouvidos, os olhos, os órgãos do tato, o olfato e também a mente, Ele experimenta os objetos dos sentidos”.

“Os ignorantes, alucinados, não vêem quando Ele toma um corpo, quando o deixa ou quando faz as experiências associando-se com as Gunas. Em compensação, os que têm os Olhos da Sabedoria O vêem”.

Como documento extraordinário para a doutrina da reencarnação vale a pena meditar sobre o seguinte versículo de Krishna: “Ó Bharata! Toda vez que a religião decaí e prevalece a irreligião, encarno-me novamente (reencarno-me), para proteger os bons, destruir os maus e estabelecer a religião. Reencarno-me em distintas épocas”.

De todos estes versículos de Krishna deduz-se logicamente com total clareza, duas conclusões:

- a) Os conhecedores de Brahma vão à Brahma e podem, se assim o quiserem, voltar, incorporar-se, reencarnar-se para trabalhar na grande obra do Pai.
- b) Aqueles que não dissolvem o ego, o eu, o mim mesmo, depois da morte vão pela senda da fumaça, da quinzena escura da lua e do solstício meridional, e chegam à esfera lunar e logo renascem, retornam, reincorporam-se neste doloroso Vale do Samsara.

A doutrina do Grande Avatar Krishna ensina que só os deuses, semideuses, reis divinos, titãs e devas se reencarnam.

A Lei do Eterno Retorno de todas as coisas combina-se sempre com a lei da recorrência. Os egos retornam incessantemente para repetirem dramas, cenas, acontecimentos, aqui e agora. O passado se projeta no futuro através do beco do presente.

A palavra ‘reencarnação’ é muito exigente e não deve ser usada de qualquer maneira. Ninguém pode reencarnar sem antes haver eliminado o ego, sem ter de verdade uma individualidade sagrada.

‘Reencarnação’ é uma palavra muito venerável. Significa de fato, reincorporação do Divino em um homem. ‘Reencarnação’ é a repetição desse acontecimento cósmico numa nova manifestação do Divino.

De forma alguma estamos exagerando ao enfatizarmos a transcendental idéia de que a ‘reencarnação’ só é possível para os Embriões Áureos que já obtiveram em qualquer ciclo de manifestação a união gloriosa com a Super-Alma.

Seria um absurdo confundir a ‘reencarnação’ com o ‘retorno’. Seria cair num desatino da pior espécie afirmar que o ego, legião de eus tenebrosos, sinistros e esquerdos pudessem ‘reencarnar’.

Retorno é algo muito diferente. É inquestionável o retorno de *Kalpas*, *Yugas*, *Mahamvantaras*, *Mahapralayas*, etc.

CAPÍTULO 33

RETORNO



Falando claramente e sem rodeios, podemos e devemos afirmar enfaticamente que três formas humanas vão ao sepulcro na hora da morte:

- a) O corpo físico (o cadáver);
- b) O corpo vital (ou *Linga sharira*);
- c) A personalidade.

É inquestionável, e todo mundo sabe disso, que a forma densa se desintegra gradativamente dentro da sepultura.

É evidente que o segundo aspecto, o corpo vital ou *Linga sharira* permanece flutuando sobre o sepulcro como um fantasma fosforescente e que às vezes torna-se visível para determinadas pessoas sensíveis; este se desintegra lentamente, à medida que o corpo físico se decompõe.

Para os clarividentes é interessante ver o que sucede com a terceira forma, a personalidade energética. Seria um desatino enfatizar a possibilidade de reencarnação para a personalidade. Esta é filha de seu tempo: nasce e morre em seu próprio tempo. Não existe nenhum amanhã para a personalidade do morto.

Devemos dizer, em nome da verdade, que a personalidade se forma durante os primeiros sete anos da infância e se robustece com o tempo e as experiências. Após a morte do corpo carnal, a personalidade vai ao sepulcro. Contudo, costuma escapar do mesmo e perambular pelo cemitério.

Nossa compaixão também deve se estender até essas personalidades descartadas, que fazem do sepulcro sua morada.

Os povos antigos não ignoravam essas coisas; por isso, colocavam dentro da

tumba de seus entes queridos, alimentos e objetos relacionados com eles.

Isso tem sido comprovado por muitos arqueólogos ao descobrirem túmulos antigos, sarcófagos, nichos, moradas...

As flores e as visitas dos parentes alegram muito às personalidades descartadas. O processo de desintegração de tais personalidades costuma ser espantosamente lento.

No momento em que escrevo estas linhas vêem-me à memória a lembrança de meus companheiros tombados no campo de batalha durante a revolução mexicana. É indubitável que suas personalidades sepulcrais saíram das tumbas para me receberem quando os visitei em um antigo cemitério.

Obviamente me reconheceram e me interrogaram sobre minha existência e forma de vida no presente.

Devi Kundalini, a Rainha consagrada de Shiva, nossa divina Mãe Cósmica Particular, individual, assume em cada criatura, cinco aspectos místicos transcendentais, que urge enumerar:

1. A Imanifestada Prakriti.
2. A casta Diana, Ísis, Tonantzin, Maria ou Ram-Ío.
3. A terrível Hécate, Proserpina, Coatlicue, rainha dos infernos e da morte, terror de amor e lei.
4. A Mãe Natura particular, individual, criadora e artífice de nosso organismo físico.
5. A Maga Elemental, a quem devemos todo o impulso vital, todo instinto.

A bendita Deusa Mãe Morte tem poder para nos castigar quando violamos a lei e poder para nos tirar a vida. Sem dúvida, Ela é uma faceta magnífica de nossa deidade mística, uma forma esplêndida de nosso próprio Ser. Sem o seu consentimento, nenhum Anjo da Morte se atreve a romper o fio da vida, o cordão de prata, o *Antakarana*.

Aquilo que continua além do sepulcro é o Ego, o Eu, o Mim Mesmo, certa soma de Eus-Diabos que personificam nossos defeitos psicológicos. Normalmente, esses agregados psíquicos agem no mundo astral e mental. Raras são as Essências que conseguem se emancipar, por algum tempo, de tais elementos subjetivos, e gozarem de umas férias no Mundo Causal, antes do retorno a este

Vale de Lágrimas.

Agora, nestes tempos tenebrosos do *Kali-Yuga*, a vida celeste entre a morte e o novo nascimento, se torna cada vez mais impossível. A causa de tal anomalia consiste no robustecimento do Ego Animal. A Essência de cada pessoa está muito engarrafada pelo Eu Pluralizado.

Os egos, normalmente, submergem dentro do reino mineral, nos mundos infernos, ou retornam de forma imediata ou mediata em novo organismo.

O Ego continua na semente de nossos descendentes; retornamos incessantemente para repetir sempre os mesmos dramas, as mesmas tragédias.

Devemos insistir nisso: nem todos os agregados psíquicos conseguem o retorno humano. Realmente, muitos eus-diabos se perdem pelo fato de submergirem dentro do reino mineral ou continuam se reincorporando em organismos animais ou ainda se aferram ou aderem resolutamente a determinados lugares.

CAPÍTULO 34
FECUNDAÇÃO



É inquestionável que os ovários liberam um óvulo a cada 28 dias, que é recolhido numa das Trompas de Falópio e conduzido sabiamente ao útero dos prodígios, onde deve se encontrar com o gérmen masculino (espermatozóide), para o caso de ter início uma nova vida.

O *Sahaja-Maithuna*, o Sexo-Yoga, com todas as suas *asanas* tântricas e seu famoso *Coitus Reservatus*, ainda que limite a quantidade de fecundações, de forma alguma constitui obstáculo que venha impedir alguma concepção. Qualquer espermatozóide maduro pode escapar durante o *Sahaja Maithuna* para realizar a fecundação.

Torna-se interessante que dos seis ou sete milhões de espermatozoides que qualquer profano comum e corrente perde numa relação sexual, tão só um afortunado espermatozóide logrará penetrar no óvulo.

É evidente que o espermatozóide fecundante, capaz de entrar no óvulo, possui uma força maior. Não é exagero enfatizar a idéia de que a dinâmica do espermatozóide fecundante deve-se à Essência que regressa para se reincorporar.

Portanto, é claramente absurdo derramar o Vaso de Hermes, perder vários milhões de espermatozoides, quando na realidade só é necessário um espermatozóide fecundante.

Os gnósticos criam com o poder de *Kriya-shakti*, o poder da vontade e do Yoga. Jamais na vida derramam o Vaso do Mercúrio Sáfico.

Não há na vida força mais impelente na sua expressão que o esforço que fazem os germes masculino e feminino para se encontrarem.

O útero é o órgão sexual feminino em que desenvolve o feto; é o vestibulo deste mundo, no qual a criatura se prepara para o seu advento. Foi-nos dito, com

grande acerto, que é possível escolher e determinar voluntariamente o sexo da criatura; isto é possível quando a lei do karma permite.

Na imaginação de todo homem existe sempre o protótipo vivo de uma beleza ideal feminina... Na imaginação de toda mulher não deixa de sempre existir algum príncipe encantado; isso já está demonstrado...

Se no instante do coito predomina o anelo masculino, o fruto do amor será fêmea... Se no momento preciso da cópula ressalta o anelo feminino a criatura será macho...

Baseados neste princípio podemos formular assim: se ambos, Adão-Eva, se põem de acordo para criar, é óbvio que podem determinar, voluntariamente, o sexo da criatura.

Se no instante transcendente da cópula química, marido e mulher, em mútuo acordo psicológico, anelarem, de verdade, um filho homem, o resultado será um menino.

Se no momento maravilhoso do coito metafísico, ele e ela quiserem ardentemente uma filha, o resultado será menina.

Com brasas vivas está escrito nas páginas do Livro da Vida que toda concepção se realiza sob as influências cósmicas da Lua em Câncer.

A morte e a concepção encontram-se intimamente relacionadas. Os extremos se tocam. A senda da vida é formada pelas marcas dos cascos do cavalo da morte.

Os últimos instantes do agonizante acham-se associados às delícias eróticas dos casais que se amam...

No último segundo da vida, no momento preciso em que exalamos o alento final, transmitimos ao futuro organismo que nos aguarda além do tempo e da distância, certo desenho cósmico particular que vem a se cristalizar no óvulo fecundado...

É por meio do cordão de prata – o famoso *Antakarana* – que ficamos conectados com o espermatozóide fecundante.

Não é demais afirmar que a Essência só vem a penetrar no corpo físico, no instante em que fazemos nossa primeira inalação...

CAPÍTULO 35
A BELEZA



Diz Waldemar:

“É bem conhecido o tema do ‘susto na gravidez’ para que nos estendamos muito sobre o mesmo... Consigna as especiais agitações de ânimo que atuam sobre o terno fruto que se acha no ventre materno. Porém, de maneira singular, jamais se considerou o bastante a imensa importância que tem a influência psíquica sobre o feto.

Já uma simples sugestão de objetos pode acarretar uma transformação física do mesmo; assim, uma mulher deu à luz há algum tempo num hospital berlinense um monstro que tinha orelhas e focinho de cachorro e pelo de animal. Entre os meus conhecidos ocorreu o caso de que, visitando com freqüência o zoológico durante sua gravidez, a esposa de um industrial de Chemnitz, pois ela gostava muito dos filhotes de leoa, deu à luz um par de gêmeos com cabeças leoninas e garras; ambas as criaturas estavam desprovidas de inteligência humana e morreram nas idades de onze e doze anos, respectivamente.

De grávidas que tiveram um susto de rato, têm-se ouvido, amiúde, que o recém-nascido tinha uma mancha ou nódoa semelhante à pele de rato, exatamente no lugar onde sua mãe havia levado a mão no momento do susto.

E continua Waldemar:

Na antigüidade, extraía-se a correspondente consequência do susto das mulheres; podia gerar resultados negativos, mas, também, positivos. Assim nos manifesta Oppian, que as mulheres de Esparta davam à luz criaturas extraordinariamente belas e bem constituídas, porque tinham à vista, em seus dormitórios, estátuas de Apolo, Jacinto, Nar-

ciso e os Dióscuros; além disso, desfrutavam, durante sua gravidez, da música de harpas e de flautas.

Também se impunha aos maridos espartanos que durante a gravidez de suas mulheres não mostrassem jamais um semblante carrancudo ou mal humorado, senão sempre satisfeito. Heliodoro conta de um casal de cônjuges espantosamente feios, mas que gerou um rebento extraordinariamente belo porque a mãe teve sempre, diante de si, em seu dormitório, uma maravilhosa estátua de tamanho natural de Adônis. Também o tirano de Chipre, mal conformado e feio, foi, não obstante, pai de garotinhos surpreendentemente lindos, porque ornou o dormitório com radiantes figuras de divindades.

No curso da História repetidamente aconteceu de mulheres levantarem suspeitas de infidelidade devido ao susto na gravidez. A esposa de pele negra do também de pele negra Hydaspo, chamada Persina, deu à luz, ao cabo de dez anos de matrimônio estéril, uma filha completamente branca. Em seu desespero, porque o marido não acreditaria em sua inocência e a acusaria de trato com estranho, abandonou a criatura e pôs o nome de Charikleia. Sucedeu então de voltar a achá-la ao cabo de muitos anos...

Ditosa, declarou então à sua filha: Como ao nascer eras branca, cuja cor contradiz a natureza dos etíopes, reconheci eu mesma a causa. Nos braços de meu esposo havia eu visto a imagem de Andrômeda desnuda quando a raptou Perseu das rochas, e por isso tu nasceste com essa cor.

Em seguida, Persina confessou a seu esposo que tinha uma filha; fez pôr a imagem de Andrômeda junto a Charikleia e, com efeito, a semelhança era desconcertante. Hydaspo se deixou convencer, admirado, e o povo, fora de si de júbilo, cumulou os três de beneplácitos.

Também um crítico de espírito tão penetrante como Lessing manifesta, muito expressivamente que, em especial as artes plásticas, à par do infalível fluxo que têm sobre o caráter da nação, são capazes de uma ação que precisa um controle mais próximo do Estado. Se belos seres criam belas estátuas, estas obram de novo sobre aqueles e o Estado há de agradecer às belas estátuas seus belos cidadãos.”

Cá entre nós, a delicada imaginação da mãe só parece exteriorizar-se em monstros. Necessário é regressar ao ponto de partida original e cultivar com singular anelo a beleza do espírito...

A recâmara nupcial deve se transformar num templo da Arte; ela é, em si mesma, o centro magnético do amor...

As mulheres de santa predestinação jamais devem perder a capacidade do assombro... Contemplai, ó Filhas de Vênus, as divinas esculturas de vossa habitação, a fim de que o fruto de vosso amor seja realmente belo...

Criai belezas, eu vos digo, em nome do amor e da verdade... Sede felizes, bem amadas! Sede ditosas com vossas criações... A alcova nupcial é o Santuário de Vênus; não o profaneis com pensamentos indignos...

CAPÍTULO 36

A INTELIGÊNCIA



A procriação mágica, esotérica, sem ejaculação seminal, a impregnação ideoplástica do feto, deveria ser animada pelo inteligente desejo de procurar para o filho as melhores propriedades características e a possibilidade de uma vida longa, cheia de luz e de vida...

O momento oportuno para gerar filhos saudáveis e inteligentes acha-se na curva da vida ascendente, na qual a Essência maravilhosa da criança, portada pelo grande alento do Sol na jubilosa ressurreição da Grande Natureza, será reincorporada no geral florescer da Vida Universal.

Escrito está, com palavras de fogo, que a potência da ação e da energia psíquica e física é alcançada na procriação mágica, de maneira bem especial no quarto crescente de maio e na hora da saída do Sol. Os chamados ‘filhos da noite nupcial’ ou aqueles desventurados que foram gerados após copiosos banquetes e bebedeiras, são portadores de valores anímicos bem inferiores...

Os neurastênicos, aqueles que sofrem de complexos de todo tipo, os covardes, misantropos, esquizofrênicos, masoquistas, assassinos de todo tipo, bêbados empedernidos, homossexuais, lésbicas, embotados, obtusos, imbecis e idiotas que, além disso, acrescentam à sua asquerosa tara, um corpo doentio e deformado, procedem de azaradas coabitações abomináveis ou da concorrência de enfermidades venéreas...

A procriação incontrolada de criaturas no instante da embriaguês, inconsciência, amiúde sob o influxo depravado do álcool, opera como uma maldição, em gerações posteriores...

Só quando vivem Adão-Eva em um estado auto-enaltecedor, edificante e essencialmente dignificante, produz-se aquele intercâmbio de força anímicas, através de cada célula que, realmente, podem gerar um filho do sol, uma bela criatura física e anímicamente ditosa...

É propriamente inconcebível que o homem, como pecuarista ou jardineiro, cuida com maior esmero de produzir os melhores exemplares de animais e os frutos e plantas mais belos, fragrantes e matizados, mediante a seleção e cruzamento dos mais seletos produtos e sementes, exclua, em geral, na própria geração de sua espécie, aquelas precauções, diligência e atenção.

A qualidade do sêmen se encontra intimamente associada à potência imaginativa; quando se comete o crime de derramar este elixir maravilhoso, empobrece-se a faculdade criadora, o translúcido, a imaginação; então, já não é possível manter, com igual frescor na mente, qualquer bela imagem que pudéssemos usar para dar vida e forma a uma resplandecente criatura.

Platão, que em seu **Banquete**, denomina à doutrina da beleza os mistérios de Eros, define o amor como a apetência divina, conferindo ao homem um Grande Poder Universal que consegue entusiasmar o coração para criar filhos são e belos...

Sabido é que, mensalmente, durante a fase da lua cheia, desprende-se um óvulo do ovário da mulher, o qual causa hemorragia. Isto se chama menstruação. O óvulo não fecundado por nenhum espermatozóide abandona, ao cabo de uns dias, o útero e começa um novo ritmo vital.

Foi-nos dito que no lugar em que o óvulo se desprende, forma-se o chamado corpo amarelo, o qual é infinitesimal. Este é o fruto maravilhoso que possui a preciosa substância de potência nervosa, da qual obtém todo o seu corpo uma conseqüência energizante e estruturadora.

A corrente sangüínea, assim como todas as células vitais são, por assim dizer, carregadas eletricamente de novo. Quanto mais casta seja a mulher, quanto mais transmute e sublima a energia sexual, tanto mais ela produz uma reanimação física e anímica.

É indubitável que, quanto mais espasmos e orgasmos tenha, produzir-se-à uma diminuição da secreção interna estruturadora. Os valiosos núcleos orgânicos das glândulas genitais não poderão, então, transformar-se naquela substância etérica de tecido sutil que outorga às células do corpo físico, tensão e renovação e virá a velhice prematura e as enfermidades.

Também o mais longo ou mais curto ritmo respiratório da mãe determina no parto a qualidade do primeiro respirar da criatura; com este ritmo de respiração fará afluir a si do mundo e devolver a ele gosto e desgosto, valor e futilidade.

A cega paixão no ato carnal gera desordenados redemoinhos eletromagnéticos que, como oscilações vitais herdadas, provocam uma dissonância tão grande nas células da criatura, que não pode abrir brechas para a parte positiva da influência paterna..

É evidente que, havendo Castidade Científica, Beleza e Amor, será impregnado o óvulo fecundado por alguma Essência muito desenvolvida, e o resultado será então um filho ou filha com ricos valores anímicos.

CAPÍTULO 37
A LEI DO KARMA



Em se tratando de experimentos metafísicos transcendentais, assevero que tenho ficado plenamente satisfeito com o inteligente uso do *eidolon*. Sem me vangloriar com certas descobertas de ordem esotérica, simples e humildemente relatarei um certo e notável acontecimento íntimo.

Certa noite, encontrando-me fora da forma densa, aconteceu que a Mestra Litelantes e eu resolvemos entrar em contato com o Templo do Zodíaco. É evidente, e qualquer um pode compreender, que encontrar tal santuário aqui no mundo tridimensional de Euclides, é algo impossível. Por essa razão, não é de se estranhar que para este tipo de investigação experimental, utilizássemos o *eidolon*. Não quero de forma alguma fazer alarde de sábio; proponho-me apenas esclarecer que esse contato foi maravilhoso.

O *Sanctum Sanctorum* zodiacal resplandece virginal e gloriosamente entre os ritmos ardentes do *Mahavan* e do *Chotavan* que sustentam o universo firme em sua marcha. Templo cósmico, Basílica de luz zodiacal com doze santuários. Casa sideral do divino... Sublime igreja circular de irresistíveis encantos. *Sancti* opostos, que entre si se completam, situados frente a frente.

Projetando-nos ao futuro, além de nossa presente reencarnação, Litelantes penetrou resolutamente no *Sanctum* da brilhante constelação de Libra. No umbral desse templo havia uma efígie com semelhança de anjo. Com uma das mãos sustentava a Balança da Justiça Cósmica e com a outra empunhava a Espada. Litelantes, avançando alguns passos no interior do sacro recinto, deteve-se, finalmente, situando-se sobre uma venerável pedra.

– Vais continuar com libra?

– Sim!

– Mas veja que a pedra dessa constelação é muito fria.

– Não importa, respondeu a iniciada.

Como esta dama-adepto prepara-se atualmente para cumprir missão muito especial com corpo masculino, é óbvio que a constelação de Libra ser-lhe-á muito favorável, principalmente quando seu trabalho se der no terreno das leis.

De minha parte, cheio de profundo recolhimento e veneração, adentrei resolutamente no *Sanctum* sublime da constelação de Leão. O umbral daquele templo resplandecia adornado com um par de refulgentes leões de ouro puro. Estático, deitei-me, silenciosamente, ficando em decúbito dorsal sobre confortável divã, cujos braços em forma de leão resplandeciam. Minha intenção era aguardar dentro daquele santuário os sublimes Arcontes do Destino. É certo que eles manipulam o *Antakarana* (o fio da vida) conectando-o ao espermatozóide fecundante. Todo ser vivo ao morrer leva para além da morte um átomo-semente de seu corpo físico. Os Senhores do Karma depositam esse átomo no espermatozóide fecundante, a fim de que possamos reincorporar.

O extremo do Fio Magnético está unido a tal átomo. Qualquer criatura, durante o sono normal, sai do corpo para viajar a remotas distâncias. O Fio da Vida se alonga até o infinito e sempre nos permite regressar ao corpo físico. Ao morrer, os Anjos da Morte cortam esse fio prateado. Neste caso, é óbvio, não poderemos mais regressar ao corpo físico.

Adiantamo-nos no tempo; não ignorava nada disto, e pacientemente aguardava os Senhores da Lei. Ansiava reencarnar-me sob a constelação de Leão. Mas, refletindo um pouco, disse a mim mesmo: “Que faço aqui? Devo aguardar ordens de meu Pai. Além disso, me foi dito que durante esse *Mahamvantara* não tornarei mais a ter corpo físico”.

Assim refletindo, levantei-me e deixei aquele lugar sagrado. É evidente que os Mestres podem escolher à vontade o signo zodiacal sob o qual irão se reencarnar. No templo zodiacal, dentro do *Sanctum* escolhido, os Iniciados aguardam os Senhores do Karma, com o propósito de se relacionarem psiquicamente com o espermatozóide fecundante que, navegando entre as águas da vida, há de conduzi-los ao mundo físico, sob a regência da constelação escolhida.

Para os *buddhas* (Essências) inconscientes do vale doloroso do Samsara, tudo é diferente. Desencarnam sem saber e se reincorporam automaticamente, sob qualquer signo. Neste assunto de retorno não existe injustiça. Os Mestres do Karma escolhem o signo zodiacal daqueles que dormem.

Quando inalamos o ar pela primeira vez, este vem impregnado pela estrela que há de governar nossa nova existência. No livro maravilhoso do zodíaco está escrito o destino de cada criatura que volta ao mundo. Paga-se Karma não só pelo mal que se faz, mas também pelo bem que se deixa de fazer, quando se pode fazer. Cada má ação é uma duplicata que assinamos para pagar na existência seguinte. A lei de ação e consequência governa o curso das nossas variadas existências. Cada vida é, pois, o resultado da anterior.

Compreender integralmente as bases e o *modus operandi* da Lei do Karma é indispensável para orientar o barco de nossa vida de forma positiva e edificante. Um grande Mestre da Boa Lei, trajado com alva vestimenta de linho, aproximou-se bem tranqüilo e me deu o seguinte ensinamento: **“Quando uma lei inferior é transcendida por uma lei superior, a lei superior lava a inferior”**.

Durante os processos esotéricos iniciáticos do fogo tive de compreender plenamente os seguintes postulados: **“O Leão da Lei se combate com a Balança. Quem tiver capital para pagar, paga e se sai bem nos negócios. Quem não tem com o que pagar, deve pagar com dor. Faça boas obras para poder pagar tuas dívidas”**.

É possível conseguir créditos com os Mestres do Karma e isso é algo que muitos ignoram. Contudo, é urgente saber que todo débito deve ser pago com boas obras ou com suprema dor. Eu devia karma de vidas anteriores e fui perdoado. Já havia sido anunciado um encontro especial com minha Divina Mãe Kundalini. Sabia muito bem que ao chegar a determinado grau esotérico, seria conduzido à sua presença. Finalmente, chegou o ansiado dia. Fui levado até Ela. Um Adepto da Fraternidade Oculta tirou-me do corpo físico no *eidolon* e levou-me ao templo. Vi no muro do *Sanctum* um misterioso obelisco no qual resplandecia uma Madona terrivelmente divina: era minha mãe.

Ajoelhado, prostrado em profunda adoração, chorei, clamei, supliquei. Aquela Madona desprende-se do obelisco e veio ao meu encontro, como síntese maravilhosa da sabedoria, do amor e do poder. É impossível explicar com palavras humanas o que senti nesses instantes de êxtase. Nela estava representado o melhor de todas as mãezinhas que tive em minhas várias reencarnações. Contudo, é óbvio que Ela ia mais longe, devido às suas infinitas perfeições. Em um par de cômodas poltronas sentamo-nos frente a frente, bem próximos, filho e mãe. Algo tinha que pedir e falei com uma voz que assombrou a mim mesmo:

- Peço-Te que me perdoes todos os delitos cometidos em vidas anteriores, porque Tu sabes que hoje em dia seria incapaz de cair nos mesmos erros.
- Meu filho, eu sei, respondeu minha Mãe Divina, com voz de paraíso, cheia de infinita ternura.
- Nem por um milhão de dólares voltaria a repetir meus erros, continuei dizendo...
- O que são dólares, meu filho? Por que dizes isto? Por que falas assim?
- Perdoa-me, Mãe! É que lá no mundo físico, vão e ilusório onde vivo, fala-se assim...
- Compreendo, meu filho, respondeu.

Com estas palavras da adorável me senti reconfortado.

- Agora, Mãe, peço-te que me bendigas e me perdoes, exclamei cheio de suprema beatitude.

Terrível foi aquele momento em que minha Mãe, de joelhos, com infinita humildade, abençoou-me dizendo:

- Meu filho, estás perdoado.
- Permita-me que beije teus pés, Mãe, exclamei.

Ó Deus! Ao depositar o ósculo místico em seus divinos pés, descobri determinado símbolo, equivalente ao do sagrado lava-pés da última ceia. Evidentemente captei, de forma intuitiva, o profundo significado daquele símbolo.

Já havia dissolvido o Eu Pluralizado nas regiões minerais de nosso planeta Terra, mas devia seguir morrendo nos infernos da Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno.

Mais tarde, depois de haver investigado determinado erro muito lamentável de minha reencarnação passada, estive a ponto de ser atropelado por um carro do Distrito Federal (capital do México). É inquestionável que se previamente não tivesse sido perdoado meu karma, teria ido parar no cemitério ou no hospital.

Quando tive em minhas mãos o livro de meu próprio destino – pois cada pessoa tem o seu – encontrei suas páginas em branco. As contas pendentes haviam

sido apagadas por minha divina Mãe Kundalini. Apenas em determinada página achei o nome de uma montanha onde mais tarde deverei viver.

– Isto é algum karma? perguntei aos Senhores da Lei.

– Não é karma (ouvi como resposta). Irás viver ali para o bem da grande causa.

Contudo, isto não é obrigatório; me é concedida a liberdade de escolher. Já não devo karma humano comum e corrente, mas é claro que devo pagar impostos aos Senhores da Lei. Tudo tem um preço, e o direito a ter um corpo físico e de viver neste mundo tem que ser pago. Pagamos aos Adeptos da Fraternidade Oculta com boas obras.

É possível negociar com os Senhores da Lei através da meditação. Orai, meditai e concentraí-vos em Anúbis, o Regente máximo da Boa Lei.

Para o indigno, todas as portas estão fechadas, menos uma: a do arrependimento. “Pedi e vos será dado; batei e se vos abrirá”.

CAPÍTULO 38
A LEI DA RECORRÊNCIA



Com uma série de insólitos relatos quero explicar agora o que é a Lei da Recorrência. Esta lei nunca foi para mim algo novo ou estranho. Em nome *Disso* que é o divino devo afirmar que essa pragmática regra só a conheci através de minhas inusitadas vivências.

Dar fé de tudo aquilo que realmente temos experimentado de forma direta é, fora de dúvida, um dever para com os nossos semelhantes. Jamais pretendi me esquivar intelectualmente dessa múltipla variedade de lembranças relacionadas com minhas três precedentes existências e o que corresponde à minha vida atual.

Para o bem da Grande Causa, pela qual estamos lutando intensamente, prefiro assumir as responsabilidades, pagar e confessar abertamente meus erros ante o veredicto solene da consciência pública.

Declaro com sinceridade que na Espanha fui o marquês Juan Conrado, terceiro grande senhor da Província de Granada. Essa era a época dourada do famoso Império da Espanha.

O cruel conquistador Hernán Cortés, pérfido como nenhum outro, havia atravessado com sua espada o coração do México, enquanto o desumano Francisco Pizarro fazia com que fugissem cem mil virgens no Peru.

Muitos nobres e plebeus aventureiros perversos embarcavam para a Nova Espanha em busca de fortuna. É lógico que eu, de modo algum, podia ser uma exceção. Numa simples caravela, frágil e leve, naveguei durante vários meses sobre o furioso oceano, com o propósito de chegar às terras da América.

Assevero com veemência que jamais tive a intenção de saquear os templos dos Augustos Mistérios, nem de conquistar povos ou destruir cidades. Andei por estas terras da América em busca de fortuna, porém, cometi muitos erros.

Estudá-los é necessário porque necessitamos conhecer os paralelos e verificar conscientemente a sábia Lei da Recorrência. Esses eram os meus tempos de *Boddhisattwa* caído, quando também não era nenhuma mansa ovelha.

Já se passaram muitos séculos, mas tendo a consciência desperta, jamais poderei esquecer tanto desatino. A primeira paralela que devemos estudar corresponde, exatamente, ao meu atual corpo físico. Tendo chegado em frágil embarcação da mãe pátria, estabeleci-me muito próximo das escarpadas costas do Atlântico.

Por aqueles tempos da conquista espanhola, existia, desgraçadamente, o negócio internacional relacionado com a infame venda de negros africanos. Conheci, então, para o meu bem ou para o meu mal, uma nobre família de cor, originária da Argélia. Recordo ainda uma donzelinha tão negra e tão formosa como um sonho milagroso das Mil e Uma Noites e compartilhei com ela o leito de prazeres no jardim das delícias, movido pelo incentivo da curiosidade; queria conhecer o resultado daquele cruzamento racial. Dele nasceu um menino mulato. Até aí, nada de excepcional; mais tarde vieram o neto, o bisneto e o tataraneto.

Naqueles tempos de *Boddhisattwa* caído me esqueci das famosas marcas astrais que se originam do coito e que todo desencarnado leva em seu *Karmasaya*. É evidente que tais marcas relacionam uma pessoa com aquelas pessoas consanguíneas oriundas do coito químico. É oportuno dizer que os Yogues da Índia têm feito sobre isto detidos estudos. Meu atual corpo físico vem da citada cópula metafísica. Noutras palavras, digo que assim fiquei vestido com a carne que trago em minha presente existência. Meus antepassados pais foram exatamente os descendentes daquele ato sexual do marquês. Assombra que nossos descendentes, através do tempo e da distância, transformam-se em ascendentes. É maravilhoso que depois de alguns séculos venhamos a nos revestir com nossa própria carne, e nos transformamos em filhos de nossos próprios filhos.

Viagens incessantes por essas terras da Nova Espanha caracterizavam a vida do marquês. Estas mesmas viagens repetiram-se em minhas subseqüentes existências, incluindo a atual. Litelantes, como sempre, esteve ao meu lado, suportando pacientemente todas essas loucuras de meus tempos de *Boddhisattwa* caído. Chegando o outono da vida em cada reencarnação, confesso sem rodeios que sempre me unia à sepultadora, uma antiga iniciada, por quem sempre abandonava minha esposa e que numa e outra existência cumpriu com seu dever de

me dar uma sepultura cristã. No entardecer da minha vida presente, voltou a mim essa antiga iniciada. Reconheci-a de imediato, porém, como já não estou mais caído, a repudiei com doçura e ela se afastou aflita.

Revestido com a personalidade altiva e até insolente do marquês, iniciei o retorno à mãe pátria depois de uma asquerosa briga motivada por um carregamento de diamantes brutos, extraídos de uma mina muito rica. Para o bem de muitos leitores digo que após um curto intervalo na Região dos Mortos, tive que entrar novamente em cena, reencarnando-me na Inglaterra. Ingressei no seio da ilustre família Bleler e fui batizado com o piedoso nome de Simeón.

Com o florescer da juventude mudei-me para a Espanha, movido pelo íntimo anseio de retornar à América. Assim, trabalha a Lei da Recorrência. Repetiram-se, obviamente, no espaço e no tempo, as mesmas cenas, idênticos dramas, similares despedidas, inclusive, como é natural, a viagem através do borrascoso oceano.

Intrépido, saltei nas costas tropicais da América do Sul, habitadas então por diferentes tribos. Explorando essas e aquelas regiões de selvas habitadas por animais ferozes, cheguei ao vale profundo de Nova Granada (Colômbia) e aos sopés das montanhas de Monte Serrat e de Guadalupe [atual Bogotá], formoso país governado pelo vice rei Solis.

Comecei então nesses tempos a pagar o karma que devia desde os anos de marquês. Entre aqueles crioulos na Nova Espanha, eram inúteis os meus esforços para conseguir algum trabalho bem remunerado. Desesperado pela má situação econômica, ingressei como um simples soldado raso no exército soberano. Ali pelo menos encontrei alimento, roupa e teto.

Num dia festivo, logo cedo, as tropas de Sua Majestade se preparavam para render honras especiais ao seu chefe. Por isso, se deslocavam para todos os lados, realizando manobras com o propósito de organizar contingentes. Recordo ainda certo sargento mal encarado e briguento que aos gritos e maldições passava revista em seu pelotão.

De repente, chegando-se diante de mim, insultou-me gravemente, porque meus pés não se achavam em correta posição militar. Depois, observando detalhes minuciosos de minha jaqueta, traiçoeiramente esbofetou-me. O que sucedeu, a seguir, não é muito difícil de adivinhar, pois nada de bom se pode esperar de um *Boddhisattwa* caído.

Sem reflexão alguma, torpemente cravei minha afiada baioneta sanguínea em seu aguerrido peito. O homem caiu por terra ferido de morte. Gritos de pavor se ouviram, mas eu fui astuto e aproveitando a confusão, a desordem e o espanto geral, escapei daquele lugar, perseguido muito de perto pela soldadesca bem armada.

Andei por muitos caminhos rumo às escarpadas costas do oceano Atlântico. Era procurado por todos os lugares. Conseqüentemente, evitava passar pelas alfândegas dando muitas voltas através da selva. Nos caminhos carroçáveis, que eram bem poucos naqueles tempos, passavam ao meu lado algumas caruagens arrastadas por parelhas de briosos corcéis.

Viajavam em tais veículos pessoas que não tinham o meu karma, indivíduos abastados. Certo dia, à beira do caminho próximo de uma aldeia, achei uma casinha muito humilde e nela penetrei com a intenção de tomar uma bebida, pois queria me reanimar um pouco. Fiquei atônito, assombrado, ao descobrir que a dona daquela venda era Litelantes. Eu a havia amado tanto e agora a encontrava casada e mãe de vários filhos. Que reclamações poderia fazer? Paguei a conta e afastei-me com o coração partido...

Continuava a marcha pelo caminho quando, com algum temor, pude verificar que alguém vinha ao meu encalço. Era o filho daquela senhora, uma espécie de Alcaide Rural. Aquele homem tomou a palavra e disse-me: “De acordo com o artigo 16 do código do Vice-Rei, você está detido”.

Inutilmente tentei suborná-lo. Aquele homem bem armado conduziu-me ante os tribunais onde, depois de sentenciado, tive de pagar com uma longa prisão a morte do conhecido sargento. Quando tive liberdade, andei pelas orlas inóspitas, selvagens e terríveis do caudaloso Rio Magdalena, exercendo difíceis trabalhos braçais onde existisse a oportunidade.

Como nota interessante do presente capítulo, devo dizer que a Essência desse Alcaide, que me fez passar tantas amarguras encerrado numa imunda prisão, retornou em corpo feminino. É agora uma filha minha. Certamente já é até mãe de família e me tem dado alguns netos. Antes de seu reingresso interroguei essa alma nos mundos supra-sensíveis. Perguntei-lhe sobre o motivo que a induzia a buscar-me por pai. Respondeu-me sobre o motivo que tinha remorso pelo mal que me havia causado e queria portar-se bem comigo, para corrigir seus erros. Confesso que está cumprindo sua palavra...

Naquela época me estabeleci nas costas do oceano Atlântico, depois de infinitas amarguras kármicas, repetindo assim todos os passos do insolente marquês Juan Conrado. O melhor que fiz foi haver estudado o esoterismo, a medicina natural e a botânica. Os nobres aborígenes daquelas terras tropicais retribuíaam agradecidos com amor o meu trabalho médico, pois curava-lhes sempre de forma desinteressada. Certo dia, aconteceu o seguinte: apareceu um grande senhor, vindo da Espanha e narrou-me seus infortúnios. Trazia num barco toda sua fortuna e os piratas o seguiam. Queria um lugar seguro para enterrar seus ricos tesouros.

Fraternalmente ofereci-lhe apoio e até propus a abrir uma cova para guardar suas riquezas. Aquele homem aceitou meus conselhos, não sem antes me exigir solene juramento de honradez e lealdade.

Após nos entendermos com a fragrância da sinceridade e o perfume da cortesia dei ordens a minha gente. Um grupo seletivo de aborígenes abriu a terra. Feito o buraco, colocamos ali, com grande cuidado, um enorme baú e uma caixa contendo barras de ouro maciço e ricas jóias de incalculável valor. Mediante certos exorcismos mágicos fiz o encantamento das jóias guardadas, como disse D. Mario Roso de Luna, com o propósito de torná-las invisíveis ante os desagradáveis olhos da cobiça.

O cavalheiro me remunerou muito bem, fazendo-me generosa entrega de uma rica bolsa com moedas de ouro. A seguir, afastou-se daquele lugar, fazendo a si mesmo a promessa de voltar à sua mãe pátria e trazer de lá a sua família, pois desejava estabelecer-se senhorialmente nas belas terras da Nova Espanha [Colômbia].

O relógio de areia do destino jamais fica parado. Passaram-se os dias, os meses e os anos e aquele bom homem jamais regressou. Talvez tenha morrido em sua terra ou tenha sido vítima da pirataria que então infestava os sete mares... não sei.

Existem casos sensacionais na vida. Certo dia, em minha presente reencarnação, estando longe desta minha terra mexicana, conversava sobre dito assunto com um grupo de irmãos gnósticos, entre os quais despontava por sua sabedoria, o mestre Gargha Kuichines. Tive então uma tremenda surpresa! Vi com místico assombro como o soberano comendador Gargha Kuichines se levantava para confirmar enfaticamente as minhas palavras. O Mestre nos informou que pessoalmente tinha visto o escrito de tal relato em dourados versos. Falou-nos de um velho livro poeirento e lamentou havê-lo emprestado. Meu Deus, jamais eu soube de tal tratado!

Antigas tradições nos dizem que muitas pessoas destas costas do Caribe estiveram buscando o tesouro de Bleler. Curioso é que aqueles nobres aborígenes que antes enterraram tão rica fortuna estão novamente reincorporados formando o grupo do S.S.S. (*Summum Supremum Sanctuarium*). Assim trabalha a Lei da Recorrência.

Recordo claramente que depois daquela minha tempestuosa existência com a referida personalidade inglesa, fui constantemente invocado por essas pessoas que se dedicam ao espiritismo. Queria que lhes dissesse qual era o lugar onde se encontrava guardado o precioso tesouro. Cobiçavam o tesouro de Bleler; contudo, fiel a meu juramento na região dos mortos, evidentemente jamais quis entregar o segredo.

Repetindo os passos do insolente marquês Juan Conrado, em minha subsequente existência, reencarnei-me no México. Meu nome de batismo foi Daniel Coronado. Nasci no Norte, pelos arredores de Hermosillo; todos estes lugares foram conhecidos em outros tempos pelo marquês.

Meus pais quiseram todo o bem para mim. Inscreveram-me ainda jovem na Academia Militar, mas foi tudo em vão. Certo dia aproveitei de forma desastrosa um fim-de-semana em comilanças e bebedeiras com amigos muito loucos. Confesso, com certa vergonha, que tive de regressar à casa com o uniforme de cadete todo sujo, destroçado e roto. Meus pais sentiram-se frustrados e, como era de se esperar, não voltei mais para a Academia Militar. A partir desse momento começou meu caminho de amarguras. Felizmente reencontrei Litelantes, que estava reencarnada com o nome de Lígia Paca (ou Francisca) e em boa hora recebeu-me por esposo.

Biografar qualquer vida é um trabalho muito difícil e de judicioso conteúdo. Por isso, ressalto apenas determinados detalhes com fins esotéricos. Inquestionavelmente eu não desfrutava de cômoda situação, pois ganhava o pão de cada dia com dificuldades. Comia, muitas vezes, com o mísero salário de Lígia. Ela era uma pobre professora da escola rural e, para culminar, atormentava-a, inclusive, com meus execráveis ciúmes. Não queria ver com bons olhos os seus colegas de magistério, os quais tinham por ela grande estima. Entretanto algo de útil fiz por aqueles tempos: formei um belo grupo esotérico gnóstico em pleno Distrito Federal. Os estudantes de tal congregação, em minha atual existência, retornaram a mim, de acordo com a Lei da Recorrência.

Durante o cruel regime porfirista tive um cargo não muito agradável na polícia rural. Cometi o erro imperdoável de julgar o famoso “golondrino”, perigoso bandoleiro que atacava a comarca e é claro que esse perverso morreu fuzilado. Em minha atual existência reencontrei-o reincorporado num corpo feminino. Sofria de delírio e perseguição. Temia que o encarcerassem por furto e lutava por desatar-se de certos laços imaginários. Acreditava que ia ser fuzilado. É lógico que cancelei minha dívida curando aquela enferma. Os psiquiatras haviam falhado lamentavelmente porque não foram capazes de saná-la.

Ao estalar a rebelião contra D. Porfirio Diaz abandonei o nefasto posto da Polícia Rural. Reuni-me, então, com humildes trabalhadores de “pá e picareta”, pobres peões explorados por fazendeiros, e organizei um batalhão. Era de fato admirável aquele valoroso punhado de gente simples armada apenas com facões, pois ninguém tinha dinheiro para comprar armas de fogo.

Felizmente o general Francisco Villa nos recebeu na divisão do norte. Ali deram-nos cavalos e fuzis. Não há dúvida que naqueles anos de tirania lutamos por uma grande causa. O povo mexicano gemia sob as botas da ditadura.

Digo, em nome da verdade, que minha personalidade como Daniel Coronado foi um fracasso. A única coisa pela qual valeu a pena viver foi o grupo esotérico no Distrito Federal e o meu sacrifício na revolução. A meus companheiros de rebelião lhes digo: abandonei as fileiras quando adoeci gravemente. Nos últimos dias dessa vida tormentosa andei descalço pelas ruas do Distrito Federal, com as roupas em trapos, faminto, velho, doente e mendigando. Confesso, com profundo pesar, que vim a falecer num casebre imundo. Recordo aquele instante em que o médico sentado numa cadeira, depois de me examinar, exclamou, movendo a cabeça: este caso está perdido, e logo se retirou. O que aconteceu a seguir foi terrível. Senti um frio espantoso como o gelo da morte. A meus ouvidos chegaram gritos de desespero. São Pedro, São Paulo, ajuda! Assim exclamava aquela mulher à qual chamo de a sepultadora.

Estranhas mãos esqueléticas agarraram-me pela cintura e tiraram-me do corpo físico. Era o Anjo da Morte que intervinha resolutamente e cortava com sua foice o Cordão de Prata. A seguir, abençoou-me e se afastou.

Bendita morte. Quanto tempo te aguardava! Finalmente chegaste em meu auxílio, pois bastante amarga era a minha existência. Feliz repousei nos mundos superiores, depois de inúmeras amarguras. A dor humana dos mortais também tem um limite, além da qual reina a paz.

Infelizmente não durou muito tempo aquele repouso no seio profundo da eternidade. Um dia qualquer, não importa qual, muito tranqüilo veio a mim um dos brilhantes Senhores da Lei, tomou a palavra e disse:

– Mestre Samael Aun Weor, tudo já está preparado. Siga-me...

Eu respondi de imediato:

– Sim, venerável Mestre, eu o seguirei.

– Andamos então juntos por diversos lugares. Finalmente penetramos numa casa senhorial.

Atravessamos um pátio, depois uma sala e logo entramos no quarto da matrona. Ouvimos que se queixava de dores do parto. Esse foi o instante místico em que vi, com assombro, o cordão de prata de minha existência atual, conectado psiquicamente ao bebê que estava para nascer.

Momentos depois, aquela criatura inala com avidez o *prana* da vida. Senti-me atraído para o interior daquele pequeno organismo e logo chorei com todas as forças de minha alma. Vi ao meu redor algumas pessoas que sorriam para mim. Confesso que me chamou a atenção de forma especial um gigante que me fitava com carinho. Era meu pai terreno.

Digo, com certa ênfase, que aquele bom autor de meus dias fora na época medieval, durante os tempos da cavalaria, um nobre senhor, a quem tive de vencer em cruentas batalhas. Jurou-me vingança e cumpriu-a em minha presente existência. Movido por dolorosas circunstâncias, abandonei muito jovem a casa paterna. Viajei por todos aqueles lugares onde antes estivera em existências passadas. Repetiram-se os mesmos dramas, as mesmas cenas.

Litelantes apareceu novamente em meu caminho. Reencontrei meus velhos amigos. Quis falar-lhes, porém não me conheceram. Inúteis foram os meus esforços para fazer-lhes recordar nossos tempos idos. Contudo, algo novo sucedeu em minha presente reencarnação. Meu Real Ser interior fez esforços desesperados, terríveis, para me trazer ao caminho reto do qual havia me afastado há muito tempo.

Confesso francamente que dissolvi o ego e que me levantei do lodo da terra. É óbvio que o Eu está submetido à Lei da Recorrência. Quando o ‘mim mesmo’ se dissolve, adquirimos liberdade e nos tornamos independentes da citada Lei.

A prática tem me ensinado que as diferentes cenas das diversas existências se processam dentro da espiral cósmica, repetindo-se sempre, ora em espirais mais altas, ora em mais baixas. Todos os feitos do marquês, incluindo suas inúmeras viagens, repetiram-se em espirais cada vez mais baixas, nas três reencarnações subseqüentes.

Existem no mundo pessoas de repetição automática exata. Essas pessoas renascem sempre no mesmo povo, em sua própria família. É evidente que tais Egos já sabem de memória o papel e até se dão ao luxo de profetizar sobre si mesmos. É claro que, a constante repetição não os deixa esquecer acontecimentos; por isso parecem adivinhos. Essas pessoas costumam assombrar seus familiares pela exatidão de seus prognósticos.

CAPÍTULO 39
A TRANSMIGRAÇÃO DAS ALMAS



Tendo como cenário o anfiteatro cósmico, quero colocar nestas páginas algumas recordações. Muito antes que surgisse do *Kaos* a cadeia lunar da qual falaram tantos ilustres escritores teosóficos, existiu um universo, do qual agora restam apenas suas marcas entre os íntimos registros da Natureza.

Foi num mundo desses onde ocorreu o que a seguir relatarei com o evidente propósito de esclarecer a Doutrina da Transmigração das Almas. De acordo com os desideratos cósmicos, naquele planeta evoluíram e involuíram sete raças humanas, muito semelhantes às de nosso mundo. Por ocasião de sua 5ª raça raiz, muito parecida com a nossa, existiu a abominável civilização do *Kali-yuga* ou Idade de Ferro, tal como nestes momentos temos aqui na Terra.

Eu era apenas um pobre animal intelectual condenado à pena de viver; vinha de mal a pior, reincorporando-me, incessantemente, em organismo masculino e feminino, segundo o débito e o crédito com o Karma. Confesso que inutilmente a minha Mãe Natureza trabalhava criando-me corpos, mas eu sempre os destruía com meus vícios e paixões. Qual maldição insuportável, cada uma de minhas existências se repetia dentro da linha espiralada, em curvas cada vez mais baixas.

Obviamente, havia-me precipitado pelo caminho involutivo e decadente. Revolvía-me como um porco no lodo abjeto de todos os vícios e nem remotamente me interessavam os assuntos espirituais. É inquestionável que me havia tornado um cínico irredento; qualquer tipo de castigo, por mais grave que fosse, estava condenado ao fracasso.

Dizem que 108 contas tem o colar de Buddha e isto nos indica o número de vidas que corresponde a cada Alma. Devo enfatizar que a última dessas 108 existências foi para mim algo definitivo. Ingressei no reino mineral submerso.

A última dessas personalidades foi do sexo feminino; depois de me revolver no leito de Procusto, serviu-me de passaporte para o inferno.

Dentro do ventre mineral daquele mundo blasfemava, maldizia, feria, insultava, fornicava espantosamente e me degenerava mais e mais, sem nunca dar mostras de arrependimento. Sentia-me caindo na remota distância do passado. A forma humana me desagradava. Preferia assumir dentro desse abismo figuras de animais. Depois, parecia que era planta, sombra que deslizava aqui, ali e lá. Por último, senti que me fossilizava. Transformar-me em pedra? Que horror!...

Contudo, já estava tão degenerado que nem isto me importava. Ver, qual leproso da cidade dos mortos vivos, cair dedos, orelhas, nariz, braços e pernas, certamente não é nada agradável. Porém, nem isto me comovia. Fornicava incessantemente no leito de Procusto com quantas larvas se aproximassem e sentia que me extinguiu como uma vela de cera.

A vida dentro das entranhas minerais daquele planeta era bastante aborrecida. Por isso, como que pretendendo matar o tempo, longo e tedioso, revolvía-me como um porco na imundície.

Debilitava-me espantosamente, todo feito pedaços, e morria penosamente. Desintegrava-me com uma lentidão horrível. Nem sequer tinha mais forças para pensar – melhor assim. Finalmente chegou a Morte Segunda, da qual fala o Apocalipse de São João. Exalei o derradeiro alento e a Essência logo ficou livre. Vi-me transformado em bela criança. Certos Devas, depois de me examinarem detidamente, permitiram-me entrar pelas portas atômicas que conduzem de regresso à superfície planetária, à luz do sol. É claro que o Ego, o Mim Mesmo, o Eu, havia morrido. Minha alma livre assumia agora a bela forma de terna criança. Que felicidade, meu Deus! Quão grande é a misericórdia de Deus!

A Essência liberada do Ego é intimamente inocente e pura. O Eu transformou-se dentro das entranhas daquele mundo em poeira cósmica. Quanto tempo vivi nos mundos infernos? Não sei. Possivelmente de 8 a 10 mil anos.

Agora, desprovido do Ego, retornei à senda de tipo evolutivo. Ingressei no reino dos gnomos ou pigmeus, seres que trabalham com o limo da terra, elementais inocentes do mineral. Mais tarde, ingressei nos paraísos elementais do reino vegetal, reincorporando-me constantemente em plantas, árvores e flores. Quão feliz sentia-me nos tempos do Éden, recebendo ensinamentos aos pés dos De-

vas. A felicidade dos paraísos Jinas é inconcebível para o raciocínio humano. Cada família nesses paraísos tem seus templos e seus instrutores. Alguém pode se encher de êxtase ao entrar no santuário das laranjeiras ou na capela da família elemental das hortelãs ou na igreja dos eucaliptos.

Tratando-se de processos evolutivos devemos fazer o seguinte enunciado: *natura non facit saltus* (a natureza não dá saltos). É evidente que os estados mais avançados do reino vegetal permitiram-me passar para o estado animal. Comecei a me reincorporar em organismos muito simples. Depois de ter possuído milhões de corpos, terminei por retornar em organismos cada vez mais complexos.

Como nota sobressalente destes parágrafos, devo dizer que ainda conservo recordações muito interessantes de uma dessas tantas existências, às margens de um formoso rio de águas cantantes, que alegres se precipitavam em seu leito de rochas milenares. Era, então, uma humilde criatura, uma espécie muito particular do gênero dos batráquios. Movia-me dando saltos daqui para lá e de lá para cá, entre as árvores. Evidentemente tinha plena consciência de mim mesmo. Sabia que outrora havia pertencido ao perigoso reino dos animais intelectuais. Meus melhores amigos eram os elementais desses vegetais que tinham suas raízes às margens do rio. Com eles conversava na linguagem universal.

Morava deliciosamente na sombra, muito longe de todos os humanóides racionais. Quando pressentia algum perigo refugiava-me, de imediato, nas águas cristalinas. Muitas vezes continuei retornando em diferentes organismos, antes que tivesse a felicidade de reincorporar-me numa espécie de anfíbios muito inteligentes, que alegres saíam das procelosas águas do rio para receber os raios solares na arenosa praia.

Quando chegou o terrível momento que faz tremer de medo a todos os mortais dei o último adeus aos três reinos inferiores e regressei a um organismo humanoíde. Assim, reconquistei, trabalhosamente, o estado de animal racional que outrora perdera.

Neste meu novo estado de bípede tricerebrado ou tricentrado, rememorava, evocava insólitos acontecimentos abismais e nem remotamente desejava voltar ao mundo soterrado. Ansiava aproveitar, com sabedoria, o novo ciclo de 108 existências que agora me era novamente concedido para minha auto-realização íntima.

A experiência passada havia deixado dolorosas cicatrizes no fundo de minha alma e de modo algum estava disposto a repetir os processos involutivos dos mundos infernos. Bem sabia que a roda do Samsara gira incessantemente em forma evolutiva e involutiva, e que as Essências, depois de sua passagem pelo reino animal intelectual, descem milhares de vezes ao horroroso precipício, para eliminar os elementos subjetivos das percepções. Contudo, de nenhuma maneira ansiava mais sofrimentos abismais. Por tal razão estava bem disposto a aproveitar meu novo ciclo de existências racionais.

Por essa época, a civilização do referido planeta havia chegado ao seu ápice. Os habitantes daquele mundo tinham naves marítimas e aéreas, gigantescas cidades supermodernas, poderosas indústrias e comércio, e todos os tipos de universidades, dentre tantas outras coisas.

Lamentavelmente, essa ordem de coisas não se combinavam com as inquietudes do espírito. Numa dessas minhas novas existências humanóides, com a Consciência inquieta, como que sentindo um estranho terror, resolvi inquirir, indagar, buscar o caminho secreto. Diz um provérbio da sabedoria antiga que “quando o discípulo está preparado o mestre aparece”.

O guru, o guia, apareceu para me tirar das trevas para a luz. Ele me ensinou os mistérios da vida e da morte, indicando-me a senda do “fio da navalha”. Assim adveio o Mistério do Áureo Florescer.

Eu compreendia a fundo minha própria situação. Sabia que era tão somente um pobre homúnculo racional, mas ansiava me transformar em homem verdadeiro, e é óbvio que consegui naquele grande Dia Cósmico, naquele antepassado sideral, muito antes do *Mahamvantara* de Padma ou Lótus de Ouro.

Desgraçadamente, por aqueles tempos remotos, quando apenas iniciava meus estudos esotéricos aos pés do mestre, não gozava de fortuna alguma. Minha família – habitantes daquele mundo – vivia na pobreza. Uma irmã que cuidava de minha casa ganhava míseros centavos no mercado público vendendo frutas e verduras e eu costumava acompanhá-la.

Numa determinada ocasião me encerraram numa horrenda prisão, sem motivo algum. Muito tempo permaneci atrás das grades daquele cárcere. Contudo – isto é curioso – ninguém me acusava. Não existia delito para me condenar. Tratava-se de um caso muito especial e, para culminar, nem sequer figurava

meu nome na lista de presos. Obviamente, existia uma secreta perseguição contra os Iniciados, assim o compreendi.

Pacientemente, na espera de alguma oportunidade, aguardava qualquer instante venturoso com o propósito de fugir. Várias vezes tentei, mas em vão. Finalmente, um dia, sem saber como nem porque, os guardas esqueceram uma das portas abertas. É claro que não estava disposto a perder aquela tão esperada oportunidade. Em questão de segundos deixei aquela prisão. Logo a seguir rodeei algumas vezes uma praça de mercado com o desejo de despistar alguns policiais que conseguiram me avistar e me seguiam. Não obstante, triunfei em minha fuga e afastei-me daquela cidade para sempre.

Concluirei o presente capítulo dizendo que só trabalhando na Frágua Acesa de Vulcano consegui me transformar em homem autêntico.

CAPÍTULO 40
O ARCANO DEZ



Sob o ponto de vista rigorosamente acadêmico, a palavra ‘evolução’ significa ‘desenvolvimento’, ‘construção’, ‘progresso’, ‘edificação’, ‘avanço’, ‘dignificação’, etc.

Fazendo um enfoque gramatical ortodoxo, puro, o termo ‘involução’ quer dizer ‘regressão’, ‘retrocesso’, ‘destruição’, ‘degeneração’, ‘decadência’, etc.

Enfatizamos a idéia transcendente de que a Lei das Antíteses coexiste com qualquer processo cruamente natural. Este conceito é absolutamente irrefutável e irrefutável e aqui apresentamos alguns exemplos concretos: dia e noite, luz e trevas, construção e destruição, crescimento e decrescimento, nascimento e morte.

A exclusão de qualquer dessas duas citadas leis – evolução e involução – originaria a estática, a imobilidade, a paralisação radical dos mecanismos naturais. Negar qualquer um desses preceitos significa cair no barbarismo.

Existe evolução na planta que germina, se desenvolve e cresce. Existe a involução no vegetal que caduca, decresce lentamente, até se transformar num monte de lenha.

Existe evolução em todo organismo que gesta, nasce e se desenvolve. Existe involução em toda criatura que envelhece e morre.

Existe evolução em qualquer unidade cósmica que surge do *Kaos*. Existe involução em todo planeta em estado de consumação, chamado a se transformar em lua, em cadáver.

Há evolução em toda civilização ascendente. Há involução em qualquer cultura de tipo descendente.

Essas duas leis constituem o eixo mecânico fundamental da Natureza, sem o qual não poderia girar a roda dos mecanismos naturais. A vida se processa em ondas que giram com o Arcano 10 do Tarô.

Ondas essenciais iniciam sua evolução no reino mineral; prosseguem com o estado vegetal e continuam na escala animal. Por último, alcançam o nível de tipo humanóide intelectual.

Ondas de vida descem, depois, envolvendo dentro do interior do organismo planetário para baixar pelas escalas animal e vegetal até regressar ao reino mineral.

Gira a Roda do Samsara. Pelo lado direito sobe Anúbis, evoluindo. Pelo lado esquerdo desce Tiphon, envolvendo. A estadia dentro do reino humanóide intelectual é algo muito relativo e circunstancial.

Com muita exatidão nos tem sido dito que qualquer período humanóide consta sempre de 108 existências de tipo evolutivo e involutivo. Para cada ciclo humanóide racional está consignado 108 existências guardando estrita concordância matemática com o número de contas que formam o Colar de Buddha.

Depois de cada época humanóide, de acordo com as leis do Tempo, Espaço e Movimento, gira inevitavelmente a Roda do Arcano 10 do Tarô. É evidente então que as ondas de vida que envolvem descem ao interior do organismo planetário para reascender, evolutivamente, mais tarde.

Três mil vezes gira a Roda do Samsara. Compreender isto, captar seu profundo significado, é indispensável e inadiável se realmente ansiamos a libertação final.

Continuando com o presente capítulo, é necessário chamar a atenção do leitor com o propósito de afirmar o seguinte: Concluídos os três mil períodos da Grande Roda, qualquer tipo de Auto-realização Íntima torna-se impossível.

Noutras palavras afirmamos que a cada Mônada corresponde matematicamente três mil ciclos [de 108 vidas] para sua Auto-realização interior profunda. Após a última volta da Roda as portas se fecham. Quando isso ocorre, a Mônada, a Chispa Imortal, nosso Real Ser, recolhe sua Essência e seus princípios para absorver-se definitivamente no seio Disso que não tem nome, o Supremo Parabrahmatman. É óbvio que as Mônadas fracassadas não conseguiram a Maestria. Possuem a felicidade divina, mas não têm legítima autoconsciência. São apenas Chispas da Grande Fogueira; não puderam transformar-se em Chamas.

Nenhum tipo de desculpas poderão dar essas Chispas, pois as três mil voltas da Roda se processam através de muitos Dias Cósmicos e em variados cenários universais, oferecendo infinitas possibilidades.

Sobre a Roda do Arcano 10 vemos uma Esfinge adornada com uma coroa de nove pontas metálicas. Tal figura egípcia não se encontra situada nem à direita, nem à esquerda da Grande Roda. A coroa nos está falando da nona esfera, do sexo, do trabalho esotérico na Frágua Acesa de Vulcano. Essa hierática imagem tão afastada das leis evolutivas e involutivas, simbolizadas nos lados direito e esquerdo da roda, nos está indicando a senda da Revolução da Consciência, a Sabedoria Iniciática Real.

Só entrando pelo caminho da rebelião íntima, só apartando-nos das sendas evolutivas e involutivas da Roda do Samsara, poderemos nos transformar em homens autênticos, legítimos e verdadeiros. A exclusão intransigente da Doutrina da Transmigração das Almas ensinada por Krishna, o grande Avatar hindu, vem nos engarrafar no dogma da evolução.

Em questões de esoterismo, orientalismo, ocultismo, etc., os eruditos têm plena liberdade para escrever o que lhes aprouver. Contudo, não devem esquecer o Livro de Ouro. Quero me referir ao padrão de medidas, o Tarô.

Ninguém pode violar impunemente as leis do Tarô sem receber o troco. Recordai que existe a Lei da Katância (o Karma Superior). Há, portanto, responsabilidade nas palavras.

O dogma da evolução viola as leis cósmicas do Arcano 10 do Tarô, viola os desideratos do livro de ouro e conduz muitas pessoas ao erro.

Todo erudito ocultista, esoterista, deve sempre apelar para o padrão de medidas, o Tarô, se não quiser cair no absurdo.

Paz Inverencial!

Samael Aun Weor

ÍNDICE



APRESENTAÇÃO	6
PRÓLOGO DO ORIGINAL	8
CAPÍTULO 1 – MAGIA SEXUAL	13
CAPÍTULO 2 – RASPUTIN	16
CAPÍTULO 3 – O DIABO ILUSIONISTA	21
CAPÍTULO 4 – A LANÇA ESOTÉRICA	24
CAPÍTULO 5 – O EU LASCIVO	29
CAPÍTULO 6 – EROS	31
CAPÍTULO 7 – EUS LUXURIOSOS	38
CAPÍTULO 8 – O EU DA BRUXARIA	41
CAPÍTULO 9 – O PAROXISMO SEXUAL	46
CAPÍTULO 10 – VISITANTES TENEBROSOS	49
CAPÍTULO 11 – A CABEÇA DE JOÃO BATISTA	52
CAPÍTULO 12 – O FINAL DE UM TRIÂNGULO FATAL	55
CAPÍTULO 13 – RITUAL PANCATATTWA	60
CAPÍTULO 14 – PODERES TATTWICOS	67
CAPÍTULO 15 – O ABOMINÁVEL VÍCIO DO ÁLCOOL	70
CAPÍTULO 16 – PAUSA MAGNÉTICA CRIADORA	75
CAPÍTULO 17 – O DESDOBRAMENTO	78
CAPÍTULO 18 – INTERCÂMBIO MAGNÉTICO	83
CAPÍTULO 19 – O DEMÔNIO ALGOL	86
CAPÍTULO 20 – A COBIÇA	90
CAPÍTULO 21 – TRAIÇÃO	97
CAPÍTULO 22 – COMPREENSÃO	104
CAPÍTULO 23 – ELIMINAÇÃO	106
CAPÍTULO 24 – O FOGO SAGRADO	110
CAPÍTULO 25 – A PÉROLA SEMINAL	115
CAPÍTULO 26 – O EMBRIÃO ÁUREO	120
CAPÍTULO 27 – A ESCOLA HINAYANA	123
CAPÍTULO 28 – BUDDHISMO ZEN	126
CAPÍTULO 29 – AS DUAS ESCOLAS	128
CAPÍTULO 30 – HOMENS DESPERTOS	131
CAPÍTULO 31 – GOETHE	134
CAPÍTULO 32 – A REENCARNAÇÃO	140
CAPÍTULO 33 – RETORNO	142
CAPÍTULO 34 – FECUNDAÇÃO	145
CAPÍTULO 35 – A BELEZA	147
CAPÍTULO 36 – A INTELIGÊNCIA	150
CAPÍTULO 37 – A LEI DO KARMA	153
CAPÍTULO 38 – A LEI DA RECORRÊNCIA	158
CAPÍTULO 39 – A TRANSMIGRAÇÃO DAS ALMAS	167
CAPÍTULO 40 – O ARCANO DEZ	172

Mais informações sobre Gnose, a EDISAW e a Igreja Gnóstica do Brasil nos seguintes endereços:

- Sede Nacional – Rua José Tomasi, 824 – Santa Felicidade
CEP 82015-630 – Curitiba / PR (41) 3372-7038
- Sede Paulista – Av. Brigadeiro Luis Antonio, 1422, sobreloja
CEP 01318-001 – São Paulo / SP. (11) 3266-4378
- Sede Paulista – Av. Fuad Lutfalla, 176, sobreloja
CEP 02968-000 – São Paulo / SP. (11) 2369-7473

ou e-mail faleconosco@gnose.org.br – www.gnose.org.br



Este livro digital foi disponibilizado gratuitamente pelo
Projeto Abragnose Digital, mantido pela
ABRAGNOSE - Academia Brasileira de Gnose.

O Projeto Abragnose Digital, por meio de contribuições
de estudantes gnósticos e simpatizantes,
tem por objetivo disponibilizar versões digitais gratuitas
de obras publicadas pela EDISAW - Editora Samael Aun Weor.

Para adquirir cópias impressas de obras do catálogo da EDISAW,
a preço de custo, visite a nossa loja na página www.edisaw.com.br.
Ao adquirir as versões impressas das obras da EDISAW
você contribui para a expansão do seu catálogo e
para a manutenção de sua obra de divulgação
do conhecimento gnóstico contemporâneo.

Para ajudar a manter este e outros trabalhos de cunho cultural,
assistencial e missionário você pode também contribuir diretamente
para com a ABRAGNOSE realizando doações
por meio da seguinte conta bancária:

Banco do Brasil
Agencia: 3390-1
Conta: 27.361-9
CNPJ 14.578.176/0001-30
Academia Brasileira de Gnose

Agradecemos o seu apoio!

Paz Inverencial!



EDISAW

Aviso de copyright:

Todos os direitos reservados para a EDISAW - Editora Samael Aun Weor.
A distribuição deste material é permitida desde que seja mantida a totalidade do material,
e seja expressamente mencionada a fonte (EDISAW / Projeto Abragnose Digital)
e ambos os nossos endereços na internet (www.gnose.org.br e www.edisaw.com.br).



Em 1912 Rudolf Steiner profetizou que no futuro viria um “ensinamento de tipo superior” ... Parte desta doutrina superior está aqui neste livro, no qual é ensinada a ascese da alquimia sexual e psicológica.

Além disso, o autor ensina que a Essência é uma fração da Alma e com essa fração podemos elaborar o Embrião Áureo ou a Flor Dourada dos taoístas, a qual estabelecerá em nós um perfeito equilíbrio entre o material e o espiritual.

No entanto, o que poucos sabem é que não é possível forjar o Embrião Áureo se antes não libertarmos a Essência que se encontra aprisionada dentro do Ego, do Eu. Desintegrando o Ego, a Essência ou Buddhata se transforma em Embrião Áureo, e a partir daí passamos a ter verdadeira evolução espiritual.

Quem conseguir forjar em si, mediante a disciplina esotérica e iniciática, esse maravilhoso Embrião Áureo, despertará em todas as regiões do mundo e do espaço cósmico, encarnará sua Tríade Imortal (Atman-Buddhi-Manas) e se transformará em um Adepto do Círculo Consciente da Humanidade Solar.

Gnose é aqui:
www.gnose.org.br



EDISAW

ISBN 978-85-62455-31-5



9 788562 455315